

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**



Dissertação de Mestrado

As novas gerações descendentes de imigrantes japoneses:
entre nihonjins e gaijins, a racialização amarela no sudeste rio-grandense.

Autor: Nikolas Yoshitaka de Oliveira Konishi.
Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle.

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Julho de 2021

Nikolas Yoshitaka Konishi

As novas gerações descendentes de imigrantes japoneses:
entre nihonjins e gaijins, a racialização amarela no sudeste rio-grandense.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Teorias Sociais e Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle

Pelotas, 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

K82n Konishi, Nikolas Yoshitaka

As novas gerações descendentes de imigrantes japoneses : entre Nihonjins e Gaijins, a racialização amarela no Sudeste Rio-Grandense / Nikolas Yoshitaka Konishi ; Marcus Vinicius Spolle, orientador. — Pelotas, 2021.
111 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Sociologia das migrações. 2. Imigração japonesa. 3. Interseccionalidade. 4. Performatividade. 5. Relações internacionais. I. Spolle, Marcus Vinicius, orient. II. Título.

CDD : 325

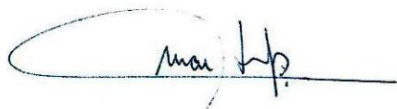
Nikolas Yoshitaka de Oliveira Konishi

As novas gerações descendentes de imigrantes japoneses:
entre nihonjins e gaijins, a racialização amarela no sudeste rio-grandense.

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 28 de julho de 2021.

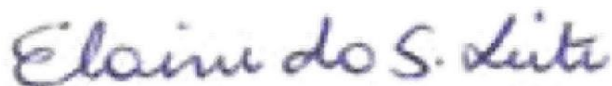
Banca examinadora:



.....
Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



.....
Prof. Dr. Helion Pova Netto. Doutor Geografia pela Universidade de São Paulo.



.....
Prof.ª Dr.ª Elaine Silveira Leite. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do São Carlos.

Dedico, *in memorium*, este estudo à minha oba-chan Mieko Konishi, quem me conectou com o outro lado do planeta Terra, quem me levou de companhia para conhecer o mundo.

Domo Arigato Gozaimashita!

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a minha mãe quem constantemente me incentivou aos estudos, mesmo não concluindo trajetórias e iniciando novas pelo caminho. Sempre em busca da realização profissional acadêmica.

Segundamente, mas não menos importante, para todes aqueles que se consideram minha família, agradeço a tudo que um dia já me teve amor.

Ao meu competente orientador, Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle, quem me acolheu e me guiou antes e durante o mestrado, com todas as minhas aventuras teóricas.

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pela bolsa de pesquisa parcialmente concedida.

Agradeço desde já às bancas de qualificação e de defesa, compostas pelos professores, Dra. Elaine da Silveira Leite (UFPel) e Dr. Helion Póvoa Neto (UFRJ), por contribuírem na minha jornada acadêmica.

Aproveito, ainda, para agradecer a todes aqueles que migraram e construíram as coisas boas deste mundo, assim como agradecer a todes que se dispuseram a oferecer suas narrativas e trajetórias de vida para a realização dos trabalhos de campo.

À Universidade Federal de Pelotas, ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, ao Bacharelado em Relações Internacionais, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia por oferecerem um ensino público, gratuito e de alta qualidade.

À todes docentes, discentes, técnicos-administrativos, trabalhadoras e trabalhadores. É uma honra fazer parte de uma instituição que tem contribuído mundialmente na área da pesquisa, principalmente saúde preventiva, com tem sido feito no enfrentamento ao coronavirus COVID-19.

Aos colegas de mestrado e doutorado do PPGS/UFPel, grupos de pesquisa, ensino, extensão e de bar. Espero logo revê-los.

Domo Arigato Gozaimashita!



No me regalen más libros
Porque no los leo
Lo que he aprendido
Es porque lo veo

Mientras más pasan los años
Me contradigo cuando pienso
El tiempo no me mueve
Yo me muevo con el tiempo

Soy las ganas de vivir
Las ganas de cruzar
Las ganas de conocer
Lo que hay después del mar

Yo espero que
Mi boca nunca se calle
También espero que
Las turbinas de este avión nunca me fallen

No tengo todo calculado
Ni mi vida resuelta
Solo tengo una sonrisa
Y espero una de vuelta

Yo confío en el destino
Y en la marejada
Yo no creo en la iglesia
Pero creo en tu mirada

Tú eres el Sol en mi cara
Cuando me levanta
Yo soy la vida que ya tengo
Tú eres la vida que me falta

Así que agarra tu maleta
El bulto, los motetes
El equipaje, tu valija
La mochila con todos tus juguetes

y
Dame la mano
Y vamos a darle la vuelta al mundo
Darle la vuelta al mundo [...]

(“La Vuelta Al Mundo”. CALLE 13, 2010)

Resumo

KONISHI, N.Y. As novas gerações descendentes de imigrantes japoneses: entre nihonjins e gaijins, a racialização amarela no sudeste rio-grandense. Orientador: Marcus Vinicius Spolle, 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A presente proposta de pesquisa busca sociologia das migrações discutir aspectos racializantes e interseccionais nas novas gerações de descendentes de imigrantes japoneses da mesorregião do sudeste rio-grandense. Com um recorte definido entre os limites municipais da cidade Rio Grande, em um período geracional definido a partir dos anos 1990, compreendendo assim a redemocratização brasileira e a década perdida japonesa. Considerando que o conceito Cultura atravessa o campo migrações e a categoria gerações, serão utilizados os estudos de Abdelmalek Sayad, Homi Bhabha, Edward Said e Stuart Hall em uma perspectiva pós-colonial, que busque discutir a identidade e a diferença como determinação da alteridade, afim de entender na construção das identidades locais características relacionais e não fixas. Finalmente, é aplicada uma análise para discutir como estas nova gerações lidam com os determinismos étnicos e com a racialização, assim como, para discutir como os indivíduos performatizam suas identidades, mobilizando suas vulnerabilidades, a partir da perspectiva de Judith Butler.

Palavras-chave: sociologia das migrações; imigração japonesas; cultura; performatividade; relações internacionais.

Abstract

KONISHI, N.Y. The new generations descending from Japanese immigrants: between nihonjins and gaijins, the yellow racialization in the southeast of Rio Grande do Sul. Advisor Marcus Vinicius Spolle, 2021. Dissertation (Master degree in Sociology) – Graduate Program in Sociology, Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This research proposal aims to discuss racializing and intersectional aspects in more recent descendents of previous generations of Japanese immigrants, within the mesoregion of southeastern Rio Grande do Sul state, in Brazil. With a defined scope on the municipality of Rio Grande, in a delimited generational period from the 1990s, thus considering the Brazilian re-democratization and the Japanese lost decade. Taking into account that the concept of Culture spreads over both the field of migrations and the category of generation, it is pertinent to consider ideas from authors such as Abdelmalek Sayad, Homi Bhabha, Edward Said and Stuart Hall in order to achieve a post-colonial perspective. This allows us to discuss identity and difference as a determination of otherness, seeking to understand relational and non-fixed characteristics in the construction of local identities. As a conclusion, an analysis is offered in aid to enhance the discussion regarding how these new generations deal with ethnic determinism and racialization, as well as to discuss how individuals, from the perspective proposed by Judith Butler, performatize their identities and mobilize their vulnerabilities.

Key-words: sociology of migration; Japanese immigration; culture; performativity; international relations.

LISTAS DE TERMOS EM JAPONÊS-PORTUGUÊS

DEKASSEGUI	出稼ぎ	Termo formado pela união dos verbetes 出る (deru, tradução: "sair") e 稼ぐ (kasegu, tradução: "obter dinheiro trabalhando").
GAIJIN	外人	"estrangeiro", "não-Japonês" ou "alien".
ISSEI	一世	Imigrantes japoneses.
NIHON	日本	"Japão" na fonética moderna, deriva de "Nihon Koku". Tradução literal: "Estado do Japão".
NIHONJIN	日本人	"Japonês nato" ou "povo japonês" na fonética moderna.
NIPPONJIN	日本人	"Japonês nato" ou "povo japonês" na fonética tradicional.
NIKKEI	日系	Imigrantes japoneses que vivem regularmente no exterior ou Descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.
NIPPON	日本	"Japão" na fonética tradicional, deriva de "Nippon Koku". Tradução literal: "Estado do Japão".
NISSEI	二世	Segunda Geração (filhos).
SANSSEI	三世	Terceira Geração (netos).
YONSEI	四世	Quarta Geração (bisnetos).
GOSEI	五世	Quinta Geração (trisnetos).

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Imagens

IMAGEM 1 - FESTIVIDADE KEROKAI EM PELOTAS.....	5
IMAGEM 2 - EMBAIXADOR DO JAPÃO EM RIO GRANDE.....	6
IMAGEM 3 - FESTIVIDADE UNDOKAI EM PELOTAS.....	8
IMAGEM 4 - MEMORIAL DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM RIO GRANDE.....	14
IMAGEM 5 - MEMORIAL DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM RIO GRANDE.....	16
IMAGEM 6 - BRASIL MARU II EM 1954.....	44
IMAGEM 7 - CANAL YO BAN BOO.....	61
IMAGEM 8 - A PARTICIPAÇÃO ASIÁTICA NO RACISMO ANTINEGRO.....	62
IMAGEM 9 - OUTRA COLUNA.....	63
IMAGEM 10 - PERIGO AMARELO.....	63
IMAGEM 11 - YO BAN BOO INSTAGRAM.....	64
IMAGEM 12 - OFERTAS DE MINICURSOS.....	64
IMAGEM 13 - AMARELITUDE.....	65

Figuras

FIGURA 1 - ZONA DE FRONTEIRA SUL: CIDADES E VILAS.....	10
FIGURA 2 – MAPA MUNDI DA AUTHAGRAPH.....	13
FIGURA 3 – ELEITORES BRASILEIROS NO EXTERIOR EM 2018.....	41

Gráficos

GRÁFICO 1 - A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL POR PERÍODOS.....	1
--	---

Tabelas

TABELA 1 - A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL POR PERÍODOS.....	41
TABELA 2 – POPULAÇÃO NIKKEI GAÚCHA.....	47
TABELA 3 – POPULAÇÃO AMARELA GAÚCHA.....	47
TABELA 4 - TERMOS RELATIVOS DE REFERÊNCIA.....	48
TABELA 5 - TERMOS RELATIVOS DE REFERÊNCIA (EXPANDIDO).....	51
TABELA 6 - CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. A RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR E A PESQUISA	5
1.2. A MESORREGIÃO DO SUDESTE RIO-GRANDENSE E A ZONA DE FRONTEIRA SUL	10
1.3. A PROPOSTA DA PESQUISA E SUA JUSTIFICATIVA	13
2. PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PANDÊMICAS	20
2.1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS INICIAIS E A COVID-19	21
2.2. ADAPTAÇÃO METODOLÓGICA: NETNOGRAFIA	23
2.3. ADAPTAÇÃO METODOLÓGICA: PLATAFORMAS DIGITAIS	25
3. DESCENDENTES DE IMIGRANTES MULTICULTURAIS	29
3.1. CULTURA EM UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL	30
4. A MIGRAÇÃO JAPONESA NO TRÂNSITO ENTRE-LUGARES.	35
4.1. NOVOS ATORES BRASILEIROS (1908)	37
4.2. ALIADOS DO EIXO (1942 - 1950)	39
4.3. DIÁSPORAS BRASILEIRA E NIPO-BRASILEIRA (1980 - 1990)	42
4.4. NOVOS ATORES GAÚCHOS (1956)	44
5. NOVAS GERAÇÕES DESCENDENTES DE IMIGRANTES JAPONESES	48
5.1. ENTRE NIHONJINS E GAIJINS	49
5.2. IDENTIDADE E DIFERENÇA	52
5.3. PERFORMATIVIDADE	55
6. A PERFORMATIVIDADE: IDENTIDADES ENTRE GAIJINS E NIHONJINS	60
6.1. ASIÁTICOS BRASILEIROS NO ESPAÇO VIRTUAL	61
6.2. DESCENDENTES DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO SUDESTE RIO-GRANDENSE	65
6.3. CATEGORIA DE ANÁLISE: RACIALIZAÇÃO	69
6.4. CATEGORIA DE ANÁLISE: AMARELITUDE	73
6.5. CATEGORIA DE ANÁLISE: MULHERES ASIÁTICAS	78
6.6. CATEGORIA DE ANÁLISE: TRADICIONALISMO	84
6.7. CATEGORIA DE ANÁLISE: NOVAS GERAÇÕES	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	101

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou reunir experiências de *descendentes de imigrantes japoneses* nos municípios de Pelotas¹ e Rio Grande. Foram ouvidas pessoas de faixa etária entre 20 e 30 anos de idade, categorizadas aqui como *novas gerações*, nascidas após 1990, no período que compreende a redemocratização brasileira e a década perdida japonesa. Foram problematizadas questões racializantes na construção das identidades.

As gerações nas imigrações japonesas possuem categorização própria no idioma japonês: *Nikkei, Issei, Nissei, Sansei, Yonsei, Gosei*, (...), onde os termos determinam a distância hierárquica, biologicamente verificada entre os descendentes e um ascendente japonês nato². Estes termos estão presentes em narrativas condensadas nos processos imigratórios e de formação do povo brasileiro, embora muitas vezes pouco conhecidas e relacionadas a fatores macropolíticos internacionais. Contudo, não são somente marcadores genéticos que atravessam as questões problematizadoras na construção das identidades. Existem transformações internacionais e interseccionais em contextos sociopolíticos diferentes, como os 50 anos de diferença entre as “bem sucedidas” experiências de imigração japonesa paulista e gaúcha.

Portanto, com o intuito de conhecer as diferentes narrativas dos processos geracionais nas migrações japonesas, ao sul do Brasil, a investigação desta pesquisa buscou dados através das plataformas digitais e de entrevistas pré-elaboradas, realizadas por videoconferência. As investigações desta pesquisa tentam, juntamente com os entrevistados, responder quem são essas novas gerações, como elas dão conta dos seus pertencimentos, como jogam com as suas diferenças geracionais e como constroem as suas identidades.

Em síntese, a área de trabalho desta pesquisa está centralizada no tema categórico das *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses*, cultivadas no extremo sul brasileiro, uma sub-região distante do Japão e das principais comunidades nipo-brasileiras. O campo de trabalho desta pesquisa tenta compreender as chamadas sociologias migratórias.

¹ Inviabilizado em motivo dos desdobramentos da pandemia do coronavírus, a covid-19.

² Direito Internacional Público: em virtude de nascimento (*jus soli*) e de ascendência (*jus sanguinis*).

A dissertação foi desenvolvida em seis capítulos divididos com o intuito de elucidar o problema de pesquisa proposto, no que diz respeito a: Como se dá a construção das identidades culturais nas novas gerações de descendentes imigrantes japoneses em Rio Grande? Como se percebem e performatizam suas identidades? Quais são as questões de identidade cultural, como são mobilizadas? Não foram trabalhadas hipóteses ou conclusões a serem comprovadas, pois o interesse estava em questões problematizantes que possam proporcionar o diálogo para perceber, na narrativa dos entrevistados, as diferentes respostas para as questões propostas.

No primeiro capítulo tratei de introduzir a proposta da pesquisa e o meu envolvimento como pesquisador do tema. Foram justificadas as necessidades e ausências de outros trabalhos específicos sobre a temática pretendida, sendo exploradas as informações iniciais e explanação do que ainda não foi explorado nas localidades de Pelotas e Rio Grande.

No segundo capítulo foi explicada a proposta de metodologia de pesquisa inicial e a interrupção causada pelos desdobramentos da pandemia do coronavírus, a covid-19, sendo apresentadas as alterações necessárias para a preservação da vida do pesquisador e entrevistados, assim como observado o respeito às medidas fitossanitárias de distanciamento social e isolamento.

Neste mesmo capítulo, procurei explorar um pouco do conhecimento adquirido durante a pandemia sobre as adaptações possíveis para um estudo etnográfico e, da mesma forma, busquei apresentar um breve referencial teórico sobre a adaptação de propostas etnográficas.

No terceiro capítulo pretendi explicar a importância dos estudos em Abdelmalek Sayad (1998), Homi Bhabha (2005), Edward Said (2003; 2006) e Stuart Hall (2004; 2007), os quais me aproximaram da reflexão sobre a necessidade de pensar a Cultura através de uma perspectiva pós-colonial, trazendo a perspectiva de autores que tratam da questão na visão do subalterno. A intenção nesta dissertação não é a de olhar para a imigração japonesa da mesma forma que se observa a imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul, mas de observar o diferente tratamento público dado aos imigrantes japoneses antes e depois da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente após os anos 1990, dando forma às novas gerações.

Ainda, neste momento, foram relacionados pensamentos teóricos pós-coloniais e pós-modernos que pudessem dar conta de explicar o caráter transformador da Cultura nas migrações, pensando o multiculturalismo e o hibridismo cultural que está presente no trânsito dos descendentes de imigrantes japoneses.

No quarto capítulo, partindo de estatísticas disponibilizadas pelo IBGE e da análise de medidas públicas adotadas em governos brasileiros, propus um breve olhar sobre as relações bilaterais entre Brasil e Japão, divididas em 3 momentos: no tocante à imigração japonesa a partir de 1908; no que diz respeito ao hiato provocado pela Segunda Guerra Mundial; e, por fim, no que se refere à diáspora brasileira e bolha financeira japonesa. A proposta dessa divisão está em mostrar não somente o hiato das relações bilaterais nipo-brasileiras, mas também em elucidar uma nova inversão de sentidos - na redemocratização brasileira e crise financeira japonesa -, passando, em seguida, a perceber as diferenças provenientes da relação específica para com o Rio Grande do Sul.

Concomitantemente, este capítulo tenta explorar a constante dualidade de sentidos sobre a imigração japonesa para o Brasil que vai desde solução para mão de obra agrária, passa por ameaça de inimigos de guerra, retorna como imigrante modelo e, por fim, inverte lógicas migracionais entre o Brasil e o Japão. Assim, observando como a política e a Cultura se relacionam no âmbito global/local, busco relacioná-las às teorias apresentadas no capítulo anterior para ter um olhar sensível ao entendimento de que a identidade de indivíduos é construída e performatizada em histórias de vida que atravessam processos políticos e fronteiras geofísicas.

No quinto e penúltimo capítulo, tentei através dos apontamentos de Tomas Tadeu da Silva (2000) e Judith Butler (1997; 2013; 2018) trabalhar questões sobre a construção das identidades, tanto sobre alteridade e diferença quanto sobre mobilização de vulnerabilidades pela performatividade.

Neste penúltimo capítulo, dando continuidade ao que foi levantado nos capítulos anteriores, busco explorar o olhar sobre as diferentes identidades produzidas entre os ditos nipo-brasileiros, nikkeis, dekasseguis, mestiços, “japas”, [...]. São tantas as dualidades historicamente produzidas no Brasil sobre os corpos amarelos, assim como são tantos os trânsitos migracionais entre o território brasileiro e o Japão, que entendimentos deterministas e fixos não cabem para explicar as novas gerações descendentes de imigrantes japoneses. Também os termos no idioma

japonês Nikkei, Issei, Nissei, Sansei, Yonsei, Gosei, [...] não são suficientes para explicar as gerações para além de referências biológicas a um progenitor japonês ou japonesa nato.

O último capítulo foi reservado para tratar dos dados coletados nas plataformas virtuais e para tratar das entrevistas realizadas, por videoconferência, com descendentes de imigrantes japoneses na localidade de Rio Grande. Em um primeiro momento frequentei espaços virtuais interagindo em busca de redes que trabalhassem na temática da amarelitude dos imigrantes asiáticos brasileiros e seus descendentes. Saliento o expressivo contingente de descendentes imigrantes japoneses, já explicado inclusive nas estatísticas apresentadas no quarto capítulo desta dissertação. Essas plataformas possibilitaram conexões com redes que me levaram, inclusive, à participação em minicursos sobre amarelitude e racialização asiática no Brasil.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa está em problematizar estudos sobre Cultura em uma perspectiva pós-colonial através do campo sociológico das migrações e utilizando as novas gerações nipo-brasileiras gaúchas, localizadas nos municípios de Pelotas e de Rio Grande, como categoria central de análise. Para tal investigação, foram utilizadas metodologias netnográficas em plataformas digitais e entrevistas por videoconferência.

Entre os objetivos específicos, estão: *identificar como as novas gerações nipo-brasileiras gaúchas lidam com as redes de interconexão e quais são as composições de estruturas sociais que as conectam; conhecer as transformações e ressignificações culturais das novas gerações nipo-brasileiras produzidas na mesorregião do sudeste rio-grandense; discutir como as novas gerações transitam dentro de atividades sociais que promovem uma matriz cultural presente no quadro de formações nipo-brasileiras; e, discutir com entrevistados se a autodeclaração étnico-racial amarelo (IBGE) consegue representar as dimensões identitárias produzidas.*

A seguir, no próximo subcapítulo tratarei de explicar minha razão para com este tema de pesquisa, assim como, justificar as categorizações e recortes propostos nos seus objetivos.

1.1.A Relação entre o Pesquisador e a Pesquisa

A primeira motivação para a proposta deste trabalho é eu ser descendente de imigrantes japoneses, nascido em 1989, na cidade do Rio Grande³ - um município portuário, localizado no extremo sul do Brasil, em uma zona de fronteira com o Uruguai e muito distante do Japão, mas com históricas relações bilaterais.

Imagem 1 - Festividade Kerokai em Pelotas.



Fonte: Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas (Facebook), 2017

Os meus primeiros contatos com a temática da pesquisa se deram na infância, por meu pai estar *dekassegui* no Japão, pelo contato de meus familiares paternos com a Colônia Japonesa⁴ e pelo contato com a Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas⁵. Cresci em dois lares com idiomas distintos. Contudo, a proposta de mudar o olhar, para perceber a heterogeneidade e diversidade na imigração japonesa, somente se deu em visitas realizadas na companhia da *oba-chan*⁶ Mieko Konishi⁷, em residências de outras famílias no Rio Grande do Sul, em São Paulo e no Japão, entre

³ Cidade do Rio Grande: fundada em 1737, primeira cidade portuguesa no Rio Grande do Sul.

⁴ No trabalho de Karen Melo da Silva, intitulado: "Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas - RS" e apresentado ao antigo PPGCS da UFPel, o entrevistado Sr. Herculano Bahr Fernandes menciona imigrantes japoneses no Monte Bonito. Disponível em: <<http://quaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5111>> Acesso em: 12 de novembro de 2019.

⁵ A sede da Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas está localizada na Av. Engenheiro Ildefonso Simões Lopes, no bairro Arco-Íris do município de Pelotas. Possui uma página no Facebook com informações de programação e atividades, no link: <https://www.facebook.com/JapaoemPelotas>

⁶ Do idioma japonês, お婆ちゃん, Oba-chan. Tradução livre: vovó. "Batchan" (derivação brasileira).

⁷ Anexo B.

os anos de 1998 e 2006. Posteriores contatos com comunidades de imigrantes japoneses se deram em eventos de Associações Culturais, de outros estados brasileiros e em outros países da América do Sul, como na Argentina e no Peru. Como resultado desses contatos, fui provocado a perceber aspectos em comum e aspectos de diferença local nessas distintas trajetórias de migração.

Outro contato específico com a temática da pesquisa se deu em 07 de junho de 2006⁸, na visita do Embaixador do Japão ao Brasil, Takahiko Horimura, e do Cônsul Hajime Kimura ao Rio Grande do Sul. Este encontro se justifica também pela vinda, em agosto de 1956, de 23 imigrantes japoneses (jovens, solteiros, de 17 a 26 anos de idade) que desembarcaram no Porto de Rio Grande, chegando a bordo do navio Brasil Maru II, com o intuito de estabelecer residência na região. O diplomata proferiu uma palestra na Câmara do Comércio de Rio Grande, pontuando a historicidade das relações bilaterais, em uma cerimônia parte dos festejos dos 50 anos da imigração japonesa no estado gaúcho.

Imagem 2 - Embaixador do Japão em Rio Grande.



Fonte: Prefeitura Municipal do Rio Grande, 2006.

⁸ Prefeitura Municipal do Rio Grande: “Inauguração de memorial registrou o cinquentenário da imigração japonesa no estado”. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/http-www-riogrande-rs-gov-br-p3445/>> Acesso em: 12 de novembro de 2020.

Na ocasião da palestra proferida, foi dada ênfase à participação fundamental do município na formação da colônia japonesa do estado, sendo firmados projetos técnicos e cooperações paradiplomáticas. Porém, a ocasião também me despertou questões, uma vez que eu conhecia famílias de imigrantes japoneses⁹ que já estavam nas zonas rurais de Pelotas¹⁰ antes e durante a Segunda Guerra Mundial - de 1939 a 1945 -, inclusive com relatos de restrições culturais e prisões durante o período.

Acredito que estas experiências me provocaram e me conduziram aos estudos de Ciências Sociais Aplicadas, uma vez que, mesmo para descendentes criados biculturalmente, o entendimento das relações bilaterais entre os Estados-nação não é um conhecimento nato. Senti a motivação de me dedicar aos estudos em uma instituição reconhecida que pudesse me capacitar academicamente. Por este motivo, tenho buscado na formação acadêmica pública - federal e gratuita -, em um espaço de diversidade social, o aprofundamento sobre estas questões culturais.

O aprendizado sobre conceitos e ferramentas metodológicas aconteceu pelo Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI), através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os quais possibilitaram a criação de novos cursos no interior dos estados federais, assim como, aplicações para vagas em instituições públicas do Brasil. Foi com a oportunidade de estudos gratuitos - em uma universidade de qualidade federal e de reconhecimento mundial - que concluí a formação de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Na graduação como internacionalista observei ações de políticas públicas voltadas para a Cultura, que ocorriam na zona de fronteira entre o Brasil e o Uruguai, durante as gestões dos ministros da cultura Gilberto Gil¹¹ e Juca Ferreira¹². Este trabalho me levou à elaboração de um artigo¹³ que teve por objetivo apresentar uma outra perspectiva das relações internacionais através das quais novos atores

⁹ Anexo C.

¹⁰ Cidade de Pelotas: fundada em 1758, a quarta cidade mais populosa do Rio Grande do Sul.

¹¹ Ministro da Cultura do Brasil, entre o período de 2003 a 2008.

¹² Ministro da Cultura do Brasil, entre o período de 2008 a 2011.

¹³ KONISHI, N.Y. Paradiplomacia nas Relações Internacionais: a importância da cultura como elemento transformador do cenário político internacional. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S.l.], v. 1, n. 02, p. 284-301, dez. 2015. ISSN 2525-7870. DOI: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v1i02.146>.

adentram aos processos diplomáticos até então exclusivos das interações entre os Estados-Nação. Na chamada Paradiplomacia, o nível subnacional (regiões, estados federais e municípios) e as organizações da sociedade civil passam a dividir espaços antes restritos às governanças, como, por exemplo, as representações consulares japonesas e as associações culturais nipo-brasileiras.

Estes aprendizados me permitiram perceber como a universidade é um espaço capaz de transformar saberes locais em conhecimento e de apontar para oportunidades de conhecer novos campos de pesquisa, ao mesmo tempo que possibilita trocas de experiências com estudantes oriundos de distintas regiões brasileiras ou internacionais. Alguns destes, também descendentes de imigrantes japoneses, muitos vindos de São Paulo, demonstraram surpresa ao saber da existência de imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul.

Imagem 3 - Festividade Undokai em Pelotas.



Fonte: Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas (Facebook), 2017.

Essas vivências acadêmicas resultaram em diversas transformações e ressignificações da minha percepção sobre os descendentes e imigrantes japoneses, visto que muitos deles vivem em um trânsito internacional, onde as fronteiras culturais transpassadas são tão grandes e importantes quanto as fronteiras físicas perpassadas. São experiências onde se vai de encontro ao que é estranho, onde é possível se familiarizar com o estranho, e ao retornar, em algum grau ou maneira, o que é familiar começa a ser estranho.

Nas experiências com campos de pesquisa, algumas vezes a minha descendência japonesa não era evidente, sendo interessante diferenciar a diversidade

de composições étnicas e raciais do Brasil. Algumas outras vezes, características nipônicas me antecederiam, como o nome, alguns marcadores fenotípicos na pele - o maior órgão comunicador do corpo - que antes da fala já narra uma não pertença territorial latino-americana. Paralelamente, outra percepção que me chamava à atenção, está no constante relato de que descendentes japoneses são chamados de “Japa” no Brasil, de “Chino” em países hispanófonos, e de Gaijin ou Dekasegui, no Japão.

A soma de contatos e experiências com *descendentes de imigrantes japoneses* me trouxe muitas questões. Para algumas delas a formação internacionalista me permitiu dispor de instrumentos de análise. Para outras, no entanto, em um campo mais sociocultural¹⁴, me faltavam ferramentas metodológicas para trabalhar com a construção de identidades culturais híbridas. A vontade de problematizar essas questões me conduziu à matrícula especial na disciplina “Raça, etnia e desigualdade social no Brasil”, ministrada pelo Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle, através do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), que é vinculado ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da UFPel. Da mesma forma, o contato com as teorias apresentadas pela sociologia, os métodos de problematização sociológicos e a necessidade de pensar as identidades culturais através de uma perspectiva pós-colonial levaram à minha adesão ao PPG/UFPel.

Uma vez ingresso no programa, também procurei fazer parte do grupo Núcleo Interseccionalidades de Pesquisas a fim de melhor discutir questões que colaboraram com a formação de um olhar interseccional. Portanto, no decorrer desta pesquisa, procurei me despir de entendimentos deterministas e fixos, buscando perceber as dinâmicas de relação na construção de identidades pertencentes às *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* no sudeste rio-grandense.

A proposta inicial contava com a realização de método etnográfico e visitas aos entrevistados, assim como pretendia abranger as localidades do município de Pelotas. Contudo, em decorrência das restrições necessárias para enfrentar a

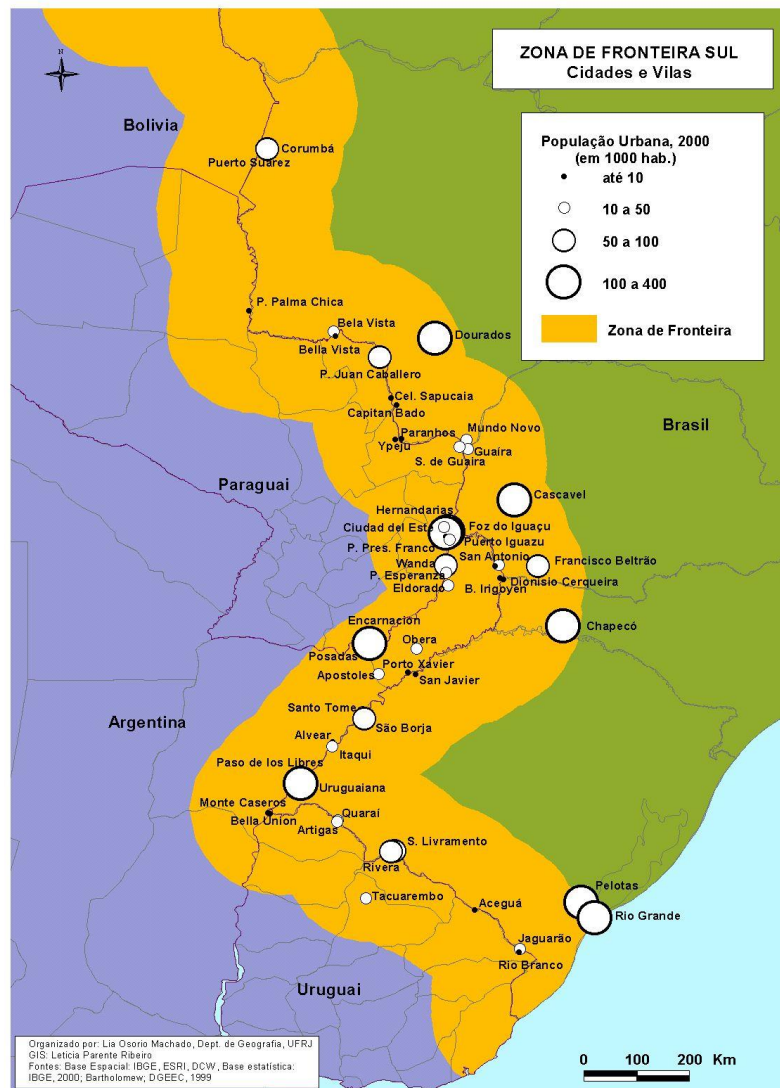
¹⁴ O conceito psicológico sociocultural de Lev Vygotsky (1934), publicado em “Thinking and Speaking” (1962), trata do papel constitutivo da cultura na mente humana, de como a fala e o aprendizado permitem incorporar artefatos compartilhados da comunidade, acumulados ao longo de gerações. A partir do sociocultural, na Teoria do Terceiro Espaço (BHABHA, 2005) cada indivíduo é híbrido do seu conjunto único de afinidades, em um condição pós-colonial onde existem forças desiguais e desigualdade de representações culturais.

pandemia do coronavírus, covid-19, esta pesquisa e o pesquisador tiveram que passar por mais de uma transformação e ressignificação.

1.2. A Mesorregião do Sudeste Rio-grandense e a Zona de Fronteira Sul

Partindo dos aprendizados desenvolvidos em KONISHI (2015), trago para esta pesquisa um olhar sobre a região. Os municípios de Pelotas e Rio Grande estão localizados na Zona de Fronteira Sul, onde historicamente registram-se trânsitos internacionais, seja pela fronteira seca, pelas bacias hidrográficas ou por portos marítimos:

Figura 1 - Zona de Fronteira Sul: cidades e vilas.



Fonte: Base Espacial IBGE, ESRI, DCW. Base estatística IBGE, 2000, Bartholomew, DANE, 1997, INEI 1992, INE 1993. Organizado por Lia Osório Machado. Dept de Geografia, UFRJ. GIS, Letícia Parente Ribeiro.

No cenário global, a fronteira é palco de crises de refugiados e bloqueios de trânsitos em fronteiras locais. Inclusive o termo “trânsito” migratório está mais adequado do que “fluxos” locais migratórios, uma vez que as dinâmicas migratórias atuais muitas vezes não se resumem a um destino fim. Em um mundo cada vez mais interconectado, o desdobramento de situações locais pode tomar proporções globais. A distinção entre global/local forma-se como um reflexo acerca da relação entre as muitas autodescrições da sociedade. São transformações *globais/locais* que passaram a compor outras lógicas migratórias e novas lógicas nas narrativas contingenciais brasileiras (BHABHA, 2005).

Para Homi K. Bhabha (2005), o contato intensivo e permanente entre as culturas, derivadas em trânsitos territoriais, produz nexos comuns a diferentes grupos ou indivíduos. O autor observa as experiências fronteiriças como margens vivas, onde, em situações de descentralização ou de desterritorialização, analisa os processos interculturais. Nestas novas lógicas, a construção da identidade cultural dos *descendentes de imigrantes* se dá em corpos que transpassam territórios, mas que pelas imaginárias linhas fronteiriças também são transpassados, assim como os territórios por onde corpos transpassam, ora por opções, ora por falta delas, assumem diferentes ressignificações geracionais e culturais híbridas¹⁵.

Para as *novas gerações*, nestas novas lógicas, os limites geográficos são construídos em um imaginário onde, concordando com Maria Eunice Moreira (1989), as características que causam uma separação geográfica entre os territórios não são sentidas pelas personagens que os observam apenas como terra, onde se mesclam costumes e pronúncias. Tal ideia também é reforçada na obra local "Uma Terra Só" do autor jaguarense Aldyr Garcia Schlee¹⁶, onde justamente no trecho: “*Aqui há uma terra só, só há uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá*” (SCHLEE, 1984, p. 6) a questão de fronteira é mencionada como uma região que possibilita a união de culturas, transformando-se numa identidade própria.

¹⁵ Para Bhabha (1998), hibridismo cultural são transformações histórico-sociais, existentes desde os primeiros deslocamentos humanos, resultados das persistências dos contatos permanentes entre os grupos distintos.

¹⁶ Aldyr Garcia Schlee foi escritor, jornalista, tradutor, desenhista e professor universitário brasileiro. Entre as suas especialidades estão a criação literária, a literatura uruguaia e gaúcha, a identidade cultural e as relações fronteiriças.

As Faixas de Fronteiras¹⁷ são espaços geográficos imaginários, onde, para o antropólogo Arjun Appadurai (2004), as suas culturas não permanecem limitadas às esferas físicas demarcadas, geográficas, territoriais, mas transbordam as fronteiras. Os indivíduos que vivem em uma área de fronteira percebem o outro, ou seja, os outros indivíduos de outras nacionalidades, tanto quando ultrapassam as fronteiras estrangeiras ou quando possuem as suas fronteiras transpassadas.

Se são os sujeitos que produzem o local e a localidade é produzida pelos sujeitos, então cada indivíduo determina sua subjetividade e sua localidade. Entre os sujeitos, a sua localidade ou a produção do cotidiano "*é mediada pelo trabalho da imaginação, e é através dela que estes elementos circulantes são capturados; não apenas porque nos movemos fisicamente, mas simplesmente porque captamos o que se move. Ainda que estejamos parados*" (APPADURAI, 2009, p.135).

As experiências fronteiriças do Rio Grande do Sul com o Uruguai são únicas, não por simplesmente ser uma fronteira, mas por toda sua singularidade que compartilha processos de formação social, política, econômica, artística e histórica. Enquanto, ao redor do globo outros exemplos de fronteira desenvolvem-se em situação de constante guerras, a região da pampa sensivelmente vive em paz.¹⁸ Existe na relação fronteiriça, então, uma importância local e interesses empíricos para as produções científicas brasileiras na área das Ciências Sociais. "*Todos os lugares são construções metafóricas, mas enquanto algumas não necessitam ser justificadas, outras o necessitam, pois são como planetas sem boca*" (ACHUGAR, 2006, p. 22).

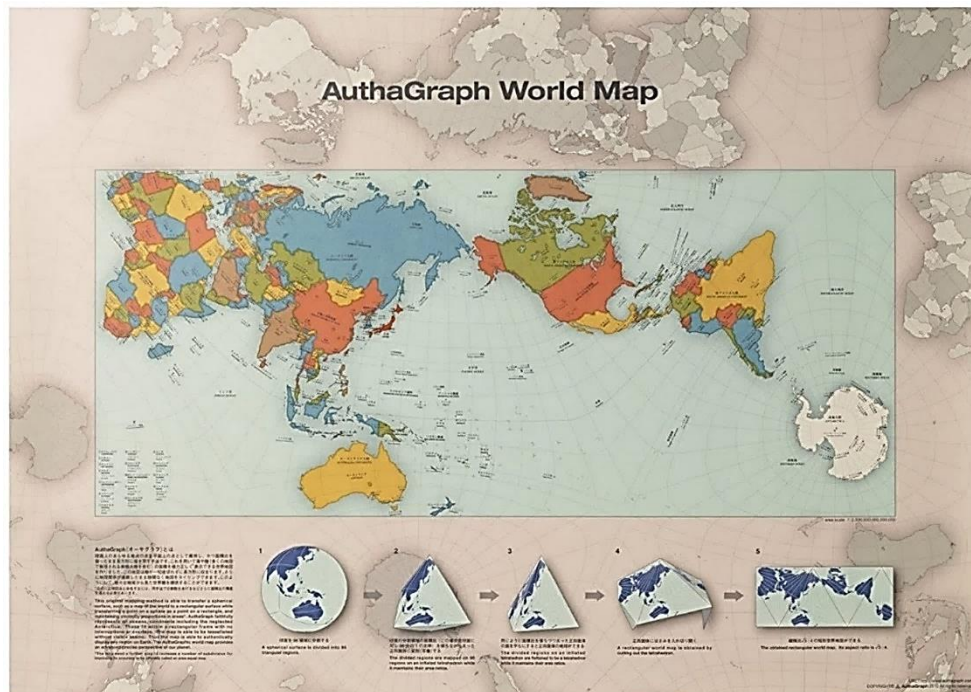
Enfim, levando em conta o que foi ouvido, busquei como ponto de partida perceber como estão colocados os *descendentes de imigrantes japoneses* no contexto dos Municípios de Rio Grande e Pelotas. Diferentemente do sudeste rio-grandense e a zona fronteiriça para com o Uruguai, o Japão está do "outro lado do mundo". Ou seja, geograficamente a fronteira do Brasil com o território japonês quase

¹⁷ Faixa de Fronteira é a faixa interna de 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, agregando as informações existentes (código geográfico e nome do município) com as produzidas na identificação e/ou classificação do município dentro da faixa, tais como: fronteiriço, parcial ou totalmente na faixa, referências da sede a linha de fronteira e ao limite da faixa interna. Lei nº 6.634, de 02/05/79, regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26/08/80. Fonte: IBGE, Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm>> Acessado em: 25 de outubro de 2019.

¹⁸ Documento "Fronteira da Paz": termo que abrange as cidades de Rivera e Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, respectivas fronteiras do Brasil com o Uruguai. Este nome é um resultado da cultura de integração que surgiu na convivência internacional pacífica de ambos povos.

forma uma antípoda no geóide terrestre. Portanto, tendo em vista o mencionado, busquei perceber se essas teorias também dariam conta de analisar relações culturais e bilaterais entre etnias com territórios tão distantes.

Figura 2 – Mapa Mundi da AuthaGraph.



Fonte: AuthaGraph, 2010.

Buscando ilustrar a distância entre Japão e Brasil, podemos observar a projeção cartográfica Authagraph¹⁹ que foi desenvolvida pelo arquiteto japonês Hajime Narukawa, em 1999. Essa projeção de área-igual baseada no origami possibilita outra interpretação sobre as distâncias percebidas, diferente das representações mais utilizadas pelos brasileiros, enquanto a representação centralizada na Ásia é mais comumente utilizada pelos japoneses.

1.3.A Proposta da Pesquisa e sua Justificativa

A importância da presente proposta de pesquisa é justificada pela escassez de material sobre a temática, pois pouco foi publicado ou divulgado sobre processos geracionais nas imigrações japonesas da mesorregião do sudeste rio-grandense. Na área específica das ciências sociais nada foi encontrado nos repositórios da UFPel²⁰

¹⁹ Authagraph. Disponível em: <<http://www.authagraph.com/>> Acesso em: 06 de novembro de 2019.

²⁰ No repositório da UFPel foram encontrados trabalhos na área da agronomia e biológicas que tratam sobre técnicas japonesas. Chamam a atenção o trabalho na área da história: Feijó, Luiz Carlos

ou da FURG²¹, enquanto que nos acervos dos principais jornais de Pelotas e Rio Grande (Diário Popular e o Jornal Agora) são encontradas espaçadas matérias ao longo dos últimos 20 anos. Muitas dessas estão relacionadas à Associação Cultural Nipo-Brasileira de Pelotas, às ações paradiplomáticas em conjunto com os municípios ou, ainda, dizem respeito às festividades de comemoração e homenagem à imigração japonesa no Rio Grande do Sul, que possuem o seu marco histórico no Porto de Rio Grande.

Imagem 4 - Memorial do Centenário da Imigração Japonesa em Rio Grande.²²



Fonte: Eugenio Hansen (Wikimidia), 2012.

Coelho. Narrativa e representação nos quadrinhos: a restauração Meiji (1868) nos mangás. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/2141>> Acesso em: 04 de novembro de 2020.

²¹ No repositório da FURG foram encontrados trabalhos na área da educação, da geografia e do direito: Aizawa, Priscila. O ensino de ciências em uma instituição escolar brasileira: a constituição de uma identidade cultural japonesa. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/2856>> Acesso em: 06 de novembro de 2020; Conceição, Josuan Ávila da. A indústria alimentícia na cidade de Pelotas (RS) e sua participação na divisão territorial do trabalho no Rio Grande do Sul: o caso do beneficiamento de arroz. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/8718>> Acesso em: 06 de novembro de 2020; e Shimamura, Akiyo. Sistema de previdência social no Japão: um estudo através de acordo previdenciário entre Japão e Brasil. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/7467>> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

²² Fotografia: "Memorial Cinquentenário Imigração Japonesa no Rio Grande do Sul". Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Memorial_Cinquentenário_Imigração_Japonesa_no_Rio_Grande_do_Sul,_Rio_Grande.JPG> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

Na tentativa de ter um panorama do que já foi trabalhado no estado gaúcho, aumentou-se a abrangência do foco, investigando também os acervos e repositórios de outras universidades federais gaúchas, assim como outros conglomerados de mídias e sites de busca. Como resultado foram encontradas algumas publicações na UFSM²³ e uma maior concentração na UFRGS. A maior parte dessas informações é proveniente da região metropolitana de Porto Alegre, com ênfase na cidade de Ivoti,²⁴ onde se encontra a chamada maior colônia japonesa gaúcha.

Em 2016, para homenagear os 60 anos da imigração no Rio Grande do Sul, a emissora TVE realizou reportagem entrevistando imigrantes em Rio Grande²⁵. Todavia, faltam ou não foram encontrados mais trabalhos específicos na área das ciências sociais, tampouco material que abordasse o campo das migrações ou a categoria das novas gerações. As pesquisas encontradas, que envolvem a imigração japonesa gaúcha, recorrentemente, giram em torno da historiografia migratória, da linguística, de patrimônios culturais materiais e imateriais, das políticas econômicas ou de relações internacionais. Um nome recorrente nestas publicações é o da Professora Tomoko Kimura Gaudioso²⁶, que exerce cargo de chefia do Setor de Japonês, é coordenadora do Núcleo de Estudos Japoneses e do Memorial da Imigração e Cultura japonesa da UFRGS, também coordenadora das ações de extensão voltada à língua e cultura japonesa e é parte integrante da JICA (Japan International Cooperation Agency).

Portanto, existem trabalhos que tratam sobre temas dos imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul. Contudo, percebe-se que os estudos feitos não dão conta das questões problematizadas nos objetivos desta pesquisa, uma vez que, não estão dentro da área da sociologia e muito menos focados nas categorias de *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses*. Esses trabalhos também não

²³ Está na área das ciências sociais a dissertação de mestrado de Alexandra Begueristain da Silva, sua tese de doutorado e outros trabalhos também dialogam com a imigração japonesa. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0808351774982462>> Acesso em: 08 de novembro de 2020.

²⁴ Feira na Colônia Japonesa de Ivoti: “A feira ocorre todo último domingo dos meses na Colônia Japonesa em Ivoti - RS. Faça chuva ou faça sol das 09 às 18 horas.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/fenacolojapoti>> Acesso em: 07 de novembro de 2020.

²⁵ Programa TVE Repórter. 60 anos da imigração japonesa no RS. YouTube, 25 de setembro de 2016. Disponível em <<https://youtu.be/1hU5ngRkU1o>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

²⁶ Tomoko Kimura Gaudioso: “Atualmente é professora assistente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutoranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História da UFSM. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4704993539914573>> Acesso em: 16 de novembro de 2020.

contemplam a escassez de investigações sobre a mesorregião do sudeste rio-grandense, localidade tratada como marco da imigração japonesa gaúcha.

Para Ana Cravo e Humberto Alagia Jr (2010), a imigração japonesa no Rio Grande do Sul é considerada uma página desconhecida da história do estado, talvez por ser caracterizada como uma migração pequena e recente em relação comparativa ao estado de São Paulo, o principal foco migracional nacional. No âmbito da academia brasileira também é escasso o material sobre a história desses imigrantes no estado gaúcho. Para Masco Luiz de Castro (1994, p.77), “*este fato deve-se, em parte, pela transnacionalidade criada*”, uma vez que, na formação das colônias, a mentalidade criada era a de manter as tradições japonesas nos lugares onde havia migrações, desta forma, criando um micro isolamento parcial da macro comunidade em que estavam inseridas, como é o caso no Rio Grande do Sul.

Imagem 5 - Memorial do Centenário da Imigração Japonesa em Rio Grande.²⁷



Fonte: Eugenio Hansen (Wikimidia), 2012.

No Sudeste Rio-Grandense, nos municípios de Pelotas e Rio Grande, é possível encontrar nos centros urbanos alguns comércios com nomes remetentes à cultura nipônica ou marcas de empresas japonesas. São estabelecimentos como

²⁷ Fotografia: "Memorial Cinquentenário Imigração Japonesa no Rio Grande do Sul". Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Memorial_Cinquentenário_Imigração_Japonesa_no_Rio_Grande_do_Sul,_Rio_Grande.JPG> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

fruteiras²⁸, mercados²⁹, lavanderias³⁰ ou pastelarias³¹ mantidas por imigrantes, descendentes ou não-nipônicos. Correlacionadamente, nos distritos rurais, é possível encontrar famílias nipo-brasileiras ligadas à floricultura e à agricultura. No centro histórico de Rio Grande existe um memorial em homenagem ao cinquentenário da imigração japonesa no estado, que significa a fronteira entre os dois lados opostos do mundo. Na zona central de Pelotas tenta-se criar um jardim japonês³² para homenagear a fraternidade entre as cidades-irmãs³³, visto que a cidade pelotense é o primeiro município brasileiro a ter uma cidade geminada, acordo firmado em 1963 com a cidade japonesa de Suzu³⁴. O projeto, todavia, está paralisado. A cidade rio-grandina também possui uma cidade-irmã japonesa, a cidade japonesa de Sadô³⁵.

Diante do levantamento feito, por mais fundamental que seja o Porto de Rio Grande para a bem sucedida colonização japonesa no Rio Grande do Sul, ainda pouco se sabe sobre a trajetória migratória dos japoneses no Sudeste Rio-Grandense. Para SOARES, SOUZA, & LIMA (2009, p.68-85) "*talvez devido à comunidade Nikkei ser de pouco mais de quatro mil pessoas em todo o estado, esta etnia passa despercebida em sua contribuição cultural e relevância social*". Ou também, "*pela menor visibilidade e reconhecimento de imigrações não brancas ou europeias*", aumentando ainda mais a curiosidade sobre estas *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses*.

As experiências da relação entre Brasil e Japão, assim como as relações com o Uruguai, são únicas. Ambas possuem anos de relações bilaterais, mas também momentos belicosos. Podem possuir semelhanças nas diferenças, contudo, as

²⁸ Anexo D.

²⁹ Anexo E.

³⁰ Anexo F e G.

³¹ Anexo H e I.

³² RS Virtual: "migração japonesa é comemorada em Pelotas". Disponível em:

<http://www.riogrande.com.br/pelotas_imigracao_japonesa_e_comemorada_em_pelotas-o157677.html> Acesso em: 16 de novembro de 2020.

³³ Geminção de Cidades: é um conceito que tem como objetivo criar relações e mecanismos protocolares. Cidades gêmeas ou irmãs são aquelas cidades que estabelecem laços de cooperação, mesmo em áreas geográficas ou políticas distintas.

³⁴ Jornal Diário da Manhã de Pelotas: "Pelotas e Suzu: prefeitura envia placa comemorativa". Disponível em: <<http://diariodamanhapelotas.com.br/site/pelotas-e-suzu-prefeitura-envia-placa-comemorativa/>> Acesso em: 06 de novembro de 2020

³⁵ Prefeitura Municipal do Rio Grande: "Prefeito destaca participação do município na imigração japonesa". Disponível em:

<<http://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/index.php/noticias/detalhes+a6551,,prefeito-destaca-participacao-do-municipio-na-imigracao-japonesa.html>> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

fronteiras imaginárias nipo-brasileiras transpassam as linhas imaginárias, atravessam um misticismo oriental e chegam ao “outro lado do mundo”. Diferente de linhas imaginárias que dividem um território físico, os nipo-brasileiros criam redes de interações sociais que se desdobram no trânsito de *entre-lugares*³⁶ japoneses e brasileiros.

O contexto destas narrativas não está somente no Brasil ou somente no Japão, também não está somente em uma intersecção de campos. Diferente da ideia fronteiriça dos pampas, a relação nipo-brasileira está em todos esses lugares e em nenhum deles, assim como é possível se ser tratado como *gaijin* no Japão e, ao mesmo tempo, como “Japa” no Brasil.

Não somente aqui, no país do *Mito da Democracia Racial*³⁷, assim como em outros países onde a *ocidentalização*³⁸ presume um *orientalismo*³⁹, é possível perceber que a racialização do leste asiático é ambivalente. Isto porque ser asiático é ser configurado enquanto *Mito da Minoria Modelo*⁴⁰, ao mesmo tempo que, tensionando a lógica do inimigo comum ou do invasor, enquanto *Mito do Perigo Amarelo*⁴¹.

Segundo Silvio Almeida (2018), o racismo opera de forma ideológica, compreendendo que a ideologia se efetua como prática social:

Uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja

³⁶ Para Homi K. Bhabha (2005), as identidades se constroem não mais em singularidades, como classes, sexualidade, gênero, mas nas fronteiras das diferentes realidades.

³⁷ Mito da Democracia Racial: referência ao historiador e sociólogo Gilberto Freyre, quem caracterizou a escravidão no Brasil no sentido de interpretar as contradições do escravismo como naturais e naturalizadas, da mesma forma que o racismo como superado.

³⁸ Ocidentalização: etimologicamente é a ação de tornar "ocidental" o processo pelo qual os povos assimilam ou são obrigados a assimilar aspectos de uma cultura "ocidentalizante". Para Edward Said (2007), os povos deveriam falar com voz própria e sem intermediação do "ocidente", questionando inclusive a noção de "uma única história", a história do "ocidente".

³⁹ Orientalismo: na obra "Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente", Edward Said (2007) distingue três tipos de Orientalismo: como definição de estudo acadêmicos sobre o oriental; como uma atitude de oposição do Oriente ao Ocidente; e na virtual impossibilidade de o "ocidental" pensar previamente as definições e modelo do discurso "ocidentalizante".

⁴⁰ Mito da Minoria Modelo: Embora sirvam principalmente para a manutenção da supremacia branca, estas imagens sobre o corpo amarelo não são construídas passivamente; elas resultam de uma negociação dialética entre a população geral e o grupo particular, que se adapta às circunstâncias, podendo adotar, rejeitar ou reconstruir as percepções da população geral sobre si. (SHIMABUKO, 2016)

⁴¹ Mito do Perigo Amarelo: paranoia operacionalizada no imaginário "ocidental", durante os séculos XIX e XX, resultando na promoção de políticas declaradamente excludentes, racistas e xenofóbicas.

existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2018, p. 53).

O próprio termo “amarelo” para designar as colorações asiáticas não condiz com o que é facilmente percebido nos corpos do continental território da Ásia, restringindo-se a uma pequena parte do leste-asiático. Essas questões sobre raça e etnia transpassam o campo migrações e a categoria gerações; portanto, aqui, juntamente com o estudos pós-coloniais, estão os estudos interseccionais, uma vez entendido que existe um diálogo entre esses estudos. Por este motivo, ressalto a importância do desenvolvimento de atividades no Núcleo Interseccionalidades de Pesquisas, ligado ao PPGS da UFPel, para reunir conhecimentos fim de interpretar e tratar as informações percebidas no campo de pesquisa.

A interseccionalidade é uma ferramenta metodológica disputada na encruzilhada acadêmica. Trata-se de oferta analítica preparada pelas feministas negras. Conceitualmente ela foi cunhada pela jurista estadunidense, a professora da teoria crítica de raça Kimberlé Crenshaw, no âmbito das leis anti-discriminação. Sensibilidade analítica, a interseccionalidade completa no próximo semestre 30 anos, quando a sua proponente teorizou a sugestão histórica pensada pelo movimento de mulheres negras. É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis-hetero patriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. (AKOTIRENE, 2018, p. 1).

Ainda sobre interseccionalidades, para Avatar Brah (2006, p. 331), a “análise das interconexões entre racismo, classe, gênero, sexualidade ou qualquer outro marcador de “diferença” deve levar em conta a posição dos diferentes racismos entre si”.

[...] nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, [...] ou mulheres imigrantes”, ou seja, diferenças no sentido de condições sociais (BRAH, 2006, p. 341).

Como resultado das orientações e atividade do programa de pós-graduação, fui conectando uma constelação de olhares, selecionando autores e teorias que

pudessem não somente contribuir com as minhas questões, mas que dialogassem entre si. Portanto, destinarei o próximo capítulo para brevemente introduzir o pensamento da Cultura através de uma perspectiva pós-colonial.

Correlacionadamente, em um próximo capítulo, comentarei o trabalho organizado por Tomas Tadeu da Silva (2000) que me introduziu aos trabalhos sobre performatividade em Judith Butler (1997; 2013; 2018), através dos quais percebi que esta pesquisa não deveria discutir pertencimentos, mas problematizar questões, quais sejam: como as novas gerações de descendentes japoneses se percebem? quais as suas narrativas? como mobilizam as suas questões? como performatizam identidades?

2. Perspectivas metodológicas pandêmicas

A execução desta pesquisa partiu pelo estudo do guia "Pesquisa Como Artesanato Intelectual: considerações sobre método e bom senso", de Linda M. P. Gondim e Jacob Carlos Lima (2006), buscando primeiro apontamentos sobre a relevância das narrativas nas estruturas das ciências sociais, principalmente no campo da sociologia. Em seguida, com os desdobramentos da pandemia do coronavírus, COVID-19, foi encontrado auxílio no guia "Métodos de pesquisa para internet", de Suely Fragozo, Raquel Recuero e Adriana Amaral. Recomendo a leitura destes guias para começar a utilizar as ferramentas virtuais nas pesquisas sociais.

A primeira revisão revelou que deveriam ser entendidas as vantagens e sensibilidades de lidar com uma temática que carece de material correlacionado. De uma forma ampla, as pesquisas já feitas em São Paulo poderiam auxiliar na contextualização histórica de eventos, bem como no contato com o conhecimento já esgotado, enquanto o endereçamento das questões problematizadoras está sobre as novas gerações descendentes de imigrantes japoneses cristalizado no recorte da mesorregião do sudeste rio-grandense.

O trabalho inicial buscava através da etnografia, com pesquisas de campo em localidades rurais/urbanas de Pelotas e Rio Grande, conversar sobre as diferenças entre as novas gerações. Contudo, algumas questões iniciais já haviam sido respondidas e substituídas por outras novas, quando, então, intensificaram-se os cuidados e restrições necessários para a superação da pandemia. Portanto, visando

a minha segurança e a dos entrevistados, decidi optar por entrevistas por videochamadas com os jovens rio-grandinos.

2.1. Considerações Metodológicas Iniciais e a COVID-19

Anteriormente aos desdobramentos causados pela pandemia do novo coronavírus, a também chamada COVID-19, o método biográfico considerado utilizava histórias de vida como técnica para a coleta de dados, justificado na busca de contribuir na reconstrução do conteúdo de memórias coletivas presentes nas *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses*. Buscava-se, como base epistemológica destas técnicas, a etnografia para sistematizar as ideias dos entrevistados, a história de vida, os relatos orais, as autobiografias escritas, as longas entrevistas abertas, outros documentos orais ou testemunhos escritos.

Esse método biográfico, permitiria reconstruir em cada narrativa a presença de relações básicas ou complexas que dizem respeito à categoria *novas gerações* entre os entrevistados, expressas nos seus relatos orais. São relações ligadas à estrutura geracional, à ideia da transformação e ressignificação do social que o indivíduo faz, como unidade singular em seu relato. O questionamento está em se as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* jogam com as suas características étnicas e/ou raciais para aplicar uma ressignificação que leva em conta a descontinuidade e as rupturas ocorridas, tanto ao nível de vida individual como coletiva (Jacques Léon Marre, 1991).

Para Marre (1991), o desenvolvimento de técnicas de coleta de dados tem importante papel para a constituição da Sociologia como ciência. Foram discutidas novas formas de investigações mais realistas, assim como a utilização de documentos biográficos como material sociológico. Buscavam-se técnicas que processassem cientificamente os dados provenientes das várias narrativas, na tentativa de reconstruir a trajetória de uma sociedade ou de grupos sociais e de tornar possível ler e interpretar o itinerário de um grupo social ou de uma sociedade investigada.

Para resultado destas investigações, estão os estudos da subjetividade pela qual se reconstrói a experiência humana de modo seletivo e se percebe, enquanto o indivíduo relata as suas experiências, que não são narrados todos os fatos ou todos os eventos cronológicos, muito pelo contrário, são feitas escolhas, são feitas seleções.

O desenvolvimento destas técnicas mostrou ser necessário interpretar cada história individual sob um ângulo da descontinuidade, articulando as histórias individuais com a história mais geral e contextual. Tais atividades foram catalisadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, como a técnica do gravador e, agora, aplicativos de smartphone.

Com o amadurecimento da pesquisa sobre as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses*, percebi que as técnicas metodológicas biográficas, assim como as de histórias de vida, possuem uma relação fundamental com uma epistemologia que valoriza a história oral e popular, podendo ser usadas como técnica de investigação social para reconstruir a trajetória sociológica e histórico-estrutural de um determinado grupo social ou geracional.

Para a elaboração da metodologia biográfica baseada em histórias de vida, buscou-se levar em consideração as contribuições de Ferraroti (1983), proponente de uma mudança na unidade de pesquisa, no conjunto de sujeitos na trama de relações, nas experiências e nos juízos que dizem respeito a um determinado momento das histórias e a um determinado grupo ou geração, e, outrossim, proponente de critérios capazes de guiar a seleção do grupo social a ser pesquisado, como quanto à efervescência e à descontinuidade, visto que não bastaria um número de indivíduos, mas seria preciso que este número expressasse de maneira diversa e interrelacionada a trajetória socioeconômica do grupo social pesquisado enquanto grupo diferente de um outro ou escolhido como exemplar.

Quanto a critérios qualitativos, da diversificação e da saturação da amostra, foram entrevistadas sete pessoas, dois homens e cinco mulheres, com idades entre 20 e 30 anos, nascidas, portanto, entre 1993 e 2000, em localidades do município de Rio Grande, situado na zona fronteira do sudeste rio-grandense.

Fez-se necessária a capacidade técnica de reconstituir com respeito o direito à palavra, ou seja, estabelecer uma microrrelação entre pesquisador e pesquisado com igualdade substancial. Partindo do pressuposto de que ninguém deveria desejar subordinar o outro a seu próprio discurso, evidencia-se aqui a relevância da empatia. Contudo, com as restrições e medidas necessárias para o enfrentamento da pandemia, muitas das atividades programadas foram inviabilizadas, tanto para minha proteção, quanto para a proteção dos entrevistados, ficando fora de cogitação tentar entrevistar ou visitar qualquer idoso ou pessoa com comorbidades.

2.2. Adaptação Metodológica: Netnografia

Como já mencionado, antes dos desdobramentos causados pela pandemia do novo coronavírus, a também chamada COVID-19, o planejamento para esta pesquisa estava na aplicação de uma metodologia de tipo biográfico, através da qual eu estava identificando o que é preciso para uma reconstrução compreensiva da história das *novas gerações de descendentes de imigrantes japoneses*, em Pelotas e Rio Grande.

Todavia, em decorrência do isolamento social e das necessárias medidas preventivas, e ainda, devido aos crescentes números de infectados e mortos, sem previsão para a conclusão de vacinas, ficou evidente a necessidade de recondicionar o rumo desta investigação, sendo reduzido o campo de pesquisa ao município de Rio Grande e outras investigações através de ambientes virtuais:

[...] a validade da etnografia na contemporaneidade, a observação de manifestações de formas da cibercultura, merecem um aprofundamento que leve em conta a possibilidade de olhar o objeto, de aproximar-se dele de modo virtual, on-line e netnográfico, mas também, quando existir a chance, de modo presencial. (ROCHA; MONTARDO, 2005 p. 19-20)

A partir março de 2020, decidi pela readaptação na coleta de dados desta pesquisa, tendo em vista as medidas preventivas de distanciamento social, uma vez que não se permitiriam encontros e visitas. Em seguida, junto ao Núcleo Interseccionalidades de Pesquisas, foi iniciada uma proposta de pesquisa voltada a conhecer os métodos netnográficos, a fim de diferenciar o método etnográfico e o método netnográfico:

O neologismo "netnografia" (nethnography net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte-americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para "seguir os atores." O estudo em questão testava novos equipamentos para o desenvolvimento de uma biblioteca digital da Universidade de Illinois, parte de um projeto de maior escala para o desenvolvimento de tecnologias de base para uma infraestrutura de informação global. O objetivo era ainda entender o uso (tanto factual quanto virtual) a partir de um número de pontos de vista, e em uma larga escala crescente. (BRAGA, 2006, p. 4)

Da mesma maneira, foi colocada em perspectiva a necessidade de falar sobre a coisa, ou seja, a pandemia de coronavírus é um evento global que não somente interfere na produção desta pesquisa, como mudou e mudará drasticamente as interdependências e interconexões globais. A própria natureza e trajetória de disseminação do coronavírus possuem profundas conexões com a sociologia das migrações.

Os mundos, online e off-line, não são necessariamente realidades separadas — mundo real versus mundo virtual — mas podem ser considerados um continuum da mesma realidade. De tal forma, o pesquisador deve desenvolver técnicas que o permitam analisar esse continuum. Nesse sentido, é interessante notar que, dentre as comunidades ou os grupos que um pesquisador viria a estudar, podem-se destacar as puramente virtuais, ou seja, que são socialmente criadas no ambiente virtual; as que são construídas tanto online quanto off-line; e as que são construídas puramente off-line, ou seja, no ambiente físico. (NOVELI, 2010, p.109)

Conforme adaptada a metodologia de campo, pretenderam-se realizar entrevistas abertas ou pré-elaboradas a serem realizadas por videoconferência, juntamente com uma investigação baseada em métodos netnográficos. Para tanto, buscou-se definir quais plataformas poderiam melhor oferecer dados para a pesquisa sobre as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* que transitam nas localidades municipais de Pelotas e Rio Grande.

A tecnologia é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da atividade na base das redes de comunicação digital. Este processo pode ser relacionado com o papel da eletricidade ou do motor eléctrico na difusão das formas organizacionais da sociedade industrial (por exemplo, a grande fábrica industrial e a sua relação com o movimento laboral) na base das novas tecnologias geradas e distribuídas eletricamente. Pode argumentar-se que, atualmente, a saúde, o poder e a geração de conhecimento estão largamente dependentes da capacidade de organizar a sociedade para captar os benefícios do novo sistema tecnológico, enraizado na microelectrónica, nos computadores e na comunicação digital, com uma ligação crescente à revolução biológica e seu derivado, a engenharia genética. (CASTELLS, 1999, p.17).

Os serviços das redes sociais estão na existência de uma plataforma digital que permite a criação de comunidades para representar as conexões pessoais que

vão além do contato físico. De acordo com Manuel Castells (2013, p. 29), “a conexão entre comunicação livre pelo Facebook, YouTube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um espaço híbrido público de liberdade”. Nessas diferentes plataformas, a autonomia e uso costumeiro das redes indicam uma troca de informações mais corridas e pontuais, “o espaço de autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede” (CASTELLS, 2013, p.165).

Assim sendo, plataformas virtuais como Facebook, YouTube, Twitter, e Instagram oferecem como serviço a possibilidade de compartilhar informações através de mensagens de texto, publicação de fotos e vídeos, formação de grupos de interesses e transmissão de vídeos ao vivo. Essas transmissões podem ser chamadas “lives”, “reels”, “storys” ou “streams”, sendo transmitidas ou “stremadas” pelos “youtubers”, “streamers” ou “influencers”. Nesta pesquisa são utilizadas as redes do YouTube⁴² e Instagram⁴³ do canal *Yo Ban Boo*, assim como a página *Perigo Amarelo* no Facebook⁴⁴.

2.3. Adaptação Metodológica: Plataformas Digitais

Nesta adaptação de método netnográfico de colocar histórias de vida, o básico não é a neutralidade, mas a cooperação empática, a igualdade substancial conduzida ao entrevistado. Com o advento de novas tecnologias e novas formas de conexão de dados, materialmente tornou-se mais viável uma epistemologia que embasasse as articulações entre as várias histórias e a sociedade histórica, inclusive sobre seus movimentos de estruturação e desestruturação descontínuas. Algumas recomendações são possíveis de se preestabelecer, como iniciar a construção do objeto científico desde o momento da investigação de campo e coleta de dados:

A etnografia virtual não é um avanço de um novo método para substituir um antigo, e sim, é apresentada como uma forma de trazer em foco tanto os pressupostos nos quais a etnografia é baseada, e as características que são consideradas especiais no que diz respeito às tecnologias envolvidas. (HINE, 2000, p. 1)

⁴² YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/YoBanBoo/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

⁴³ Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/yobanboo/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

⁴⁴ Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/perigoamarelo/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

A proposta adaptativa aqui não é defender uma nova etnografia, mas entender como é possível a utilização do apoio de comunidades on-line. Contudo, no que concerne às plataformas digitais, é importante saber distinguir o que é narrativa e o que é modulação de informações:

O problema das plataformas privadas que se colocam como espaços públicos é que suas regras são decididas monocraticamente pelos seus donos. Governos e corporações economicamente poderosos podem agir na tentativa de modular a opinião e o comportamento político das pessoas. Podem gastar grandes somas de dinheiro na compra de resultados de busca específicos para consultas que contenham determinadas palavras ou frases, ou se refiram a certos temas. Isso restringirá as opções de realidade. Ordenará os links críticos ou adversos a quem pagou em resultados bem distantes da primeira página. Também poderá apresentar, conforme as características, personalidade, desejos de cada integrante das redes sociais online, um conjunto de conteúdos que deixa pouco espaço para versões diferentes dos fatos. A modulação da opinião pública nas redes digitais é realizada principalmente pelo controle da visualização de conteúdo. As plataformas de relacionamento social online, em geral, não produzem conteúdos, mas direcionam, organizam e disseminam as produções de seus usuários, ou seja, utilizam técnicas de modulação. (SILVEIRA, 2019, p. 58).

É importante dar ênfase no cuidado:

A modulação não seria possível sem um sistema que sempre mantém algumas aberturas e impõe certos limites. A modulação, em geral, é invisível para os viventes, por isso trata-se de um tipo de manipulação da opinião bem mais perigosa. (SILVEIRA, 2019, p. 58).

Para Sergio Amadeu da Silveira (2019), através da perspectiva de Gilles Deleuze⁴⁵, na segunda metade do século XX podemos ver na constituição das *sociedades de controle* o terreno para a expansão dos algoritmos, onde as sociedades *“funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea”*, considerando que *“o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal”* (Deleuze, 1992, p.216). Logo, esse processo se estrutura com a coleta dos dados

⁴⁵ Em sua publicação “Conversações”, Gilles Deleuze reuniu textos de entrevistas realizadas entre o período de 1972 e 1990. Sua obra filosófica é tratada como uma das principais representantes do pós-estruturalismo, destacando-se a sua tese *Différence et répétition* (1968).

tratados por algoritmos, softwares, rodados em máquinas de alta capacidade de processamento.

A articulação destas máquinas cibernéticas, através de plataformas digitais por exemplo, permite acompanhar cada corpo na amplitude do território, alimentando mecanismos inesgotáveis de previsão de comportamento e personalização completa da vida. Para o *marketing*, econômico ou político, a captura de dados se torna a captura das subjetividades. Portanto, a investigação a ser feita deve dar uma conotação mais intensa à relação que une a história individual à categoria geracional, devendo-se realizar a avaliação de múltiplas histórias cruzando-as conforme as possibilidades do investigador e a própria natureza da trajetória da nova geração a ser reconstruída.

Basicamente o sociólogo deve estar interessado em reconstruir a densidade interativa e estrutural do movimento histórico vivido pela geração investigada, seus ritmos diferenciados, superficiais ou profundos, seus conflitos e mudanças tanto de valores quanto de enunciados, gerando práticas novas e estratégias diversas. A questão central do cientista é como ordenar a totalidade do material linguístico coletado, não somente em cada metodologia e plataforma digital, mas na sua relação com a totalidade das outras gerações sempre tendo-se em mente a totalidade do discurso recolhido através das entrevistas.

A interação social online, particularmente nas primeiras pesquisas na internet, era uma coisa fora do “espaço da carne” e a rede era vista como um reino angélico para o discurso e para a sociedade mediada. Nos anos seguintes, algumas das melhores pesquisas sobre a internet e a sociedade reconheceram que as interações online raramente são exclusivas do mundo online. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.12)

Em suma, a netnografia também abre perspectivas imensas e profundas de compreensão para a análise daquilo que, recentemente, era considerado como “subjetivo” e que pode ter um fundo extremamente objetivo, existindo técnicas operacionais que possibilitem alcançar esses níveis de análise. Assim serão levantadas questões sobre as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* no recorte específico da municipalidade de Rio Grande.

Estas questões buscam problematizar como operam as narrativas das novas gerações de descendentes japoneses no contexto histórico gaúcho, ou seja, quais as percepções de vulnerabilidades e quais as mobilizações performáticas que são realizadas a fim de contornar ou confrontar paradigmas. Sociologicamente é importante evidenciar que haja não mais indivíduos escolhidos, mas gerações. Este é um dos aspectos importantes em relação ao uso das metodologias explicadas - as rupturas -, ou seja, passar de indivíduos para gerações, considerar qual análise sociológica não pode ter como fundamento suficiente o indivíduo.

A generalização também é um problema que deve ser levado em conta. Como o foco do pesquisador é estreito, localizado e específico, qualquer tipo de generalização poderá induzir a erro. Para escapar desta situação, sugere que o etnógrafo tenha sempre em mente que há uma especificidade social em quem utiliza a Internet regularmente. Principalmente se considerarmos a ainda incipiente entrada da informática no dia-a-dia dos brasileiros, pode-se afirmar que apenas uma mínima parcela da população cultiva este hábito. (ROCHA; BARROS; PEREIRA, 2005, p. 14)

Para a leitura descontínua geracional, que se obtém através das narrativas dos entrevistados, é preciso que haja uma ruptura entre aquilo que é dito por cada um dos entrevistados e a sua totalidade, uma ruptura, diga-se, entre um significado imediato e um significado reconstruído. Assim sendo, as entrevistas também permitem dar de volta a palavra a quem, durante anos, não tinha ou tinha poucos canais de comunicação para expressar a própria experiência humana.

A tecnologia disponível para o etnógrafo moderno aumenta sua capacidade de fazer trabalho de campo, mas também corre o risco de congelar o instante com tanta clareza e - aparente - conclusividade que o fluxo da "vida real" não é mais capturado (ANGROSINO, 2009, p.123).

Assim sendo, as entrevistas pré-elaboradas tiveram papel fundamental na produção do conteúdo metodológico desta pesquisa, na responsabilidade de escutar as vozes locais e transcrever suas memórias sem essencializar identidades e agências. As entrevistas permitem a busca da alteridade no sentido de possuir sensibilidade de perceber não somente as vozes, mas também os silêncios das falas.

3. Descendentes de imigrantes multiculturais

Entendi que o referencial teórico não é uma mera revisão de literatura, mas sim um meio para chegar ao marco teórico. Tal percepção demanda sensibilidade, ao estudar a literatura especializada e as contribuições passadas para entender os pontos correlatos sobre os possíveis erros e acertos das investigações já realizadas. Nesta perspectiva, busquei identificar o que já foi percebido sobre *o tema, a área de estudo, o recorte proposto e o campo da pesquisa*, assim como, também, as insuficiências da matéria, uma etapa de importância a fim de evitar a duplicação de esforços e desperdício de recursos.

Os estudos no PPGS/UFPel me apresentaram teorias que dão relevância às narrativas nas estruturas das ciências sociais. Busquei nos autores e autoras desses estudos aqueles que também dialogassem com a construção de identidade cultural e performatividade. Foi encontrada na chamada *sociologia das migrações*⁴⁶ a finalidade de iniciar um olhar sociológico sobre as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* no sudeste rio-grandense com um recorte inicialmente definido nos limites de Pelotas e Rio Grande.

Essas novas gerações serão definidas nesta pesquisa a partir de 1990, compreendendo a *redemocratização brasileira* e a *década perdida japonesa*⁴⁷ no trânsito migratório dos *descendentes de imigrantes japoneses*. Os anos 90 representam uma inversão das lógicas macroeconômicas entre o Brasil e o Japão, estando relacionado com o fim da diáspora brasileira - fuga da *ditadura empresarial-militar brasileira* – e com o fim dos ganhos relativos à bolha financeira e imobiliária japonesa. O Brasil passa a representar prosperidade e liberdade, enquanto a situação do Japão é de crise financeira nos bancos e na economia, o que mostra uma inversão de oportunidades socioeconômicas.

Portanto, essa pesquisa busca uma base teórica que permita perceber questões problematizadoras em novas gerações descendentes de japoneses, forjadas em um cenário global diferente ao de seus antepassados, com outras

⁴⁶ O campo da sociologia das migrações pode ser melhor explorado a partir do trabalho de Oswaldo Truzzi & Karl Monsma (2018).

⁴⁷ Esse tema será devidamente contextualizado em um capítulo mais adiante desta pesquisa, através dos apontamentos de FRAGA & STRACHMAN (2013).

narrativas e desafios, tentando perceber quais são as transformações e ressignificações produzidas a partir de um olhar do Sul Global.

3.1. Cultura em uma perspectiva pós-colonial

O termo pós-colonial possui diferentes entendimentos teóricos e políticos, tendo sido objeto de diversos debates em torno de sua definição, com maior frequência após os anos 1980. Nesta pesquisa buscarei apreciar alguns autores que representam os estudos subalternos indianos, influenciados por estudos pós-estruturais, pós-modernos, desconstrutivistas e culturais na perspectiva de pensar o descendente de imigrante japonês como “o outro”, como o sujeito colonizado, orientalizado e subalterno, mas, também, na perspectiva de pensar o sujeito não imperial e descolonizado, aquele que transforma as estruturas.

Portanto, nesta pesquisa levantam-se questões problematizadoras sobre as gerações descendentes de imigrantes japoneses no sudeste rio-grandense para serem pensadas a partir das perspectivas multiculturais de Stuart Hall que, dialogando com Homi Bhabha, opera as noções sobre global/local e entre-lugares⁴⁸ na discussão das dinâmicas que envolvem a construção das identidades culturais nas novas gerações. Partindo da “questão multicultural” de Hall:

Pode ser útil fazer aqui uma distinção entre o "multicultural" e o "multiculturalismo". Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade "original". Em contrapartida, o termo "multiculturalismo" é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais. "Multicultural", entretanto, é, por definição, plural. (HALL, 2006, p.54)

⁴⁸ Nesse sentido, esta pesquisa visa refletir sobre a negociação das identidades e valores culturais nacionais decorrentes das dinâmicas relacionais entre Brasil-Japão, o que torna o espaço diegético um entre-lugar, conforme proposto por Bhabha (2005).

Hall parte da observação de Bhabha de que o "multiculturalismo" é um termo valise que se expandiu de forma heterogênea e que o "multicultural" tornou-se um significante oscilante:

Existem muitos tipos de sociedade multicultural, como por exemplo, os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França, a Malásia, o Sri Lanka, a Nova Zelândia, a Indonésia, a África do Sul e a Nigéria. Estes são, de forma bastante distinta, "multiculturais". Entretanto, todos possuem uma característica em comum. São, por definição, culturalmente heterogêneos. Eles se distinguem neste sentido do Estado-Nação "moderno", constitucional liberal, do Ocidente, que se afirma sobre o pressuposto (geralmente tácito) da homogeneidade cultural organizada em torno de valores universais, seculares e individualistas liberais. (HALL, 2006, p.54)

As questões multiculturais estão muito presentes nos trânsitos migratórios. A partir dessa perspectiva, refletindo as dinâmicas no trânsito migratório entre Japão e o Rio Grande do Sul, as reflexões de Edward Said (2004; 2007) e Abdelmalek Sayad⁴⁹ (1998; 2000) tratam a subjetividade como fundamental para interpretar o campo das migrações e a categoria de gerações. As relações dos indivíduos imigrantes estão relacionadas, juntamente, com outras questões que envolvem as relações políticas e econômicas. Ao mesmo tempo, todas essas questões se relacionam com as ideias ocidentais sobre uma imaginação do Oriente:

Na medida em que a presença do imigrante é uma presença estrangeira ou que é percebida como tal, as "ilusões" que a ela estão associadas e que até mesmo a constituem podem ser enunciadas como segue: são, para começar, a ilusão de uma presença necessariamente provisória (e, correlativamente, se nos colocamos do ponto de vista da emigração, ilusão de uma ausência igualmente provisória), mesmo quando essa presença (ou essa ausência), provisória do direito, verifica-se, nos fatos e sempre a posteriori – e apenas a posteriori (não podemos deixar de insistir no caráter retrospectivo dessa "descoberta" e na necessidade prática do retardamento dessa descoberta, ou seja, da dissipação da ilusão) – como uma presença durável, quando não definitiva (fato que não se pode confessar nem mesmo confessar a si mesmo, pois na maior parte dos casos tal coisa é impossível nacionalmente, quando não ontologicamente falando); ilusão, sendo que esta é governada por aquela, de que essa presença é totalmente justificável pela razão ou pelo alibi que se encontra em seu princípio e que é o trabalho ao qual ela está ou deveria estar, logicamente, totalmente subordinada; e, por fim, ilusão da neutralidade política, não só neutralidade que

⁴⁹ Abdelmalek Sayad atuou primeiro como assistente de Pierre Bourdieu.

se exige do imigrante mas tal como ela se impõe ao próprio fenômeno da imigração (e da emigração), cuja natureza intrinsecamente política é mascarada, quando não é negada, em proveito de sua única função econômica (SAYAD, 2000, p. 19).

Deste modo, considere que o conceito de Cultura atravessa o campo de estudos migratórios e a categoria de estudos de gerações. Os estudos ditos pós-coloniais apostam em renovar a teoria social contemporânea com o caráter crítico aos estudos endereçados às ciências sociais e aos processos de formação de conhecimento, servindo de perspectiva fundamental para tentar problematizar questões acerca das novas gerações descendentes de imigrantes japoneses no sudeste rio-grandense.

A partir da noção de Stuart Hall (2003), a globalização altera as noções do tempo e do espaço, desaloja o sistema social e as estruturas que por muito tempo foram consideradas como fixas e possibilitariam o surgimento de uma pluralização dos centros de exercício do poder. Assim sendo, busca-se discutir a diferença como determinação da alteridade, a fim de entender a “nipo-brasilidade” como uma característica relacional e não fixa.

A pesquisa tenta observar níveis de análises sistêmicos e reducionistas, nos quais, de forma sistêmica esses diversos fatores são indissociáveis, interdependentes e interconectados, compondo a complexidade do tema das migrações, enquanto que de forma reducionista, cada indivíduo e cada grupo significa sua realidade às suas maneiras. Portanto, tenta-se explorar as novas gerações cultivadas pelos processos de imigrações no sudeste rio-grandense através da utilização de lentes reguladas às novas conjunturas e narrativas que se desdobram no trânsito entre-lugares do global/local nipo-brasileiro.

Os Estados-nação continuam a ser os principais atores do Sistema Anárquico Internacional⁵⁰, contudo a transnacionalidade e transculturalidade acompanham a heterogeneidade das novas gerações. Portanto, esta pesquisa busca na alteridade a categoria central para uma possível corrente de pensamentos interseccionais que permitem perceber a alteridade de ressignificações culturais nas *novas gerações de*

⁵⁰ Sistema Anárquico Internacional: no Direito Internacional Público é como se denomina o sistema regido entre os Estados-Nação; anárquico no sentido de que não existem leis "universais" supranacionais às soberanias estatais reconhecidas no Sistema Internacional.

descendentes japoneses para tentar entender o que caracteriza a diferença cultural entre as ditas cultura japonesa, cultura brasileira, cultura nipo-brasileira ou uma cultura híbrida. A leitura da trajetória epistemológica em Homi K. Bhabha, de acordo com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2004), desprende-se de uma estratégia desconstrutivista, evidencia o hibridismo como elemento constituinte da linguagem e da representação:

[...] é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais e pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. [...] A diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais em certos relatos antropológicos do início do estruturalismo (BHABHA, 2005, p.63).

Logo, rejeitam-se binarismos maniqueístas que seduziram muitos escritores pós-coloniais para tentar retratar o sujeito colonizado de uma forma "mais autêntica" do que fora antes retratado na literatura da cultura colonizadora. (SOUZA, 2004, p. 114). Correlacionando com a obra "Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente", do intelectual palestino Edward Said, percebe-se que o autor distingue três tipos de Orientalismos. Primeiramente, como definição de estudos acadêmicos sobre o oriental; secundamente, como uma atitude de oposição do Oriente ao Ocidente; e, finalmente, na virtual impossibilidade de o "ocidental" pensar previamente às definições e molde do discurso "ocidentalizante".

Para SAID (2007), antagonicamente, a "Ocidentalização", etimologicamente, é a ação de tornar "ocidental", o processo pelo qual os povos assimilam ou são obrigados a assimilar aspectos de uma cultura "ocidentalizante". Logo, os povos deveriam falar com voz própria e sem intermediação do "ocidente", questionando inclusive a noção de "uma única história", a história ocidental. Por isso, a pesquisa concorda que a alteridade é categoria central de um pensamento interseccional pelo motivo de que é justamente na diferença que existe a possibilidade da significação e ressignificação. Aqueles que migram e encontram um mundo em conflito estão precarizados por questões da mobilidade e da linguagem, duas liberdades humanas que necessitam de uma infraestrutura maior do que o próprio indivíduo.

Ainda em Edward Said (2004), se as grandes movimentações humanas trazem questões de refúgio para o Estados-nação, essas movimentações também

estão em busca de um novo lugar e esse lugar se consolida no cotidiano daquele que se encontra permanentemente, ou a maior parte do tempo, “fora de lugar”. Essa condição coloca a necessidade de novas histórias de vida, novas personalidades e novas trajetórias a partir da nova vida, mas agrava o sentimento do exílio forçado. Para Abdelmalek Sayad:

“Fato social total”, é verdade; falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (história demográfica e história política da formação da população francesa), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tornarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração. De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território: o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. Esta é outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que encontre interesses de outra espécie (SAYAD, 1998, p.16).

Em suma, os descendentes de imigrantes japoneses não possuem uma cultura fixa, tampouco estão limitados a estereótipos econômicos ou da cultura pop, comumente representados por mercadorias tecnológicas e entretenimento audiovisual. Da mesma forma que o Brasil não estava configurado como uma República há 150 anos, o Japão também não era reconhecido como “o Japão”, podendo ser interpretando por várias microrregiões, dialetos e processos de transformação dos povos nativos. As diferenças culturais entre o nordeste e sul japoneses também existem, assim como as diferenças brasileiras.

Logo, existe uma grande diversidade cultural no trânsito daqueles que migram para distantes territórios. São identidades em movimento de transformação, sendo significadas pelas gerações e ressignificadas pelos sujeitos destes corpos e territórios.

4. A migração japonesa no trânsito entre-lugares.

No início do século XX, o império japonês estava superpovoado, enquanto que a república brasileira - pós escravista - estava em busca de mão de obra agrária (MELLO, 2010). As narrativas japonesas passaram a compor os fluxos migratórios brasileiros pela demanda cafeeira, principalmente nos estados de São Paulo e do Paraná. Foram firmados tratados de cooperação binacionais que visavam à colonização nipo-brasileira como estratégia para a agenda de expansão territorial japonesa e para os projetos nacionais de racialização brasileiras.

O Japão como Estado é uma construção recente, com menos de 140 anos, e na distinção do que significa ser japonês “de fato” está implícito o compartilhamento de traços comuns (linhagem étnica, habilidade no uso do idioma, o lugar de nascimento, o lugar de residência e o nível cultural), aos quais está agregado um elemento fundamental: viver e ter sido criado no Japão. (MELLO, 2010, p. 9-10)

Assim como no Brasil, os municípios e regiões japoneses também possuem características locais que diferenciam a Cultura nacional subnacionalmente. As pessoas de um mesmo país se diferenciam culturalmente entre regiões, departamentos, províncias ou estados federativos. Portanto, assim como um gaúcho e um cearense podem diferenciar costumes locais em seus bairros ou municípios, pessoas de diferentes províncias japonesas também identificam diferenças entre as suas localidades territoriais. Contudo, enquanto os imigrantes japoneses se diferenciavam entre suas províncias - convivendo nas colônias de agricultores, inclusive com apelidos respectivos às diferentes regiões, os brasileiros se acostumavam com os estrangeiros, apelidados todos de “Japas”. Estas mesmas diferenciações vão estar presentes nas comunidades de kasseguis no Japão, onde um paulista e um mineiro, antes, gaijins, são imigrantes brasileiros.

No desenvolvimento deste projeto, fui entendendo a importância de perceber a narrativa a partir do ponto de vista de quem fala, assim como a necessidade de revisar brevemente os contextos históricos nacionais. Portanto, para uma primeira perspectiva social dos *descendentes de imigrantes japoneses*, busquei conhecer publicações referentes à imigração japonesa no Brasil, encontrei aportes nos

trabalhos de Hiroshi Saito (1961; 1964; 1973), no trabalho trilingue⁵¹ de Ruth Cardoso (1998) e nos trabalhos de Celia Sakurai (2007; 2008). Foram contribuições que me permitiram ter uma breve noção do contingente das imigrações anteriores à experiência específica no Porto de Rio Grande.

Em segundo lugar, na medida em que os problemas desta pesquisa eram amadurecidos, busquei aporte em trabalhos que tratam de questões contemporâneas nas relações nipo-brasileiras, como a publicação de Maria Wawzyniak (2004), de Elisa Sasaki (2006), de Francisco Hashimoto (2008), de Wataru Kikuchi (2012) de Gustavo Taniguti (2015; 2018) e nas publicações de Gabriela Shimabuko (2016; 2018). Foram importantes contribuições que me auxiliaram a entender as principais questões das migrações e relações entre as gerações descendentes de imigrantes japoneses para o Brasil. Através da contextualização histórica presente nestes diálogos, pude afunilar as questões das *novas gerações* no recorte pré-definido, no sudeste rio-grandense, identificando 3 marcos na relação binacional Brasil-Japão: (1) a imigração em 1908, (2) a Segunda Guerra Mundial e (3) a diáspora brasileira nos anos 1980.

Atualmente, a lógica de país receptor de escravos e de imigrantes passa também a representar significativa expressão de emigrantes do Brasil para o estrangeiro. Assim como a música interpretada por Maria Rita, na composição de Fernando Brant e Milton Nascimento intitulada “Encontros e Despedidas”:

♪ Todos os dias é um vai e vem
 A vida se repete na estação
 Tem gente que chega pra ficar
 Tem gente que vai pra nunca mais
 Tem gente que vem e quer voltar
 Tem gente que vai e quer ficar
 Tem gente que veio só olhar
 Tem gente a sorrir e a chorar
 E assim chegar e partir
 São só dois lados da mesma viagem
 O trem que chega é o mesmo trem da partida
 A hora do encontro é também despedida
 A plataforma dessa estação
 É a vida desse meu lugar
 É a vida desse meu lugar
 É a vida [...]

⁵¹ Trabalho publicado pela primeira vez no formato de tese, em 1972, com o título “Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo”.

Em uma perspectiva nacional, o Estado-nação brasileiro foi historicamente construído por distintos fluxos migratórios, transformando-se nesta heterogeneidade de diversidade cultural. O trânsito migratório, como o dos japoneses e seus descendentes, manifestou-se no território continental do Brasil gerando a identidade nacional que transcende as fronteiras das linhas geográficas e imaginárias.

O território brasileiro é palco de uma diversidade de trânsitos migratórios que não se resumem somente a um remetente e destino, mas muitas vezes se desenrola em narrativas que vão ou voltam, que vão e voltam, mas que, às vezes, demoram para voltar ou vão para nunca mais voltar. Algumas outras vezes, mesmo os que estão lá, nunca deixaram de estar aqui.

4.1. Novos atores brasileiros (1908)

Dentre os diversos fluxos migratórios, em 1908 a imigração japonesa passa a compor as narrativas brasileiras evidenciando contradições. O Império Japonês passa a ter notoriedade internacional por suas políticas bélicas e expansionistas. No Brasil, o imaginário brasileiro do imigrante japonês ora representava um perigo amarelo, ora era um exemplo de povo trabalhador:

Esta contradição é própria deste racismo, pois exalta certas qualidades para em seguida desqualificar esses imigrantes como muito diferentes, não participantes da mesma humanidade. Isto transforma suas qualidades em perigo, exatamente por serem exercidas por estes “outros”, que ao fim acabam se tornando não-humanos ou, no mínimo, excluídos da mesma humanidade dos deputados brasileiros – que além de proprietários (...), também eram, em parte, formados em medicina e cientes das elaborações de eugenia. (NUCCI, 2000)

A comunidade *Nikkei* passou a se isolar nos anos 1930, como reflexo dos processos opressores de aculturação que estavam sendo planejados para um projeto nacionalista brasileiro. Esses projetos visavam disciplinar as relações estrangeiras e a população brasileira; era proibida a reunião e a prática de idiomas estrangeiros nos núcleos das colonizações, assim como era proibida a aquisição de terras por estes não-nacionais. De acordo com TAKEUCHI (2008), a comunidade nipo-brasileira foi uma das que mais sofreu nestes processos, visto que era justamente através de suas organizações sociais que a comunidade de imigrantes japoneses se mobilizava.

Além das políticas repressivas, nos patamares de maior erudição brasileira, situavam-se obras com fundamentos eugenistas, como a publicação de Oliveira Vianna - “Raça e assimilação” - e a publicação de Roquette Pinto - “Ensaio de Antropologia Brasileira” -, ambas de 1933 e cujas referências à imigração japonesa apontavam para posições diferentes, embora não propriamente antagônicas. Nessa mesma época intensificam-se debates públicos sobre a conveniência ou não da imigração japonesa no Brasil, polêmicas que ganharam dimensão nacional com a instalação da Assembleia Nacional Constituinte de 1934, onde discursos, artigos e livros “pró” e “antinipônicos” foram elaborados por intelectuais, empresários e políticos brasileiros (TAKEUCHI, 2002).

Paralelamente, é também a partir desta década de 30 que se tem o reconhecimento das instituições científicas na área das Ciências Humanas em São Paulo. Isso possibilita a realização de estudos específicos e multidisciplinares, tanto pesquisas sociológicas sobre o estabelecimento destes imigrantes, como outros estudos de cunho eugênico:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2018, p.25).

O movimento ascensional dos nipo-brasileiros representou um ponto de partida de análise para muitos cientistas sociais que se dedicaram ao estudo da imigração japonesa no Brasil. “A revisão da literatura existente nos permite observar que os fatores culturais adquiriram proeminência nos argumentos de alguns principais estudiosos, como” Hiroshi Saito⁵² (TANIGUTI, 2015. p.296). São destacados os seguintes trabalhos de SAITO: “Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação” (1961), “O cooperativismo e a comunidade. Caso da Cooperativa Agrícola de Cotia” (1964) e SAITO, H & MAEYAMA, T.: “Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil” (1973).

⁵² Hiroshi Saito (1919-1983) foi sociólogo e um dos principais estudiosos da imigração japonesa no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980. Foi professor da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade de São Paulo (USP).

Por conseqüente, foram os estudos científicos na área das Ciências Humanas reconhecidos na capital São Paulo que possibilitaram a realização das primeiras pesquisas sociológicas sobre o estabelecimento de imigrantes e descendentes japoneses. O resultado está na atual grande quantidade de estudos, pesquisas e publicações sobre essas relações bilaterais no nível regional paulista.

4.2. Aliados do Eixo (1942 - 1950)

No decorrer do século XX, registra-se um contexto histórico global cada vez mais interdependente e interconectado. O Império Japonês alinou-se ao nazismo alemão e ao fascismo italiano. As relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão foram interrompidas em 1942, situação que foi agravada com a declaração de guerra brasileira em 1945, sendo restabelecidas, portanto, somente após 1950, com o fim da II Guerra Mundial (SASAKI, 2006).

As Colônias Japonesas estabeleceram um elo que propiciou a constituição de uma rede de solidariedade entre os imigrantes e descendentes, permitindo a sobrevivência nos núcleos, nas pequenas cidades e nos centros urbanos (WAWZYNIAK, 2008, p.186). Necessidades foram no tempo atenuadas, visto que desde a Assembleia Nacional Constituinte de 1934, até o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, não existem registros de imigrantes japoneses para o Brasil.

Durante a Assembleia Nacional Constituinte de 1946, no Palácio Tiradentes, no Rio capital da República, o então senador pelo Distrito Federal Luiz Carlos Prestes fechou questão a favor da emenda 3.165, de autoria do médico, empresário ligado à extração do sal e deputado carioca Miguel Couto Filho, do Partido Social Democrático. [...] A emenda 3.165 dizia: "*É proibida a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência*". O deputado carioca do PSD retomava, 12 anos depois, o espírito de várias emendas propostas à Constituição de 1934 - sendo que uma delas ficou conhecida com o nome de seu pai, Miguel Couto, médico, educador, presidente da Academia Nacional de Medicina e membro da Academia Brasileira de Letras. (Suzuki Jr., 2008)

Para o jornalista Matinas Suzuki Júnior a "*discriminação social e institucional foi um tema esquecido pela historiografia brasileira*". Em 1934, a institucionalização foi defendida pelo sociólogo - antiniponista e eugenista - Oliveira Vianna, conhecido

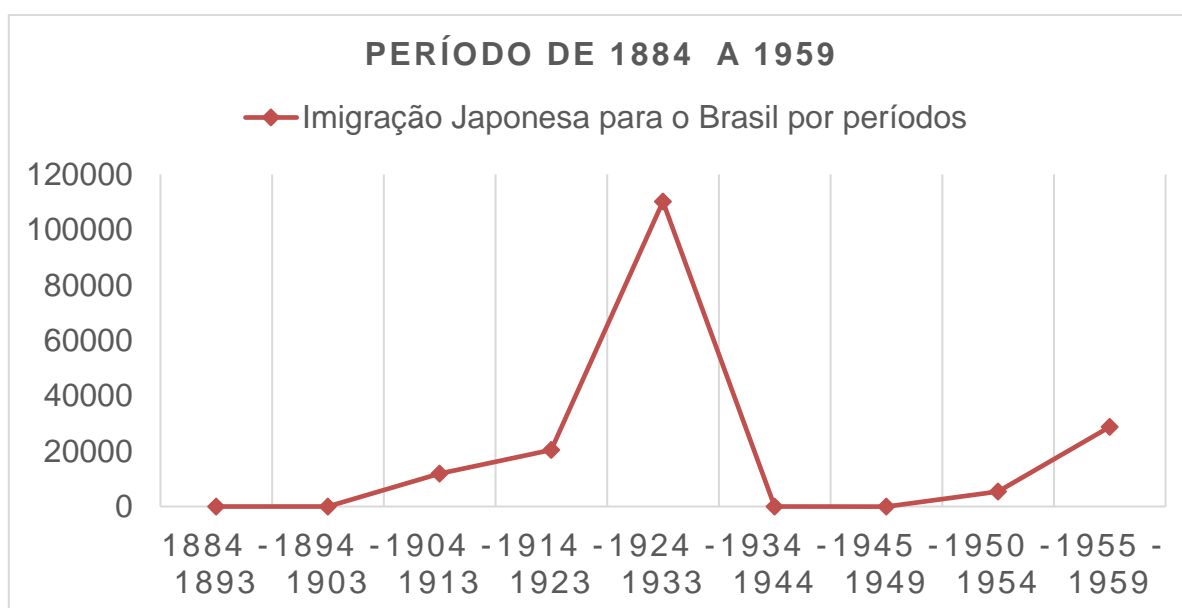
por frases como "os 200 milhões de hindus não valem o pequeno punhado de ingleses que os dominam" e "o japonês é como enxofre: insolúvel".

Em 1946, no contexto geopolítico da Segunda Guerra Mundial, a maioria da bancada da Assembleia Nacional Constituinte defendia com teses "científicas" "vindas do darwinismo social e da eugenia racial, surgidas na Europa na segunda metade do século 19", a necessidade do "branqueamento" da população brasileira. Concomitantemente, em represália ao papel japonês aliado ao *Eixo*, somaram votos ao Partido Social Democrático inclusive membros do então partido comunista brasileiro, como o sindicalista Claudino Silva - único constituinte negro -, eleito pelo Rio. Na emenda 3.165 dizia: "*É proibida a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência*".

Em 27 de agosto de 1946, o ex-vice-presidente da República e senador presidente da Constituinte, Fernando de Melo Viana colocou em votação a emenda de Couto Filho. Foram 99 constituintes a favor da proibição da imigração de japoneses e 99 contra. O voto de minerva de Melo Viana, foi contra.

Podemos observar o resultado dessas políticas de proibições migratórias no gráfico e tabela a seguir:

Gráfico 1 - A Imigração Japonesa Para O Brasil Por Períodos



Fonte: SAKURAI e COELHO, 2008. Organizado por Nikolas Konishi.

Tabela 1 - A Imigração Japonesa Para O Brasil Por Períodos

Período de 1884 a 1959	
1884 -1893	-
1894 -1903	-
1904 -1913	11868
1914 -1923	20398
1924 -1933	110191
1934 -1944	N/A
1945 -1949	12
1950 -1954	5.447
1955 -1959	28819

Fonte: SAKURAI e COELHO, 2008.

Mesmo com o fim da guerra, estigmas foram atribuídos aos corpos japoneses e de seus descendentes, mesmo aqueles nascidos no território brasileiro, portanto natos. Para Lúcia Lippi Oliveira (2001), “*Ser objeto de temor e/ou desprezo é experiência de vida que dificilmente se apaga. Muitos remontam no novo lar certas marcas trazidas da casa de origem*”, ou seja, “*tudo aquilo que possa fazer lembrar o lugar de origem*”. Os projetos de nacionalização brasileira e a trajetória da Segunda Guerra Mundial foram contextos que impactaram diretamente as narrativas geracionais dos descendentes de imigrantes japoneses.

Assim, os nipo-brasileiros sentem-se alijados de cidadania duas vezes: no Brasil desde sempre foram identificados como japoneses, com hábitos, cultura, língua e costumes que, no seu imaginário, poderiam encontrar voltando à terra dos antepassados. Porém, no Japão, são automaticamente identificados como brasileiros, no qual o fenótipo é preterido por uma série de comportamentos, símbolos, condutas e representações que o distanciam do japonês nativo, seja por desconhecer a língua natal, seja, em outros casos, por trazer um dialeto antigo, ou rural, o que os coloca no mesmo estigma de discriminação. (SOARES; MOTTA, 2012, p.293)

As transformações históricas se tornam ambivalências de estigmas. Estas vulnerabilidades foram ressignificadas de formas diferentes entre as gerações, assim como determinadas localidades rurais ou rurais/urbanas tornaram-se redutos da preservação de tradições e costumes característicos da cultura de suas etnias. Identificadas conceitualmente aqui como uma forma de sociação ou “*formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros*” (SIMMEL, 1983, p. 47).

Conseqüentemente, foram criadas associações formalizadas e de personalidade jurídica, autônomas ou vinculadas a redes de cooperação técnica internacional. Imigrantes e descendentes perpetuaram práticas tradicionais e recriaram práticas identificadas com suas brasilidades: as suas transformações locais/globais.

4.3. Diásporas brasileira e nipo-brasileira (1980 - 1990)

Ao fim da Ditadura Civil-Militar brasileira, os anos 80 são marcados pela redemocratização do Brasil e pela Diáspora Brasileira, um fenômeno de emigração brasileira em busca de melhores empregos e direitos sociais no exterior. As transformações local/global passaram a evidenciar outras lógicas nos fluxos migratórios e nas narrativas contingenciais brasileiras e o contexto histórico de Estado-nação receptor de imigrantes passa, também, a significar expressivos emigrantes do Brasil para o estrangeiro.

Nesta diáspora, registra-se o chamado Fenômeno Dekassegui, onde, em busca de melhores condições de vida, muitos nipo-brasileiros fizeram o caminho inverso dos seus antepassados, emigrando do território brasileiro para se tornarem imigrantes no território japonês. Um expressivo contingente brasileiro trabalhando em cargos rejeitados por nacionais japoneses e em ocupações consideradas pesadas (kitsui), sujas (kitanai) e perigosas (kiken), “KKK”, principalmente de baixa qualificação no setor manufatureiro (OSAWA, 2006).

Em depoimentos feitos por ex-dekassegues, a questão identitária destes descendentes que se tornaram emigrantes emerge com força: se, no Brasil, ainda eram considerados “japoneses”, sendo assim chamados de modo corrente pelos não-descendentes, imaginam que no Japão, onde o fenótipo os torna iguais aos demais, tal diferença intransponível, pois corpórea – e a discriminação que a acompanha – chegaria ao fim, permitindo-lhes, finalmente, fundir-se às massas urbanas. [...] Se o fenótipo os identifica aos japoneses, outros elementos, também presentes na aparência física, referem-se a esta outra pertença que reclamam, fazendo com que se percebam brasileiros. (SCHPUN apud SOARES; MOTTA, 2012, p. 290-291).

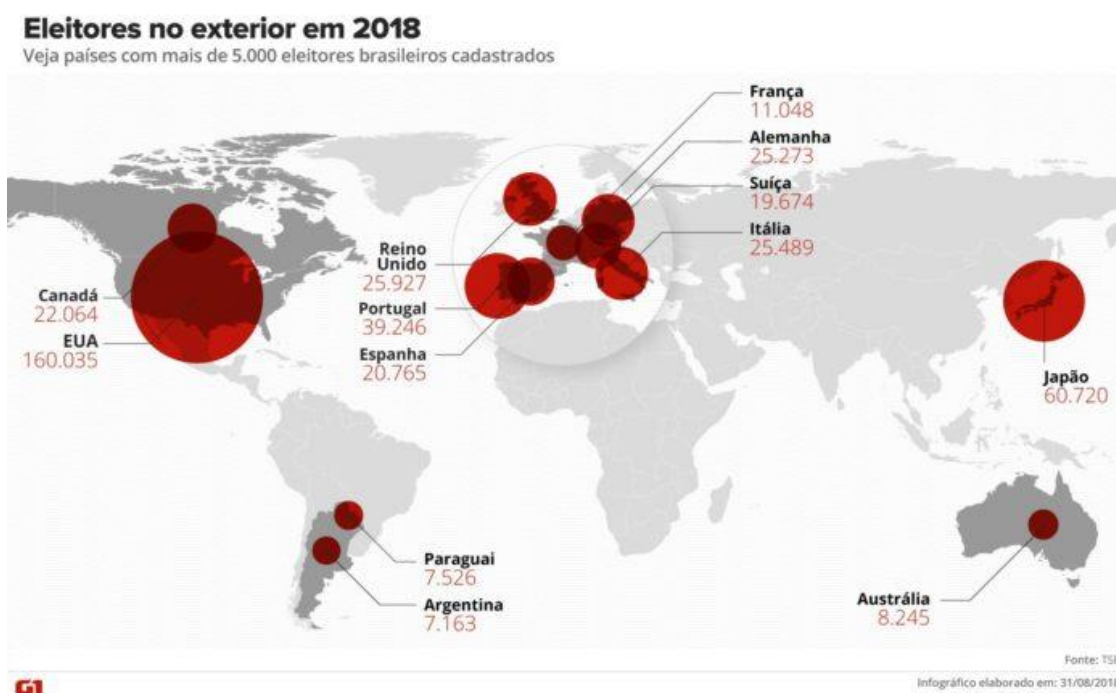
No início dos anos 90, o Japão enfrentava os colapsos das bolhas especulativas dos ativos e a crise bancária no país que configurou a chamada década

perdida japonesa⁵³. Nesta nova conjuntura de crise não existe espaço para desprezar cargos de trabalho, acentuam-se diferenças entre nacionais e estrangeiros, assim como afunilam-se as oportunidades de imigração.

A experiência do Japão, após os colapsos das bolhas especulativas dos ativos na década de 1990, mostra os dilemas de política econômica que se apresentam nos períodos de turbulência e tensões financeiras agudas. Não obstante, uma solução é necessária para uma recuperação sustentada, seja através de política fiscal e monetária, seja por meio de políticas especificamente direcionadas ao setor bancário (FRAGA & STRACHMAN, 2013, p. 548)

Em 27 de maio de 2005, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu ao primeiro ministro japonês, Junichiro Koizumi, que os dekasseguis no Japão pudessem ser tratados assim como os japoneses são tratados no Brasil. O encontro aconteceu no lançamento do Conselho Brasil-Japão para o Século 21. De acordo com Cristiane Jungblut (2005), foram debatidas agendas sobre seguridade social, taxa de evasão escolar e taxa de crimes envolvendo dekasseguis. Atualmente, como visto nas últimas eleições, existe um contingente expressivo de eleitores brasileiros vivendo no Japão.

Figura 3 – Eleitores Brasileiros no Exterior em 2018



Fonte: G1, 2018

⁵³ Do idioma japonês, 失われた10年, Ushinawareta Jūnen. Tradução livre: A década perdida.

Em seguida, feito este panorama da migração japonesa no Brasil, no próximo subcapítulo vou discorrer sobre o recorte específico da imigração japonesa para o Rio Grande do Sul e das novas gerações de descendentes gaúchos.

4.4. Novos atores gaúchos (1956)

Em uma perspectiva subnacional de análise do recorte específico no Rio Grande do Sul, percebe-se que esta unidade federativa brasileira é caracterizada por uma migração japonesa recente e pequena, sendo quase desconhecidas a participação e contribuições destes imigrantes na formação cultural do estado.

Existem poucas e específicas pesquisas que trabalham a trajetória migratória dos japoneses no sul do Brasil. Correlacionadamente, faltam estudos que revelem estes fluxos na Mesorregião do Sudeste Rio-Grandense. Isto se deve, especialmente, ao fato de a comunidade "*nikkei-gaúcha*" ser de aproximadamente quatro mil pessoas, levando esta etnia a passar despercebida em sua contribuição cultural e relevância social (Soares, A., Souza, C., & Lima, A., 2009). Outro fator que também pode ser destacado é a menor visibilidade e reconhecimento de imigrações não "brancas" ou "europeias" na constituição das colônias de imigrantes no interior do estado. Neste sentido:

Atualmente, no início do século XXI, a vaga estimativa de japoneses e seus descendentes presentes no Brasil é em torno de 1,3 milhão (JICA, 2003), e 80% de japoneses e brasileiros de origem japonesa (incluindo os japoneses naturalizados) devem estar localizados no Estado de São Paulo; dentre esses, a maior parte deve estar presente na Região Metropolitana de São Paulo, 15% no Paraná (principalmente na região norte) e os 5% restantes devem estar espalhados por quase todos os outros estados brasileiros.⁵⁴ (SASAKI, 2006, p.105)

As primeiras tentativas de programas migracionais nipo-brasileiros não se perpetuaram na região sul brasileira. Conforme CHRISTENSEN (2007), o município de Horizontina tem sido considerado berço de imigração alemã, italiana e polonesa, com a chegada em 1927 dos primeiros colonizadores alemães, [...] A partir de 1928, chegam cada vez mais colonos descendentes de alemães, de poloneses, de italianos,

⁵⁴ Estimativa baseada na lista de entidades de origem japonesa, levantada pelo Museu Histórico de Imigração Japonesa no Brasil (1999).

de russos e lusos brasileiros, destacando-se a forte presença de alemães e um pequeno grupo de japoneses⁵⁵. Registro também encontrado em:

No caso do Rio Grande do Sul, a primeira tentativa de instalação da colônia japonesa, na região de Santa Rosa, mais precisamente em Horizontina, noroeste do estado, iniciou-se em 1936, através da Companhia de Imigração Japonesa, KKKK e por intermediação da Dahne Conceição & Cia. Mas por se situar na região ribeirinha do rio Uruguai, zona de segurança nacional em plena segunda guerra mundial, e por medo de perder suas terras, a maioria dos japoneses venderam suas terras. (OGASAWARA, 2004, p.230-243)

Nas outras regiões e experiências, onde a colonização teve resultados melhores, as relações diplomáticas entre Brasil e Japão somente foram interrompidas em 1942, agravando-se com a declaração de guerra brasileira em 1945. Para Gabriela Shimabuko (2018, p.6), *"durante a II Guerra Mundial, a imagem do japonês — antes um agricultor pacífico — transforma-se numa síntese das ansiedades ocidentais em torno do perigo amarelo"*.

Tais rupturas trouxeram desdobramento não somente no plano internacional, como também no plano doméstico, através de perseguições e proibições relacionadas à cultura japonesa. Não obstante, estudos na áreas étnica e identitárias foram interrompidos pela conjuntura geopolítica internacional.

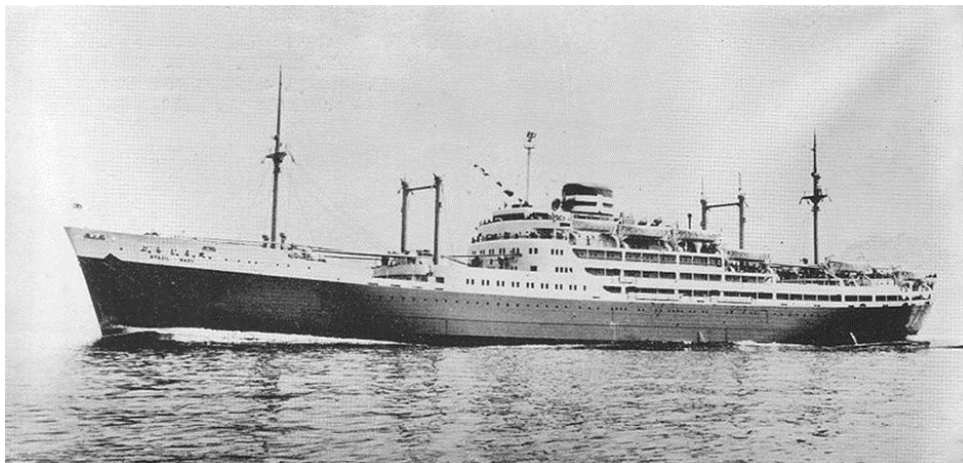
É possível ressaltar que os estudos sobre japoneses no Brasil tiveram início no seio do projeto acadêmico de desenvolvimento das ciências sociais paulista e, nas duas décadas seguintes, se desdobraram em numerosas pesquisas. Contudo, foi no início da década de 1950 — e, portanto, após o término da Segunda Guerra Mundial - que estudos específicos sobre agricultores japoneses em Cotia se realizaram. (TANIGUTI, 2015. p.28-29)

Após os desdobramentos da II Guerra Mundial, com a retomada das boas relações entre Brasil e Japão, em 20 de agosto de 1956, 23 imigrantes japoneses (jovens, solteiros, de 17 a 26 anos de idade) desembarcaram no Porto de Rio Grande, vindos a bordo do navio Brasil Maru II com o intuito de estabelecer residência na região. A comemoração da imigração no estado gaúcho é celebrada nessa data, 20

⁵⁵ CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Sousa. Horizontina História e Memória. HORIZONTINA, p.15-23: impressão Graficasa, 2007.

de agosto, remetendo à bem sucedida retomada dos programas de imigração japonesa para o estado do Rio Grande do Sul, visto que a tentativa de colonização em Horizontina, de 1936, havia sido desfeita.

Imagem 6 - Brasil Maru II em 1954.



Fonte: Wikimedia Commons, 2014.

Assim sendo, existe meio século de contexto histórico que diferencia as narrativas persistidas entre o estado de São Paulo e o Rio Grande do Sul. No âmbito acadêmico há uma escassez de material, uma vez que pouco se sabe sobre a cultura, sociedade ou história desses imigrantes oriundos do Japão na região (CRAVO, JUNIOR, 2010, p.16). Este fato deve-se, em parte, pela transnacionalidade criada (CASTRO, 1994, p.77).

Para a professora e pesquisadora GAUDIOSO (2016), a Associação de Assistência Nipo-Brasileira do Sul nasceu "no início da década de 1970, na cidade de Porto Alegre, com o apoio do governo japonês, com aquisição de terreno e construção do prédio". As outras associações locais, em sua maioria, não possuíam personalidade jurídica.

Os japoneses criavam associações de modo que as pessoas diziam: onde os três japoneses se juntam, criam sua associação. Mesmo sendo colônia, não é necessariamente o grupo de pessoas conhecidas ou de amigos e, sendo assim, pensava-se que era necessário realizar atividades de confraternização. (HANDA, 1987, p. 282)

Segundo Anik Suzuki (2008), em 2008 havia cerca de 1,2 mil japoneses e mais 3 mil descendentes no Estado, sendo 600 apenas em Porto Alegre. Destaca-se, no estado, a chamada maior colônia japonesa gaúcha no município de Ivoti. Situada

na Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, foi criada em 1966 por iniciativa de 26 famílias de imigrantes que também fundaram a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti.

Tabela 2 – População Nikkei Gaúcha

População Nikkei do Rio Grande do Sul⁵⁶	
1960	1.261
1980	10.822
1991	9.542
2000	21.925

Fonte: IBGE, 2008.

Tabela 3 – População Amarela Gaúcha

População residente, amarela, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade⁵⁷					
Variável - População residente (Pessoas)					
Cor ou raça - Amarela					
Unidade da Federação e Município	Sexo	Idade	Situação do domicílio		
			Total	Urbana	Rural
Rio Grande do Sul	Homens	Total	17317	13354	3963
		20 a 24 anos	1400	1174	226
		25 a 29 anos	1397	1162	235
	Mulheres	Total	18365	14939	3426
		20 a 24 anos	1415	1181	234
		25 a 29 anos	1514	1298	216
Pelotas (RS)	Homens	Total	523	500	23
		20 a 24 anos	42	41	1
		25 a 29 anos	53	53	-
	Mulheres	Total	529	514	15
		20 a 24 anos	36	35	1
		25 a 29 anos	43	42	1
Rio Grande (RS)	Homens	Total	273	267	6
		20 a 24 anos	31	29	2
		25 a 29 anos	27	27	-
	Mulheres	Total	328	324	4
		20 a 24 anos	31	31	-
		25 a 29 anos	43	43	-

Fonte: IBGE, 2010

⁵⁶ Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 2008.

⁵⁷ Portal do IBGE Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

De acordo com informações do último censo demográfico do IBGE, realizado no ano de 2010, dos 1063 japoneses residentes no Rio Grande do Sul cerca de 721 estavam na zona rural. Enquanto a população nikkei gaúcha variou, em relação à população do estado, de 1960 a 2000, no tocante à população residente, por cor ou raça, podemos perceber uma quantidade menor de pessoas que se autodeclaram amarelas.

5. Novas gerações descendentes de imigrantes japoneses

Neste capítulo serão expostos os principais conjuntos de ideias utilizados para a análise da construção da identidade dos *descendentes de imigrantes japoneses* entrevistados para serem interpretados no recorte definido. Ao elaborar a pesquisa foram procuradas teorias que pudessem contribuir com a problematização das questões que aproximam ou diferenciam as *novas gerações*. Buscaram-se materiais que ajudassem a repensar a maneira como os *descendentes* lidam com as diferenças geracionais, como constroem as suas identidades e como transformam as culturas.

Tabela 4 - Termos relativos de referência

Termos relativos de referência				
Orador				
Categorias		Japoneses que migraram para o Brasil (nascidos no Japão)	Nikkeijin nascidos no Brasil	Brasileiros não-nikkei
	Japoneses que migraram para o Brasil (nascidos no Japão)	Nipponjin ou Issei.	Japonês, Issei.	Japonês.
	Nikkeijin nascidos no Brasil	Nissei, Sansei, Yonsei, Nikkeijin.	Nissei, Nihonjin, brasileiro.	Japonês.
	Brasileiros não-nikkei	Gaijin, Burajirujin.	Gaijin, Brasileiro, etc.	Brasileiro, etc.

Fonte: MAEYAMA. Extraído de ROTH (2002), 1996b. (organização própria)

É possível observar pelos termos relativos de referência que o orador categoriza outros ao mesmo tempo em que também é categorizado pelos outros.

Acredito que esse quadro ajude a exercitar os imaginários sobre os processos de alteridade que existem para e entre os *descendentes de imigrantes japoneses*.

5.1. Entre Nihonjins e Gaijins

Como visto nos capítulos anteriores, a geopolítica internacional influenciou significativamente na integração da comunidade nipo-brasileira, gerando diferentes implicações nas migrações, com momentos de guerra e paz. Nesses, o processo de racialização amarela "*no Brasil é ambivalente, podendo ser tensionado a partir da lógica do inimigo comum ou do invasor, assim como pode ser configurado enquanto minoria modelo*" (SHIMABUKO, 2018, p.8).

Não somente no país do Mito da Democracia Racial, assim como em outros países onde a ocidentalização presume um orientalismo, é possível perceber que a racialização de etnias do leste asiático é ambivalente. Isto porque, ser asiático é ser configurado enquanto Mito da Minoria Modelo, definido pela pesquisadora e militante Gabriela Shimabuko:

No ocidente, é um mito dialético do Perigo Amarelo, que são os asiáticos principalmente do extremo oriente vistos como ameaça econômica por terem muita mão de obra e recursos. A minoria modelo não existe sem o mito do Perigo Amarelo, porque ela surge quando o extremo oriente é uma ameaça direta às civilizações do ocidente (SHIMABUKO, 2019)

Mas ao mesmo tempo em que é configurado como Mito da Minoria Modelo, é tensionada a lógica do inimigo comum ou do invasor, enquanto Mito do Perigo Amarelo - uma paranoia operacionalizada no imaginário "ocidental", durante os séculos XIX e XX, resultando na promoção de políticas declaradamente excludentes, racistas e xenofóbicas.

Embora sirvam principalmente para a manutenção da supremacia branca, estas imagens sobre o corpo amarelo não são construídas passivamente; elas resultam de uma negociação dialética entre a população geral (configurada desde discursos políticos até interações individuais) e o grupo particular, que se adapta às circunstâncias, podendo adotar, rejeitar ou reconstruir as percepções da população geral sobre si (SHIMABUKO, 2018, p.8).

No interesse do recorte desta pesquisa, como visto no capítulo anterior, desde os anos 90 até o tempo presente, o Brasil passou a expressar um significativo contingente de emigrantes para o exterior. Paralelamente antagonizando com o seu contexto de Estado receptor de imigrantes, esse contexto cria um trânsito entre lugares distintos e a construção das identidades de quem vive nesse trânsito por vezes se dá em cenários contraditórios:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação de representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Como também já visto, em outros capítulos, um principal motor deste trânsito migratório de brasileiros e japoneses se deve a fatores socioeconômicos. Para SASAKI (2006) a análise de conjuntura econômica entre os países na época convidava a reverter a lógica migracional. Desta forma, com o fluxo retornando ao “país dos ancestrais”, muitos descendentes são destinados a trabalhar em ocupações de baixa qualificação do setor manufatureiro internacional, dos quais grande número de filhos e netos de japoneses que tentam trabalhar temporariamente no intuito de enriquecer rapidamente e retornar para o Brasil.

Esses brasileiros e japoneses acabam fazendo parte das narrativas locais e provocam transformações com as suas diferenças. De acordo com RIBEIRO (2008), as comunidades e pessoas necessariamente passam por uma readaptação ao conviver com a produção de componentes que possuem origem em outros locais, concomitantemente, existindo também a movimentação humana e não somente a de mercadorias.

A partir da nova realidade vivida, os nipo-brasileiros constroem sua(s) vida(s) entre Brasil e Japão (entre a origem e destino — perdendo de vista onde é o quê), não sendo um simples somatório de elementos simbólicos e fragmentos selecionados entre Brasil e Japão de seus antepassados. Compõem uma complexa teia de conexões e de relações sociais que vão se

estabelecendo em vários níveis não apenas pelos próprios migrantes e os diversos atores que participam do cenário constitutivo de redes sociais de brasileiros, mas também pelos estudiosos e aqueles que se sentem autorizados a falar sobre os brasileiros descendentes de japoneses. (SASAKI, 2006, p.99)

Com o passar dos anos, as relações nipo-brasileiras foram aprofundadas e entrelaçadas, evidenciando no território japonês a 3ª maior população brasileira fora do Brasil e no Bairro da Liberdade o maior reduto japonês no território brasileiro, bairro que está situado na cidade de São Paulo, considerada a maior colônia japonesa fora do Japão. Nesta conjuntura, revelam-se transformações nas redes de interações sociais que se desdobram no trânsito entre *não-lugares*⁵⁸ e *entre-lugares*⁵⁹.

Tabela 5 - Termos relativos de referência (expandido)

	Japoneses que migraram para o Brasil (nascidos no Japão)	Nikkeijin nascidos no Brasil	Brasileiros não-nikkei	Nipo-brasileiros que migraram para o Japão (nascidos no Brasil)	Filhos de brasileiros que vivem no Japão	Nihonjin (Japonês)	
Sobre quem fala	Japoneses que migraram para o Brasil (nascidos no Japão)	<i>Nipponjin, Issei</i>	Japonês, <i>Issei</i>	Japonês, Japa	<i>Issei</i>	Japonês, <i>Issei</i>	<i>Nikkei</i>
	Nikkeijin nascidos no Brasil	<i>Nissei, Sansei, Yonsei, Nikkeyjin</i>	<i>Nissei, Nihonjin</i> ¹² , Brasileiro	Japonês, Japa	<i>Nissei, Nihonjin</i> ¹³ , Brasileiro	<i>Nissei, Nihonjin</i> ¹⁴ , Brasileiro	<i>Nikkei, Burajirujin</i>
	Brasileiros não-nikkei	<i>Gaijin, Burajirujin</i>	Gaijin, Brasileiro, etc.	Brasileiro	Brasileiro	Brasileiro	<i>Burajirujin</i>
	Nipo-brasileiros que migraram para o Japão (nascidos no Brasil)	Decasségui	Decasségui	Decasségui, Brasileiros no Japão	Decasségui	Brasileiro	<i>Nikkei, Hafu</i> ¹⁵ , <i>Burajirujin, Teijusha</i> , (entre outros)
	Filhos de brasileiros que vivem no Japão	<i>Sansei, Yonsei, etc.</i>	Brasileiro	Brasileiros no Japão	Brasileiro	Brasileiro	<i>Burajirujin, Teijusha, Nikkei</i> (entre outros)
	Nihonjin (Japonês)	<i>Nihonjin</i>	<i>Nihonjin, Japonês</i>	Japonês	Japonês, <i>Nihonjin</i>	<i>Nihonjin</i>	<i>Nihonjin</i>

Fonte: KONIGAME, 2011.

⁵⁸ Não-Lugares: para Marc Augé, o conceito de Não-lugares se refere a lugares transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como “um lugar”.

⁵⁹ Relembrando, entre-Lugares: para Homi K. Bhabha, as identidades se constroem não mais em singularidades, como classes, sexualidade, gênero, mas nas fronteiras das diferentes realidades.

Em 2011, Konigame expandiu a tabela de termos relativos de referência de Roth (2002). As categorias de quem fala foram expandidas, uma vez que as novas diferenciações foram fazendo parte das narrativas dos *descendentes de imigrantes japoneses*. O contexto destas narrativas, não está somente no Brasil ou somente no Japão, assim como também não está somente em uma intersecção do Brasil com o Japão.

No Rio Grande do Sul, destaca-se a cidade de Ivoti, na Região Metropolitana de Porto Alegre, como a maior colônia japonesa da região. Contrastantemente, com uma pequena proporção populacional, pouco é divulgado ou pouco é pesquisado sobre os nipo-brasileiros gaúchos na Mesorregião do Sudeste do estado.

A necessidade do trabalho, tanto para a sofisticação intelectual ou para o proletário mais humilde, leva as pessoas a migrar, e frequentemente mais de uma vez (APPADURAI, 1997). Neste cenário de diversidades das narrativas e destinos, as relações entre o Brasil e o Japão expressam um significativo contingente migratório, não somente pelas suas posições geograficamente distantes, mas também pelas diferenças culturais de seus históricos processos de formação e dos povos que constituem estes Estados-Nação.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p. 47)

Neste contexto global de transformações, as lógicas das hierarquias geracionais operam com outras narrativas; as novas gerações de descendentes possuem vulnerabilidades e performances diferentes das dos seus ascendentes.

5.2. Identidade e Diferença

Os idiomas oficiais do Brasil e do Japão possuem muitas diferenças, contudo no sentido da linguagem, nenhum dos signos que constituem as suas línguas possui valor absoluto, ou seja, não possuem sentido se considerados isoladamente. Cada palavra depende do valor e sentido de uma cadeia infinita de outras marcas gráficas

ou fonéticas. O mesmo ocorre quando é considerado um outro determinado signo em uma tentativa conceitual.

Para Jacques Derrida (2009), é a partir da *Différance*⁶⁰ que um determinado signo só é o que é, porque não é o outro. Sua existência é marcada justamente pela diferença que marca este signo como algo diferente a outros signos. A linguagem portando é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade. Na medida que são definidas, em parte por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser também marcadas pela indeterminação e diferenciação.

Portanto, a diferenciação é um processo central por onde a identidade e a diferença são reproduzidas. Logo, onde há diferenciação, há poder de incluir e excluir, há poder de demarcar territórios, definir pertencas que afirmam as estruturas de poder. Sendo assim, o processo de diferenciação é central na vida social, se visto como um ato de significação onde a sociedade classifica e ordena o mundo social em características como o gênero ou a raça.

As classificações são sempre produzidas no ponto de vista de uma identidade; as diferenciações não são produzidas simetricamente nas sociedades, o que leva a construção de hierarquias de poder. Concomitantemente, em relação ao objeto de estudo desta pesquisa, as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* são diferenciadas tanto pela sociedade brasileira, em relação ao Brasil, quanto pela sociedade japonesa, em relação ao Japão. Ao mesmo tempo, os indivíduos que partem desta categoria de novas gerações também se diferenciam entre si, não existindo uma homogeneidade de identidades.

Em relações binárias, geralmente uma parte recebe um valor positivo, enquanto que outra parte recebe um valor negativo. Determinar uma identidade como norma é uma das subjetividades das hierarquizações de poder nas diferenças. A “normalização” é um dos processos mais sutis por onde a hierarquia manifesta seu poder no campo da identidade e da diferença. A força da identidade normal é tal, que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente vista como “A identidade”.

⁶⁰ *Différance*: a palavra francesa *différer* pode significar tanto "diferir" quanto "diferenciar". Em perspectiva Saussuriana, os termos não possuem significado “em si”, mas na relação diferencial que se estabelece com os demais, sincronicamente.

A diferença e a identidade possuem uma relação de estreita dependência, não se constituindo separadamente. Diferente do que pedagogicamente se pensa, de que a diferença é um produto derivado da identidade, a identidade se constitui na diferença e tanto a identidade quanto a diferença precisam ser ativamente produzidas. Logo, ambas são criaturas da linguagem. (Tomas Tadeu da Silva, 2000)

Para Tomas Tadeu da Silva (2000, p. 83), existe um jogo dialético entre os processos que tentam fixar a identidade e aqueles que tentam subvertê-la e desestabilizá-la. Para a formação das identidades nacionais é necessário a adoção de classes imaginárias que permitam ligar as pessoas, que sem um projeto de Estados estariam isoladas e sem sentimentos de coisas em comum.

Uma narrativa nacional precisa de uma liga sentimental e afetiva que garanta uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia. Mesmos os argumentos biológicos, utilizados na construção das identidades, antes de ser interpretações biológicas são também narrativas, não sendo mais do que imposições de uma matriz de significação. Nas novas gerações descendentes de imigrantes japoneses estão presentes traços de um certo hibridismo, visto que transitar fronteiras é não respeitar artificialmente os limites e territórios formadores de certas identidades. Está conferido no imigrante uma metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade.

Menos traumático que uma imigração forçada ou expulsão, a viagem permite temporariamente se colocar na posição do estrangeiro, do outro, proporcionando a experiência do não se sentir em casa e experimentando de forma limitada as delícias e as inseguranças da instabilidade da precariedade da identidade. Para Tomas Tadeu da Silva (2000), esta é uma das questões fundamentais para se pensar a mobilidade e a instabilidade da identidade. Ao escutar as narrativas dos descendentes de imigrantes japoneses, é comum o relato de se sentir japonês no Brasil e se sentir estrangeiro no Japão, assim como relatos e denúncias de preconceitos para com os dekasseguis.

As teorias feministas e a teoria Queer chamam a atenção para o caráter cultural e construído no gênero da sexualidade. Essas teorias contribuíram de forma decisiva para o questionamento das oposições binárias. Quer dizer, a possibilidade de cruzar fronteiras e de estar na fronteira, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter artificialmente imposto das identidades fixas.

É importante perceber que remeter a identidade e a diferença aos processos discursivos e linguísticos que as produzem pode significar outras vezes simplesmente fixá-las se nos limitarmos a perceber a representação de uma forma puramente descritiva. Para contornar tal situação, Tomas Tadeu da Silva (2000) propõe o conceito de performatividade da autora Judith Butler que desloca a ênfase da identidade como descrição para o “tornar-se” como aquilo que é, para uma percepção de identidade como um movimento ou uma transformação.

5.3. Performatividade

Na perspectiva de Judith Butler (2003) a construção das identidades está em transformação, em movimentos. Portanto, faz sentido nas narrativas afirmarmos que o sujeito de uma identidade “está”, não simplesmente “é” algo ou alguma coisa. No tocante à discussão de como os sujeitos dessas novas gerações lidam com os determinismos étnicos e com a racialização, podemos perceber através da explicação performativa, como são trabalhadas as vulnerabilidades a partir de uma perspectiva de Butler e Gayatri Spivak (2018):

Uma vez rejeitado o argumento de que nenhuma posição política pode ser sustentada na contradição performativa, e possibilitada a função performativa como reivindicação e ato cujos efeitos abrem-se no tempo, então nós podemos na verdade apresentar a tese oposta: a de que não pode haver mudança política radical sem contradição performativa. Exercer a liberdade e expressar a igualdade precisamente em relação a uma autoridade que impediria ambas é demonstrar que liberdade e igualdade podem e devem-se mover para além de sua articulação positiva. A contradição deve ser apoiada, exposta e trabalhada no sentido de algo novo. (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 66-67).

Busca-se, então, discutir como são operadas as resistências às vulnerabilidades que jogam contra os estigmas da perda e do não pertencimento para entender, na totalidade de estratégias aplicadas no jogo que agencia as novas histórias de vida, personalidades e trajetórias já mencionadas. Em suma, esta proposta de pesquisa está interessada em teorizar o corpo humano com um certo nível de dependência de infraestrutura, compreendida como um ambiente complexo de relações sociais, de dependência e interdependência, pela qual o ser humano prova não ser dividido entre o mundo técnico ou animal. Desta maneira, se coloca em

evidência como as diferenças e diversidades geracionais estão hierarquicamente colocadas entre imigrantes japoneses, descendentes e não descendentes, no recorte específico do extremo sul gaúcho.

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o gênero no corpo ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2003, p. 194).

Logo, a partir da lógica conceitual de Butler, busca-se problematizar como as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* operam as performances e as performatividades nas vulnerabilidades étnicos-raciais e interseccionais. A autora afirma que para um expressivo número de pesquisadores críticos, o Brasil possui relevantes números de ações consideradas crimes e violências. Direcionada para grupos de minorias, principalmente para mulheres, jovens, negros, transexuais e ativistas, esta pesquisa tenta incluir a questão asiática, muitas vezes invisibilizada. Tais comportamentos estão enraizados na história política e econômica da construção do Estado brasileiro, assim como, também, do Estado japonês.

Com respeito ao discurso político da modernidade, é possível que estes se encontrem todos fundamentalmente corrompidos, e que usar estes termos signifique reinvocar os contextos de opressão nos quais foram utilizados previamente. Paul Gilroy aponta, como exemplo, que termos como universalidade foram presumidos pela exclusão da mulher, de pessoas de cor, que foram moldados em nome de classes, e dentro de forte interesse colonial. Mas ele complementa, crucialmente, que as lutas pela exclusão mesma acabam por se realizar reapropriando-se dos termos da modernidade para configurar um futuro diferente. Um termo como “liberdade” pode vir a significar algo antes nunca significado, pode envolver o interesse e subjetividades que foram excluídas de sua jurisdição; “Justiça” pode também envolver precisamente o que não contém sob esta inscrição; “Igualdade” certamente tornou-se um termo o qual tem tal extensão que é difícil, senão impossível, sem predicá-lo com bases numa articulação anterior. (BUTLER, 1997, pp. 160-161)

Concomitantemente, outra afirmação de Judith Butler (2015) é que esse particular regime de violência legal afeta a vida de todos desproporcionalmente vulneráveis, permitindo que o racismo explore a força de trabalho e assassine livremente parte da população, enquanto protege outro ferozmente. A existência de um terrorismo racial, sexual e de gênero possui no seu centro a cumplicidade da polícia brasileira, as atuais reverberações da escravidão na vida cotidiana, assim como a cumplicidade ao preconceito contra *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses*. Contudo esta relação gera vulnerabilidade, mas também gera resistência. “Se alguém pode ser agredido pelo motivo étnico-racial, a raça então é uma atribuição?” ou “É o racismo que atribui raça e comete a violência?”.

Mesmo que seja uma atribuição institucionalizada, tem uma história, uma que pode ser chamada de racialização, é negociada diferentemente dependendo do tempo e lugar, então, é importante que tentemos evitar formulações que sugerem que é a raça de alguém, entendida como marca estética, a causa da violência infligida àquela pessoa. (BUTLER, 2015, 00:24:46)

Existem críticas sobre o somente agenciamento da vulnerabilidade como aceitação da vitimização que, por sua vez, podem levar a uma procura por proteção paternalista. No entanto, esta pesquisa busca explorar outras formas de resistências, que residem na capacidade de os atores se perceberem nas suas diversidades e darem conta destas diferenças, jogando com as suas identidades culturais.

Ainda em BUTLER (2015), podemos analisar também a sua pretensão categórica sobre vulnerabilidade e resistência, assim como a importância da mobilidade e da infraestrutura, visto que, para exercer a resistência, se faz necessário ocupar espaços de visibilidade pública, ou seja, infraestrutura pública que permita que uma força mobilizadora possa ser de fato mobilizada:

Que implicações essa noção, de ação política apoiada, tem ao pensar em vulnerabilidade e resistência? Acho que sabemos que a ideia de liberdade... que a liberdade só pode ser exercida se houver apoio suficiente para o exercício da liberdade. Uma condição material que entra para o ato, que torna possível. De fato, quando pensamos no sujeito personificado para exercitar um discurso, mover-se por um espaço público ou através de fronteiras, geralmente presume-se ser um que já tem liberdade de discursar e se mover sem medo de prisão ou deportação ou perda de vida. Ou esse sujeito está em dúvida quanto à liberdade, como poder inerente, ou presume-se que esse sujeito viva em um espaço público onde um movimento livre e com

apoio é possível. O termo mobilização depende de um senso operativo de mobilidade, em si um direito, um que muita gente não tem garantido. (BUTLER, 2015, 00:33:42)

Os fluxos migratórios, não somente dos imigrantes japoneses e seus descendentes, estão repletos de narrativas sobre resistência cultural, seja no adaptar-se ou ser adaptado. Para algumas pessoas em determinadas situações, o existir já constitui um ato de resistir, visto que ninguém se move sem um apoio de um ambiente e de um conjunto de tecnologias. Em um certo nível, podemos afirmar que quando corpos mostram as suas precariedades também estão de certa forma resistindo a esses poderes.

Quando os indivíduos jogam com as suas diversidades e diferenças étnico-raciais também estão, de certo modo, resistindo às vulnerabilidades racistas e se opondo à precariedade em relação à livre mobilidade de serem estes corpos, como se pode comprovar através de vídeos postados em canais da plataforma YouTube e Instagram, onde *novas gerações descendentes de imigrantes asiáticos-brasileiros* denunciam micro e macrorrelações, tanto por parte privada quanto pública.

O Brasil representa índices ambíguos e contraditórios, sendo um dos países que internacionalmente mais produz pornografia e prostituição transexual, ao mesmo tempo que carece de direitos básicos de proteção contra a violência LGBTIQ+. O Estado brasileiro representa internacionalmente uma identidade cultural da diversidade e heterogeneidade, mas ao mesmo tempo é escravista e genocida. É sobre o “como ao mesmo tempo que opera ambiguidades” em outras vulnerabilidades étnico-raciais que iremos melhor trabalhar nesta pesquisa proposta as gerações hierárquicas.

Para responder tais questões problematizadoras, talvez devêssemos conceituar o significado político do corpo humano, compreendendo as suas relações. Afinal, os corpos estão ligados a uma rede de relações que definem os limites das suas ações possíveis. Não podemos tentar entender as vulnerabilidades interseccionais fora da rede de relações sociais e materiais, somos interdependentes aos corpos dos outros.

Mesmo agindo desta maneira nós sempre agimos dentro de uma situação em que primeiro agem conosco. Nomeados, situados, levados à mobilização por forças externas a nós mesmos, antes do ser o que somos. Uma clara dimensão de nossa

vulnerabilidade tem a ver com a exposição de ser chamado de algo. Há todo tipo de categorias discursivas esperando por nós na infância e adolescência. De fato, elas nos esperam no decorrer de nossas vidas. (BUTLER, 2015, 00:41:26)

Todos temos um nome que nos é dado antes mesmo de conseguirmos pensar sobre o que representa ter um nome; no caso das migrações japonesas muitas vezes são dados dois nomes, um japonês e outro “ocidental”. Há efeitos distintos por ser nomeado com o nome de um gênero ou outro gênero, como parte de uma nacionalidade ou de uma minoria, resumidos por um nome que a priori não conhecemos ou escolhemos. Nos é dado um nome antes mesmo de surgirmos para a linguagem como seres falantes, antes mesmo de podermos usar a linguagem para expressar nossa própria capacidade de agir.

Estes e outros elementos demonstram importante papel para tentar entender a performance e a performatividade como categorias de análise sociológica, visto que muitas vezes os discursos étnicos-raciais estão tomados por essências naturais e verdades internas estatalmente idealizadas.

Imagens, normas e ideais que nos ligam não podem ser dispensados à vontade sem perdermos um sentido do que somos. Esse sentido essencial de quem somos é, até certo ponto, o funcionamento de um grupo de normas sociais. Ter um senso de quem somos “essencialmente” não é um argumento em prol de diferenças natas. Argumentos sobre isso constituem só uma forma de essencialismo. E podemos ter uma noção do que é a vida de alguém sem exatamente sermos essencialistas. (BUTLER, 2015, 00:46:31)

A linguagem atua sobre nós antes de atuarmos sobre nós mesmos. Os indivíduos já são agenciados por suas características etno-raciais ou determinações geracionais antes mesmo de se perceberem como indivíduos. Então vamos entender que a operação da performatividade descreve os processos de agirem com o indivíduo e as condições e possibilidades para ação destes indivíduos. Ou seja, que de alguma maneira já estamos expostos à linguagem antes de qualquer possibilidade de formas de agir ou falar, seja pela etnicidade do nome, seja pelas categorias hierarquizantes relacionais ou geracionais.

Tais reflexões evidenciam certas formas de vulnerabilidade corporal, assim como a relação entre o corpo humano e a infraestrutura institucional para que as

diferenças e diversidades possam ter mobilidade, não precariedade, evidenciando a importância de uma abordagem interseccional nesta pesquisa:

O debate sobre as interseccionalidades permite perceber a coexistência de diversas abordagens. Diferentes perspectivas utilizam os mesmos termos para referir-se à articulação entre diferenciações, mas elas variam em função de como são pensados diferença e poder. Essas abordagens divergem também em termos das margens de agência (agency) concedidas aos sujeitos, isto é, as possibilidades no que se refere à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente. (PISCITELLI, 2008, p.267)

Portando, de acordo com o que foi trabalhado para as específicas questões sobre a mobilização das vulnerabilidades, através da performatividades, foram e são úteis os estudos de Judith Butler (2015). Assim como Butler e Gayatri Spivak (2018), através da publicação “Quem canta o Estado-nação? Língua, Política, Pertencimento”, as autoras tratam pertinentes considerações a respeito da situação dos “Sem-Estado”. Pensando em um paralelo, sobre a situação dos dekasseguis no trânsito entre Brasil e Japão, em um entre-lugar, consideram-se pessoas que por várias razões são obrigadas a emigrar para outras terras sem que pudessem obter o status de cidadãos. São análises de questões contemporâneas que afligem pessoas em todo o mundo a partir de noções de cidadania, identidade, pertencimento e exílio.

Assim, sendo levantada a importância destas questões, na percepção das narrativas e possível análise de categorias, no próximo capítulo irei apresentar as informações obtidas através das plataformas digitais e através das entrevistas pré-elaboradas realizadas por videochamadas.

6. A Performatividade: identidades entre Gaijins e Nihonjins

Neste capítulo serão apresentadas as análises das entrevistas realizadas, entre 2020 e 2021, através de plataformas digitais e da adoção metodológica qualitativa apoiada em entrevistas semiestruturadas. Ao todo foram realizadas 7 entrevistas, 2 homens e 5 mulheres, com idades entre 20 anos e 30 anos, nascidos em Rio Grande. O contato com os entrevistados se deu principalmente pela vivência no município, assim como por indicação dos entrevistados e plataformas virtuais.

No primeiro semestre de 2020, depois de decretado o primeiro *lockdown* no Rio Grande do Sul e suspensão das atividades na Universidade Federal de Pelotas, as dificuldades relativas ao trabalho de campo impediram a programação inicial e continuação do cronograma de trabalho. Portanto, foram descartadas as visitas em campo nas localidades de Pelotas em decorrência das determinações fitossanitárias de distanciamento e contenção da contaminação do coronavírus, COVID-19, medidas imediatamente adotadas nesta pesquisa, tanto para a preservação dos entrevistados quanto do pesquisador.

Espero que futuros trabalhos, meus ou de outros que queiram, possam ser conduzidos em áreas urbanas e rurais pelotenses, localidades onde existe um contingente maior de imigrantes japoneses do que em Rio Grande. Inclusive, nesta pesquisa fica a dúvida sobre a trajetória destes imigrantes até Pelotas, constatada ser anterior ao desembarque no porto rio-grandino.

6.1. Asiáticos brasileiros no espaço virtual

Através das plataformas digitais pude acompanhar, em 2020, atividades voltadas para estudos sobre asiáticos brasileiros. O primeiro contato se deu através do Canal do YouTube Yo Ban Boo⁶¹. Este canal inscreveu-se no YouTube em 18 de maio de 2016, atualmente possui 63,4 mil pessoas inscritas, ou seja, quem acompanha as notificações de seus novos conteúdos e que suportam a equipe:

Imagem 7 - Canal Yo Ban Boo

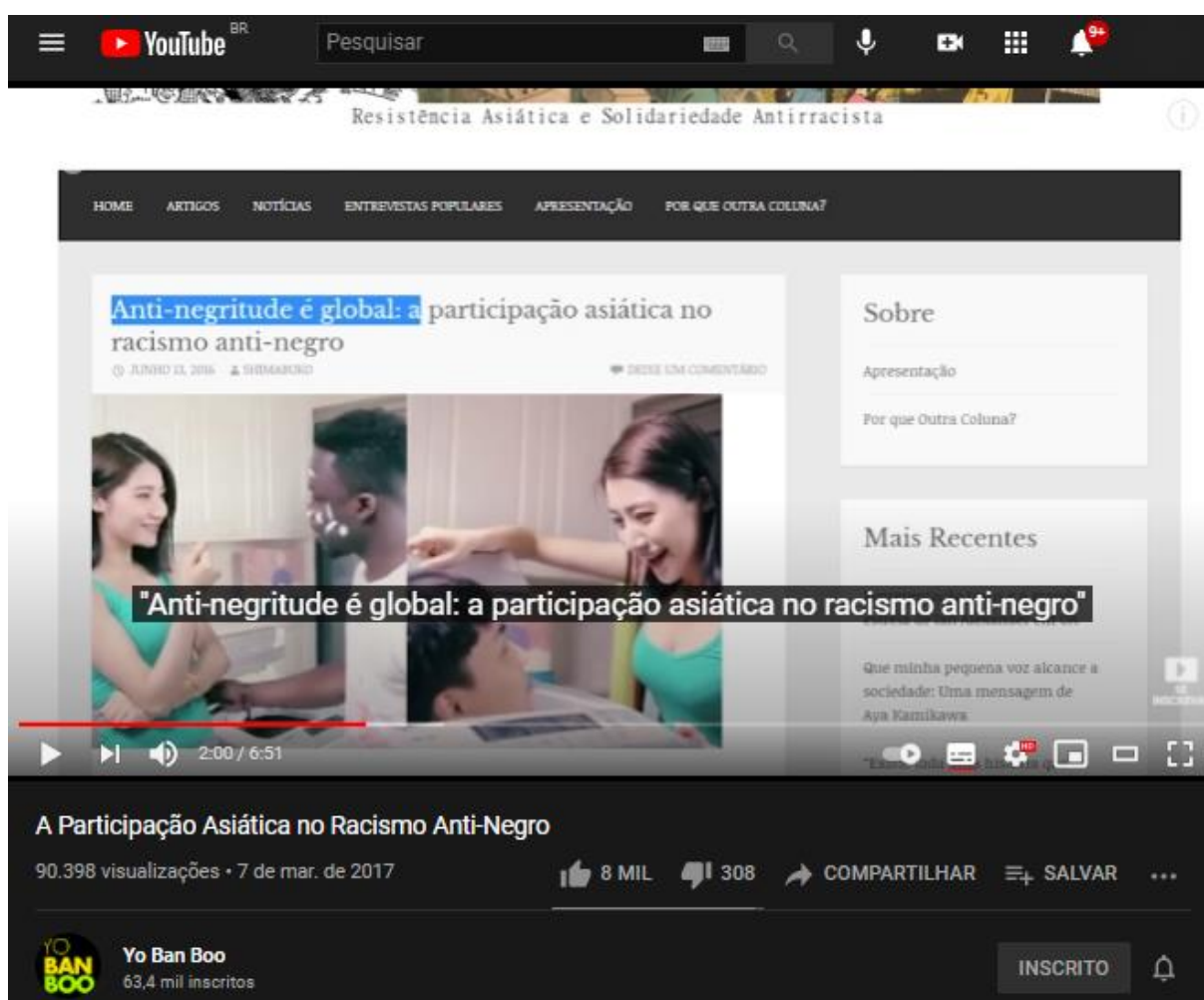


Fonte: Yo Ban Boo (YouTube), 2021.

⁶¹ YouTube. Disponível em: <<https://youtube.com/YoBanBoo>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

Em 7 de março de 2017, o canal do YouTube Yo Ban Boo adicionou um vídeo intitulado “A Participação Asiática no Racismo Anti-Negro”, que atualmente possui mais de 90 mil e 377 visualizações. Sendo que, dessas visualizações, 8 mil pessoas reagindo positivamente e 308 reagindo negativamente, no sistema de avaliação da própria plataforma. Assim, foi gerado um engajamento de quase 500 mensagens trocadas entre os usuários da rede:

Imagem 8 - A Participação Asiática no Racismo Antinegro



Fonte: Yo Ban Boo (YouTube), 2017.

Este vídeo buscou discutir a participação asiática brasileira no racismo antinegros. De acordo com a publicação, o racismo contra pessoas negras é global, mas também existe um preconceito contra amarelo, que nem sempre parece discriminação. A ideia original da proposta está em um texto, no blog Outra Coluna⁶², juntamente com outra indicação dada, a Página no Facebook PERIGO AMARELO⁶³:

⁶² Blog. Disponível em: <<https://www.outracoluna.wordpress.com/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

⁶³ Facebook. Disponível em: <<http://facebook.com/perigoamarelo/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

Imagem 9 - Outra Coluna



Fonte: Outra Coluna (WordPress), 2018.

A idealização e manutenção dessas páginas, nas plataformas virtuais, conta com o trabalho de Gabriela Akemi Shimabuko, que muito me auxiliou em minha pesquisa:

Imagem 10 - Perigo Amarelo



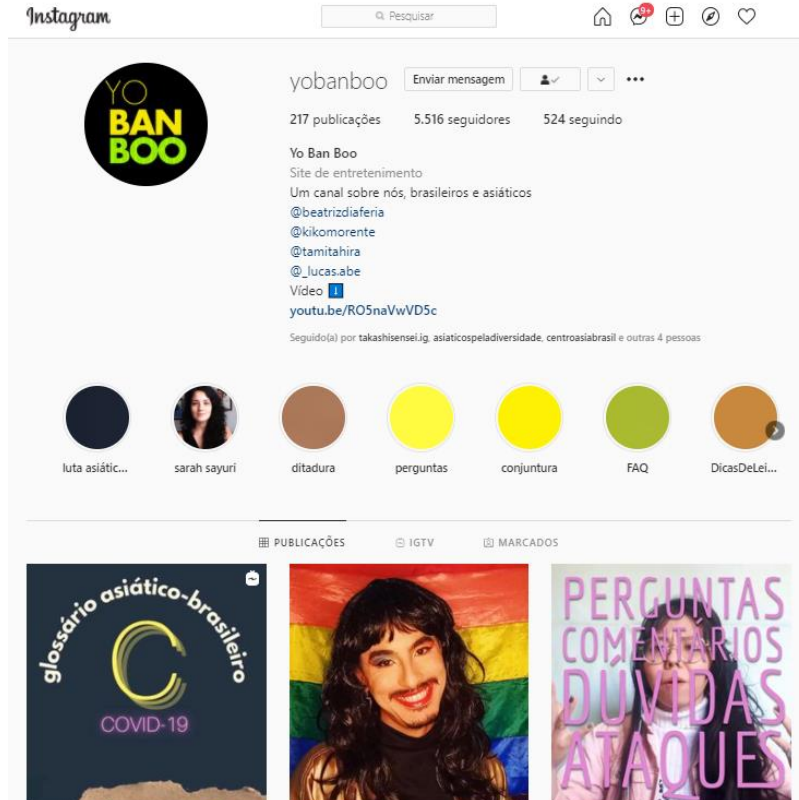
Fonte: Perigo Amarelo (Facebook), 2021.

Através da interação e sugestões de leituras obtidas por estas redes, também foi sugerido o perfil da comunidade Yo Ban Boo na plataforma Instagram⁶⁴, que

⁶⁴ Instagram. Disponível em: <<https://instagram.com/yobanboo/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

diariamente recebe o compartilhamento de informações de outros pesquisadores da área que também trabalham questões asiáticas brasileiras:

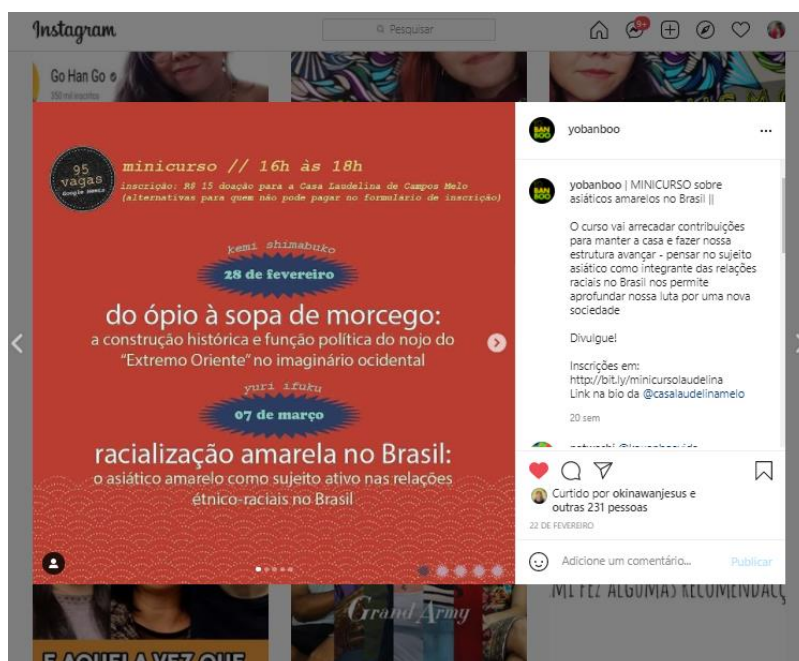
Imagem 11 - Yo Ban Boo Instagram



Fonte: Yo Ban Boo (Instagram), 2021.

Assim como o compartilhamento de chamadas para minicursos online:

Imagem 12 - Ofertas de minicursos



Fonte: Yo Ban Boo (Instagram), 2020.

Foram atividades que me aproximaram do que está sendo discutido atualmente no campo, na percepção simultânea dos saberes que estão sendo cultivados e produzidos por pesquisadores em várias regiões do Brasil, assim como o que de mais recente está sendo tratado nas localidades com maior quantidade de descendentes de imigrantes japoneses. Por fim, uma última indicação foi sugerida, na plataforma Medium :o perfil Amarelitude⁶⁵:

Imagem 13 - Amarelitude



Fonte: Amarelitude (Medium), 2021.

A seguir, quero apresentar brevemente a trajetória de vida dos interlocutores e interlocutoras, para, em seguida, explicar as categorias de análises percebidas nas falas das entrevistas - realizadas por videoconferência-, relacionando-as com as teorias levantadas nos capítulos anteriores.

6.2. Descendentes da imigração japonesa no sudeste rio-grandense

A primeira entrevistada, será aqui chamada de Laura Maiko Kobayashi Heinz, é natural de Rio Grande, nascida em 1997, com 23 anos na entrevista realizada em abril de 2021. Sua mãe é filha de imigrantes japoneses e mudou-se do estado de São Paulo para o município de Rio Grande, com a mãe japonesa e os irmãos, nos anos 1960. O pai de Laura é descendente de imigrantes alemães e sua irmã mais nova, Vanusa Sakura, é a segunda entrevistada.

⁶⁵ Medium. Disponível em: <<https://amarelitude.medium.com/>> Acesso em: 01 de julho de 2021.

A interlocutora Laura Maiko diz se identificar com a cultura japonesa e especialmente com a culinária, que sempre esteve presente no cotidiano de sua família. Ela possui outros familiares japoneses e descendentes no Brasil e no Japão, portanto, os laços familiares sempre foram constituídos entre os dois países.

A segunda entrevistada, será aqui chamada de Vanusa Sakura Kobayashi Heinz, é natural de Rio Grande, nascida em 2000, com 20 anos na entrevista realizada em abril de 2021. Como mencionado, Laura Maiko é irmã mais velha de Vanusa, que assim como ela também se identifica com a cultura japonesa.

Apesar de gostar de games e animes, para a interlocutora Vanusa Sakura a cultura brasileira preza pela “própria alegria”, enquanto a cultura japonesa preocupa-se em “agradar aos outros”. Mas que mesmo rígidos, os costumes do Japão possuem valores “não fúteis”.

A terceira entrevistada, que será aqui chamada de Kaoru Matsuda Fidalgo, é natural de Rio Grande, nascida em 1996, com 25 anos na entrevista realizada em abril de 2021. Seu avô materno é imigrante japonês e veio para o Brasil acompanhando um casal de idosos e deveria organizá-los aqui e retornar ao Japão, mas nunca voltou. Em vez disso, utilizou-se de técnicas agrícolas japonesas para se estabelecer e constituir família. Naturalizou-se brasileiro.

A família da interlocutora Kaoru Matsuda possui muitos descendentes de imigrantes japoneses, mas somente o seu avô possui maior contato com a cultura japonesa.

O quarto entrevistado, será aqui chamada de Michael Douglas Shingaki, é natural de Rio Grande, nascido em 1995, com 25 anos na entrevista realizada em maio de 2021. Seu bisavô materno foi imigrante japonês para o Brasil, estabelecendo família em Campinas e no interior do Paraná. Sua mãe veio para Rio Grande aos 17 anos estudar na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), fixando-se na cidade.

O interlocutor Michel Douglas diz se interessar pela cultura japonesa, mas afirma que na geração de sua mãe já não se mantinham muitos costumes. Os hábitos de Okinawa foram substituídos quando os avós se converteram à igreja no Brasil. Porém, ele busca resgatar memórias ao retomar o contato com os familiares.

A quinta entrevistada, será aqui chamada de Katsumi Ishikawa, é natural de Rio Grande, nascida em 1993, com 28 anos na entrevista realizada em maio de 2021.

Seu avô chegou ao Brasil fugindo do cenário da Segunda Guerra Mundial, adquiriu cidadania brasileira e constituiu uma grande família, todos já estiveram de passagem no Japão, inclusive ela morando dos 10 aos 13 anos de idade.

Para a interlocutora Katsumi a cultura japonesa sempre esteve em paralelo com a cultura brasileira. Na casa de seus familiares existem objetos e equipamentos do Japão. Por mais que nem todos dominem a língua nipônica, existe a incorporação de determinadas palavras e expressões no português falado.

A sexta e penúltima entrevistada, será aqui chamada de Maiko Kikuchi, é natural de Rio Grande, nascida em 1998, com 22 anos na entrevista realizada em maio de 2021. Seu pai japonês “nascido e criado”, chegou ao porto rio-grandino, nos anos 1990, para trabalhar em uma empresa pesqueira de aquisição japonesa. Ao casar com sua mãe viveram no Japão, onde tiveram sua irmã mais velha.

A interlocutora Maiko diz que a única que não domina o idioma japonês em sua casa é ela. Contudo pretende aprender, visto que foi registrada e possui nacionalidade nos dois países. Também diz que se sente totalmente brasileira, mas que o passaporte japonês é mais vantajoso.

O sétimo e último entrevistado, será aqui chamada de Lauro Otero, é natural de Rio Grande, nascido em 1993, com 27 anos na entrevista realizada em junho de 2021. Seu pai lhe é desconhecido, mas, de acordo com a sua avó materna, provavelmente seja a origem de sua descendência e seus traços fenotípicos, os asiáticos. Sua mãe e seus irmãos são loiros.

O interlocutor Lauro diz nunca ter tido o interesse e nem a necessidade de questionar a mãe sobre a sua ascendência, mas que desde a infância foi tratado como descendente de imigrante japonês e que se interessa pela cultura japonesa, principalmente em games e animes.

Busquei relacionar as entrevistas realizadas com as teorias já apresentadas nesta dissertação. Tentei perceber nas narrativas as experiências experimentadas pelos interlocutores e interlocutoras, das diferentes gerações brasileiras descendentes dos imigrantes asiáticos, na localidade do município do Rio Grande, com o intuito de perceber quem são e o que pensam as novas gerações descendentes de imigrantes japoneses, nascidas depois de 1990, após mais de 100 anos do início dos processos de migratórios entre Japão e o Brasil.

O desenvolvimento das entrevistas foi pré-definido em 4 blocos organizacionais: *Família, Escolarização, Trabalho e Relações Interpessoais*. Essas definições tinham o caráter de orientação e não de delimitação da conversa. As entrevistas foram realizadas até o mês de junho de 2021, tendo em vista a ruptura que a pandemia de Covid-19 causou sobre a programação de entrevistas anteriormente organizada. Como houve dificuldades em redefinir o recorte dos indivíduos pesquisados, optei pelas novas gerações também pela melhor relação com dispositivos de videochamada e plataformas digitais.

Com o transcorrer do trabalho de campo foi possível perceber a presença de 5 categorias de análise, sendo elas: a Racialização, a Amarelitude, as Mulheres Asiáticas, o Tradicionalismo e as Novas Gerações. Assim sendo, se tornou possível estabelecer um diálogo entre as narrativas dos descendentes de imigrantes japoneses com as reflexões teóricas que formam a constelação de olhares desta pesquisa. Esses múltiplos olhares e dualidades de significados me possibilitaram chegar em algumas conclusões, que irei compartilhar nesta perspectiva categórica:

Tabela 6 - Categorias de Análise

	Racialização Identifica-se com "Japa"?	Amarelitude Performatiza?	Mulher Asiática Percebe vulnerabilidades interseccionais?	Tradicionalismo Percebe rupturas geracionais?	Novas Gerações Mobiliza ressignificações geracionais?
Laura Maiko	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Vanusa Sakura	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Kaoru	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Michael Douglas	Sim	Sim	Sim	-	Sim
Katsumi	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Maiko	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Lauro	Sim	Não	Sim	-	-

Fonte: Nikolas Konishi, 2021⁶⁶.

⁶⁶ Tabela organizada a partir das entrevistas realizadas em 2021, que serão categoricamente analisadas nos próximos subcapítulos.

6.3. Categoria de análise: Racialização

A categoria de análise *Racialização* é dividida em duas subcategorias: aqueles que se identificam ou não pelo pronome de tratamento “Japa”. Pelas entrevistas foi possível perceber que o termo possui diferentes contextos significativos, podendo ser utilizado como diferenciação de pertencimento territorial, mas também pode ser mobilizado como o pertencimento à uma identidade.

Quando perguntei para a entrevistada Laura Mariko Kobayashi Heinz sobre as suas recordações de ser descendente de imigrante japonês na escola, ela respondeu que recordava apenas de sua irmã e de outro rapaz. Tódes eram chamados de “Japas”, contudo o rapaz é descendente indígena. No trabalho, Laura contou que no início da pandemia do COVID-19 escutou muitas piadas em relação a descendência asiática. Disse que pessoas perguntaram a diferença entre chineses e japoneses, assim como outras diziam que “era tudo a mesma coisa”. Para a irmã de Laura, que sempre estudou junto no mesmo colégio particular:

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Rolava muito daquele “pré-conceito”, “discriminaçãozinha” sabe? Desde pequena sempre rolou piadinha, como “China in Box”. Tudo asiático era associado comigo, até as coisas mais desconhecidas.

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Tem uma parcela que fala e não quer ofender, tem outra parte que pergunta se pode fazer piada, se não vai ofender, se pode perguntar. Eu acho isso legal, mostra que a pessoa quer realmente aprender algo.

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Ainda tem outras pessoas que pergunta se você sabe japonês? Eu respondo não! Então a pessoa diz que então eu sou Japonesa do Paraguai.

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Também tem a parcela dos amantes da cultura japonesa, os otakus, né!? Ai eles “ficavam na cola” sempre, né!? Que saco! Toda aquela imagem fofinha, aquela imagem kawaii ... Sério, até 3º ano do ensino médio meus colegas se impressionavam se eu falasse um palavrão. Como que alguém fofinha vai falar palavrão!?

A interlocutora Vanusa revela que entre o seu grupo de amigos, fãs de games e animes, ser a “Japa” é como um título de autoridade para falar de assuntos da cultura japonesa, contudo ela também se sentia estereotipada. Enquanto que a entrevistada Kaoru Matsuda não é comumente chamada pelo termo, tampouco faz questão de ser:

Kaoru Matsuda Fidalgo: Sim. Todos sabiam que eu tinha descendência japonesa, por causa do meu nome e porque sempre estudei na mesma escola que meus primos. Comigo

não. Eu sou bem branca e loira. Mas já tentaram me chamar de “Japa Loira”. Mas muito pouco. Acho que nos meus primos tentam implementar mais esse apelido, do que em mim. Entre o grupo de amigos deles, eles são os japas. A Minha tia super se intitula japa. (risos)

Kaoru Matsuda Fidalgo: O japonês mesmo, tá na cara que é japonês. Agora, nós temos que nos afirmar como descendentes de imigrantes. Meus primos gostam mais desta autoafirmação, eu já não gosto muito. Se você é descendente de japoneses algumas pessoas querem perguntar coisas específicas do Japão, eu não sei.

Kaoru Matsuda Fidalgo: Esses dias na praia, estava com minha tia e meu irmão, uma mulher escutou nosso nome e saiu falando japonês com a gente. Meu deus do céu! A mulher tinha morado 1 ano no Japão e queria falar com alguém.

O entrevistado Michael Douglas menciona que os meninos descendentes de imigrantes japoneses são imaginados, na cultura cinematográfica ocidental, podendo atrair competitividade e até violência. As animações japonesas voltadas para o público infanto-juvenil ficaram internacionalmente famosas, principalmente com a popularização da televisão à cabo. Muitas dessas narrativas traçam o caminho do guerreiro em personagens lutadoras.

Michael Douglas Shingaki: Sim! Sim! E outra coisa, o que acontece quando o cara tem olho puxado, principalmente em espaço de vila? A galera já é mais competitiva, um pouco mais animalasca, então “a honra” pro cara sempre vai ser quando ele acerta uma porrada no japa. Já tem aquela cosmovisão de ter filme e tipos de coisas. (risos)

Michael Douglas Shingaki: Às vezes é uma maneira de entrosar, só que faz parte. Mas tem a parte do bullying, onde querem dizer que são superiores a você e que você está em minoria.

Michael Douglas Shingaki: Já escutei todas essas coisas... ainda mais nessa época principalmente, do coronavírus, que a galera já fez uma associação do vírus com olho puxado.

Michael Douglas Shingaki: Tipo, “sai daqui o Covid!”. Mas cara, eu vejo isso aí como uma coisa que vai acontecer com todomundo. Sempre vai haver algum tipo de preconceito com qualquer pessoa. A gente só não pode dar ouvidos para qualquer coisa que nos tire do nosso centro, porque eu sou o personagem principal da minha vida, ponto final.

A entrevistada Katsumi diz que por possuir traços fenótipos pouco japoneses, acaba sendo mais interpelada sobre a descendência em referência ao seu nome.

Dialogando com Butler (2015), como visto em capítulos anteriores, todos temos um nome mesmo antes de pensar sobre um nome. Os nossos nomes falam mais sobre quem venho antes de nós, do que sobre nós mesmos.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu vejo que as pessoas são muito curiosas, é uma coisa que eu nunca comento. “Como é teu nome?”, “Repete, como é teu nome?” Eu não tenho nome brasileiro, só tenho nome japonês.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Não, o meu é só Katsumi Ishikawa Carvalho. Só o Carvalho, lá no final. Então as pessoas me olham com uma cara de curiosidade, “tá, mas porque esse nome? Tu é descendente de japonês!?”. “Tu tem esse olho grande, qual é?”. (risos)

Katsumi Ishikawa Carvalho: Mas todomundo, em qualquer lugar. Por exemplo, peguei um uber, hoje, que me perguntou “esse nome aqui é japonês?”, “ele é oriental, né!?” (risos).

Katsumi Ishikawa Carvalho: No geral, as pessoas aqui, elas não têm preconceito, não. Acho que é uma coisa, uma, sei lá. É admiração, vislumbre!?

Mesmo não sendo comumente chamada de “Japa”, a interlocutora percebe a situação em seus familiares e fala sobre as generalizações relacionadas ao termo:

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu nunca sofri bullying porque não tenho muitos traços. Poucas pessoas me chamam de “Japa”, por exemplo.

Katsumi Ishikawa Carvalho: É! Porque é uma coisa que, normalmente, tu acabas perdendo a questão da tua personalidade, porque todomundo bota tudo no mesmo saco, todomundo é igual. “Ah! tu é japonês!”, “Japa!”, “Japa!”. As vezes está meus primos e eu, alguém fala “Japa!”, aí vira todomundo “Oi!?”.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Dentro da vida normal, assim, no dia-a-dia. Talvez por ser uma cidade pequena, em Rio Grande. Ai a familiar ter coisas, enfim. Ah! As vezes acontecia no colégio, do bullying do tipo... é muito engraçado, tipo eram coisas do colégio, material escolar, que era os presentinhos que traziam, quando vinham do Japão, sabe!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Sim, então as minhas coisas eram tudo diferente. Ai, então, todomundo roubava, tentava pegava, ficava meio que estragando, sabe aquela coisa de criança!?! “É metida. É enjoada. É não sei o que”.

Para a entrevistada Maiko, que possui nacionalidade japonesa e pai japonês, ser chamada de “Japa” é um como negar a personalidade do indivíduo:

Maiko Kikuchi: Eu nunca gostei que me chamassem de japa, então as pessoas já entendiam. Então nunca me chamavam de japa. Durante toda a minha infância, pelo menos, sempre todomundo me chamou de Mai, ninguém me chamava de japa.

Maiko Kikuchi: Chegou no Ensino Médio, tinham algumas pessoas que me chamaram de japa, mas eram poucas pessoas e eu acabava não me incomodando tanto. Mas, depois que fiquei mais velha, algumas pessoas até me perguntaram “Tu te importas que te chamem?”. “Bah! Não gosto muito, né!?”, “Não sou muito fã!”.

Maiko Kikuchi: Eu sinto que quando me chamam de japa, me botam em um tipo “é tudo igual”. A minha... eu não sou eu, eu sou aquela pessoa que é japonesa, sabe!? Mas eu tenho um nome, é Mai. Eu sou uma pessoa que nem todo o mundo. Eu não sou apenas a minha descendência. (gesticula evidenciando o rosto)

Maiko Kikuchi: Não é só isso que me define, me descreve. Então eu sempre preferi Mai, eu sempre gostei muito do meu nome! (risos)

Como visto em SHIMABUKO (2016), no Brasil é comum as pessoas automaticamente etnizarem ou racializarem como “japonês” todas as pessoas amarelas ou asiáticas:

Lauro Otero: Toda a vez que eu conheço uma pessoa nova é “e ae, japa!”, então acaba todomundo te chamando assim. Acontece de algumas pessoas perguntarem se eu me sinto confortável em ser chamado de Japa. Mas eu nunca tive problemas.

Lauro Otero: Cara, perguntam se eu tenho sobrenome, se eu já fui para o Japão, se eu quero ir para o Japão... elas me literalmente agenciam como japonês. Sem ter um tipo de informação se eu sou asiático, necessariamente do Japão. É isso, se eu sou do Japão, se eu já fui no Japão e se eu quero ir no Japão. Na maioria das vezes é esse o tipo de pergunta.

Lauro Otero: Isso! É bem automático, sabe!? Para perguntar se eu sou ou já fui para o Japão. Acho que “90% das vezes” é por curiosidade, para saber, sabe!? Tipo, para ter a informação, porque acha legal. Eu entendo porque eu também acho legal, eu tenho duas amigas descendentes de japoneses que eu conheci por querer perguntar mais de onde elas vieram.

Mesmo não possuindo contato com a cultura ou familiares japoneses o entrevistado Lauro sempre foi interpelado como o “Japa”, também conta que quando conversou com suas amigas descendentes de japoneses sentiu-se no lugar de quem pergunta a ele. Essa demonstração de alteridade, na diferenciação do outro que

provoca uma alteração em si, dialoga com a teoria de Jacques Derrida (2009) trabalhada nos capítulos anteriores sob a análise de Tomas Tadeu da Silva (2000). A seguir, apresentada a categoria de análise *Racialização*, irei apresentar outra categoria que dará continuidade à discussão racial e/ou étnica.

6.4. Categoria de análise: Amarelitude

A categoria de análise *Amarelitude* possui duas variáveis: aqueles que se performatizam e se autodeclaram amarelos ou aqueles que não. Mesmo com os entrevistados que não se autodeclaram amarelos ou amarelas, percebeu-se nas entrevistas relatos de diferenciação por raça, cor e/ou etnia. Portanto, independentemente de como se autodeclarem de certa maneira já são diferenciados interseccionalmente por outros indivíduos nas sociedades.

De acordo com Brah (2006), o racismo é um marcador inerradicável de diferença, mas que nem sempre revela opressões, visto que também podem resultar em ações democráticas. A diferença também pode ser vista como relação social e como identidade. O âmbito global/local pode produzir várias histórias coletivas diferentes, diferenciando diferentes biografias através de específicos contingentes.

Todavia, por mais que a *Amarelitude* esteja presente não é fator determinante e nem fixo na construção das identidades observadas, uma vez que *Amarelitude* é um dispositivo que precisa ser ativado através da mobilização de vulnerabilidades e da performatização das identidades (BUTLER, 2013). Enquanto que a diferença, como identidade, está na subjetividade no “lugar do processo de dar sentido a nossas relações no mundo, é a modalidade na qual o sujeito em processo ganha significado ou é experimentada como identidade” (BRAH, 2006, p. 371).

Ao saber que o autor Edward Said estava sendo lido pela entrevistada Laura Mariko, perguntei se ela realizava estudos ou fazia parte de algum grupo de pesquisa sobre questões racializantes amarelas? Ela me respondeu que passou a receber mais informações através de amigas paulistas, também descendentes de imigrantes japoneses, que vieram para Rio Grande estudar oceanologia na Universidade Federal do Rio Grande. Inclusive, acabamos nos encontrando virtualmente no evento “Racialização Amarela no Brasil: o asiático amarelo enquanto sujeito ativo nas

relações étnico-raciais brasileiras⁶⁷, que tomamos por conhecimento através das plataformas virtuais, especificamente pelo Instagram do canal Yo Ban Boo⁶⁸, que já apresentamos no capítulo anterior. A irmã de Laura, a também entrevistada Vanusa, colaborou com outros apontes sobre as questões:

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Existe aquele papo, né!? De que japonês é tudo inteligente...

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Honestamente, eu também era de um grupo otaku, de uma galera que curte o universo pop asiático, quando as pessoas me associavam a algo daquilo eu ficava um pouco de cara, por querem me impor o comportamento de uma personagem. Mas eu também achava legal a galera gostar da cultura japonesa, de ter curiosidade. Então, quando forçavam o limite – o que era muito comum – eu pensava que não queria servir como estereótipo de ninguém. Eu me sentia forçada a ser “boazinha” com todo mundo, mesmo quando escutava essas besteiras. Não é legal escutar essas besteiras.

Nikolas Yoshitaka Konishi: Tu te autodeclaras como amarela?

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Eu sou amarela!

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Eu não acho que existe o preconceito contra o brasileiro amarelo, mas que certamente nós temos pautas.

Podemos pensar a *Amarelitude* como uma personificação politizada, que denúncia não somente os preconceitos contra amarelos, como também renúncia de da racialização que corpos amarelos possam ter sobre outros corpos. São questões interseccionais e multiculturais. Assim como dialogado, anteriormente com Hall (2003), para a interlocutora Kaoru Matsuda as questões multiculturais são latentes:

Kaoru Matsuda Fidalgo: Eu acho que não. Quer dizer, claro que faz parte, é descendência. Sabe!? Mas da mesma maneira que eu sou descendente de italianos e descendente de alemão.

Kaoru Matsuda Fidalgo: De certa forma a descendência japonesa tá mais próxima, porque meu avô tá ali e representa aquilo. Aí é aquela coisa de tipo: é um ótimo privilégio você saber a sua descendência. No Brasil isso é um privilégio.

Kaoru Matsuda Fidalgo: É o Brasil, sabe!? Quando eu vivia no Rio Grande do Sul, eu sempre achei que “É o Brasil”, um monte de gente de cada canto. Ai, quando eu tive a experiência Rio de Janeiro e universidade federal, de diversas pessoas, eu entendi

⁶⁷ Imagem 12 - Ofertas de minicursos.

⁶⁸ Imagem 11 - Yo Ban Boo Instagram.

que tipo, o que eu achava que era Brasil, “Eu tenho descendência japonesa, italiana, alemã...”, não é uma realidade.

Kaoru Matsuda Fidalgo: O que é ser brasileiro!? Não é uma coisa universal! Por isso que minha relação com o Japão é só mais uma partezinha minha.

Ainda sobre *Amarelitude*, o entrevistado Michael Douglas Shingaki, além de se autodeclarar como amarelo, explica com detalhes como mobiliza as vulnerabilidades relacionadas a racialização, conta como performatiza a sua *Amarelitude*:

Michael Douglas Shingaki: Sim eu sou amarelo, não dá para negar! (monstra a pele do braço)

Michael Douglas Shingaki: Na parte da minha infância, eu cresci numa vila, lá na vila do bairro rural, em Rio Grande. Só que assim, era uma coisa totalmente diferente para as outras crianças da volta. Ninguém entendiam muito o que era uma criança de olhos puxados, que tinha outro irmão com olhos puxados e que tinha uma mãe com olhos puxados. Então as crianças não entendiam muito aquela diferente.

Michael Douglas Shingaki: Assim, eu não vou te dizer que não existe preconceito, não deixa de ser um preconceito, porque ele está no ser humano.

Michael Douglas Shingaki: Então, tinha apelidinhos até, sempre teve suas diferenças, mas eram tudo crianças brincando.

Dialogando com Michael Douglas, perguntei para o interlocutor se além das experiências de bullying, relatadas, existiam situações onde ele era “supervalorizado” em função de racialização:

Michael Douglas Shingaki: Tem! Já é sociativo assim, até em trabalhos eu sempre consegui cargos de confiança muito rápido, sabe? Muitas coisas. Tem gente que até endeusa um pouco, assim, a questão de ser japonês. Tem gente aqui em Santa Catarina que sempre me pergunta “Oh! Tu é japonês ou tu é chinês?”. O pessoal aqui, tem gente que não gosta de chinês e gosta de japonês.

Michael Douglas Shingaki: Tem gente que sabe as diferenças de povos, que pergunta se eu sou descendente de japonês, “Poh! Que legal”, aí começa as conversar sobre a cultura japonesa, o que eles acham legal. Sabe!? Inclusive, uma das coisas que eu, com o tempo, comecei a gostar de estudar foi a parte zen-budismo, do budismo que migrou para o Japão e fez parte da construção da parte militar do Japão, também.

Michael Douglas Shingaki: Cara, a gente vai ver isso aí dependendo do nível cultural das pessoas. Quem tu ve que tem

menos acesso à informação, eles englobam tudo num grande pacote e é tudo igual. Mas tem pessoas que, tipo, aqui eu conheço muito mais pessoas viajadas e coisas assim, as pessoas já conseguem ter uma sensibilidade para entender as diferenças. Eles olham no teu rosto e dizem que tu tem um traço assim ou assim, tu é mais para japonês ou tu é mais para chines. Entende?

Michael Douglas Shingaki: Mas tem uma galera, que tipo, tenta jogar tudo num mesmo negócio e fazer piada sobre um estereótipo muito errado. Por não ter oportunidade de ter conhecido alguma coisa sobre o oriente de uma forma mais profunda, só filmes e o que passa na televisão.

Michael Douglas Shingaki: Tem os dois. É que não me afeta, porque com o tempo a gente acaba formando uma, como eu posso dizer, um personagem que pode lidar com ambos, entendeu?

Michael Douglas Shingaki: Para algumas pessoas com o aprendizado mais lerdo. Porque fica mais fácil, em vez que deu olhar o tailandês, chinês, tibetano, ... malasiano, poxa um monte de coisas. Tipo, junta tudo fica muito mais fácil.

Curioso pela diversidade das experiências, em um momento oportuno da entrevistada perguntei para a entrevistada Katsumi Ishikawa como ela se autodeclarava:

Katsumi Ishikawa Carvalho: Então, as vezes eu fico pensando. Depende. Uma época eu botava amarelo. Hoje em dia eu boto branco.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu não sei. Acho que por pura não informação, mesmo. Em não pesquisar, não ir atrás... Por que isso tem muito do como se identificar, né!? Acho que na época que eu cheguei, em seguida, pela cultura, pela vivencia estar muito mais presente, eu me enxergava muito mais de lá. Pertencente, em seguida que eu voltei para o Brasil, eu sempre acabava me declarando meio amarela. Enfim.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Engraçado. Eu nunca parei para pensar direito, agora tu perguntando... meio que eu tava questionando. Sempre que tinha uma prova de se autodeclarar eu ficava pensando, tá amarela, branca... Na minha identidade tá brasileira branca.

Então, perguntei para a interlocutora Katsumi se o sistema de autodeclaração de raça/etnia do IBGE conseguia representar o que ela sentia?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Acho que não, acho que não representa, né!? O que é isso? São cores!? (risos)

Katsumi Ishikawa Carvalho: É que eu não tenho muito. Meu irmão e a família toda, tem muito mais traço. Eu acho que sou a

que menos tem. A minha avó, que é casada com japonês, é alemoa de olho claro. (risos)

Katsumi Ishikawa Carvalho: É muito pessoal, de cada um, se identificar e querer viver na cultura, sabe!? “Sou japa, sou descendente de japa e eu tenho que viver coisas do Japão”, sabe!? “Vou levar uma vida mais direcionada a isso”, sempre envolvido. Na minha família, todos eles, todomundo foi e voltou do Japão. Ninguém é assim de “Vou, a cultura é assim, tem esses costumes, tem que fazer isso...”, eles são bem abasileirados.

Katsumi Ishikawa Carvalho: É isso que te falei do “olhar curioso” e do preconceito. Tinham pessoas mesmo, lá no Japão, que quando descobriam que a gente era brasileiro não falavam, ignoravam. Enfim, bem rude. Como tinham pessoas que eram super queridas, atenciosas, que ajudavam. Outra cultura, assim. Mas acho que isso acontece em tudo que é lugar, né!?

Da mesma maneira, ainda curioso, também perguntei para a entrevistada Maiko Kikuchi, entre gaijins e nihonjins, ainda mais no seu caso com dois passaportes:

Maiko Kikuchi: Eu me sinto bem brasileira! (risos)

Maiko Kikuchi: Me considero amarela! A minha pele é bem, bem amarela, então eu olho e não tem, é fato. Eu sou amarela.

Maiko Kikuchi: Eu acho que... assim no meu ponto de vista, mas eu não me sinto... As vezes a sociedade faz com que tu te sintas um pouco diferente, mas eu não me sinto assim. Para mim nós somos todos pessoas! Seres humanos, apenas isso.

Maiko Kikuchi: Desde pequena eu lembro de já saber que eu era diferente. Todomundo, todo o mundo, que conversava comigo falava “Ah! Você é descendente do que?”, “Ah! É japinha!”. “Ah! É não sei o que!?”. Sempre, né!? Então, desde pequena, sempre me fizeram perceber isso.

Maiko Kikuchi: Ai, quando a pessoa chega falando “ai não sei o que, tu é descendente de japonês”, eu já penso aff... (revira olhos)

Maiko Kikuchi: Ai, sabe!? Fala de outra coisa, sempre a mesma coisa! “Que legal teu nome, tu é japonesa?”, aff... Ai, sabe!?

Maiko Kikuchi: Depois tudo bem, mas de primeira!? Porque tu percebes que a pessoa te olhou e a primeira coisa que ela pensou foi “Oh! Uma asiática!”. Não me vê como a pessoa, a mulher.

Assim como “entre-lugares” conceituado por Bhabha (2005) e já apresentado no discorrer dos capítulos anteriores, a entrevistada Maiko relata dúvida na construção da sua identidade, no tocante a territorialidade:

Maiko Kikuchi: É uma pergunta que eu me faço frequentemente! Tipo, aqui eu sou estrangeira e no Japão eu também sou estrangeira. Não tem um lugar que eu seja!? Essa pessoa é daqui! (risos)

Maiko Kikuchi: Sinto muito isso, aqui eu sou estrangeira e lá nem se fala. Vão me olhar como uma mera brasileira, gaijin. (risos)

Maiko Kikuchi: Ah, eu achei bem legal! Eu fiquei pensando, esses vi um vídeo de uma menina falando da questão do apelido “Japa”. Não é um grupo que tem muita visibilidade, asiáticos. Nós não sofremos tanto preconceito como uma pessoa negra, né!? Mas sofremos também! Não é algo muito falado.

Por fim, perguntei para Lauro Otero se mesmo em sua trajetória, as pessoas agenciavam suas capacidades em função de raça ou etnia:

Lauro Otero: Inclusive, eu trabalhei na área portuária, na ECOVIX, lá muita gente me dizia “Ah! Vocês estão roubando o nosso trabalho!”, “Vocês estão vindo para cá roubar o nosso trabalho!”. Isso aí eu escutei muito. Em resumo, os caras achavam que eu era melhor ou iria roubar o trabalho deles, porque eu tinha os olhos puxados. Essa é a explicação literal.

Lauro Otero: Eu já escutei bastante as pessoas falarem que eu sou responsável. Tanto no trabalho, quanto no círculo de amigos e isso é uma coisa que eu – como se pode dizer!? – acabei levando para a vida e passei a ser mesmo. É uma coisa boa!

Lauro Otero: Eu tenho muita facilidade em aprendizado, mas eventualmente não sou tão bom em algumas matérias. Até entre amigos, quando isso acontece sempre falam “isso é porque tu é japa”! Não falam que fui eu quem tentei, não falam que foi a minha pessoa que tentou fazer, simplesmente por aceitar que consigo fazer, entende!? Acho que isso acontece bastante!

Portanto, como percebido na diversidade de olhares, considero que a categoria de análise *Amarelitude* não é somente sobre ser tratado como “amarelo”, mas também mobilizar vulnerabilidade amarelas em performance. Assim sendo, vamos transpassar para outra categoria analítica, que se relaciona interseccionalmente com a *Amarelitude*.

6.5. Categoria de análise: Mulheres Asiáticas

A categoria analítica *Mulheres Asiáticas* apareceu como uma surpresa esperada, mas não planejada. Visto que, mesmo desempenhando atividades como Núcleo de Pesquisa em Interseccionalidades, a questão do gênero não era um dos

focos iniciais desta pesquisa. Portanto, eram esperadas diferenciações de gênero, contudo a espontaneidade e prioridade que as entrevistadas deram para esse tema foi uma surpresa. Questionei aos entrevistados se percebiam vulnerabilidades nessa interseccionalidade de gênero e raça/etnia.

Para as entrevistadas mulheres nas novas gerações descendentes de imigrantes japoneses os significados aparecem narrativas de diferentes formas de feminino, diferentes estruturas, para os quais se apontam trajetórias e experiências vivenciadas de modos diferentes. São discursos construídos, contestados, reproduzidos e ressignificados.

Para Brah (2006) a experiência é um conceito chave, visto que existem muitas questões de gênero no cotidiano das relações sociais. Desde o casamento arranjado, trabalho doméstico, cuidado da família, impossibilidade de trabalhar, violências, exclusão das mulheres das tomadas de decisão coletivas, entre outras questões. O que era visto como socialmente naturalizado pelas antigas gerações de imigrantes japoneses, agora é interrogado e confrontado. Afirmações percebidas na experiência de vida de cada mulher entrevistada.

Encontro na categoria analítica mulheres asiáticas, uma das partes mais significativas das entrevistas, uma vez que na busca pela diferença entre a cultura brasileira e japonesa o patriarcado tenha aparecido como elemento em comum. Talvez por eu ser um pesquisador homem, amarelo e cis gênero, as questões das mulheres asiáticas não me eram tão percebidas. As mulheres descendentes de imigrantes japoneses estão atravessadas por questões de gênero pelas duas culturas, quando as vulnerabilidades são culturalmente produzidas a mobilização das necessidades está fora do eixo bilateral, nem japonesa e nem brasileira. A mobilização, concordando com Judith Butler (2013), está performatizadas na ruptura com costumes e hábitos patriarcais presentes em culturas machistas, reproduzidas pelas famílias no Brasil e no Japão.

Já na primeira entrevista, a interlocutora Laura Mariko Kobayashi Heinz salientou que a cultura brasileira e japonesa são ambas patriarcais e machistas. Paralelamente, chamou a atenção para esporádicas perguntas sobre os órgãos genitais japoneses, questões sobre as dimensões dos pênis e formatos das vaginas. Todas responderam que também já foram alvos destas interpelações, como nas falas da entrevistada Maiko:

Maiko Kikuchi: Completo desgosto. Na hora, eu faço a minha melhor cara de nojo, que a pessoa chegue a se sentir envergonhada. Tipo, “que precise tomar um banho”. Que tipo assim, que só a expressão do meu rosto já diga tudo.

Maiko Kikuchi: O que passa na cabeça de uma pessoa, para perguntar isso para alguém? ou, de onde surgiu, da onde veio isso? Sabe!? O que passa na cabeça da pessoa em... além de ser algo íntimo, sabe!? Se sentir à vontade para perguntar isso para outra pessoa? Olha...

Assim como, também nas falas do entrevistado Lauro:

Lauro Otero: Sim! Com certeza. Tanto o masculino, quanto o feminino! Eu não sei de onde isso surge! Eu não sei a origem de onde tiraram esse mito aí, cara...

Impulsionado pelo discurso de Laura Mariko, busquei questionar os demais entrevistados sobre a relação e os desafios de ser descendente de imigrante japonesa e mulher. Todeis entrevistados apontas questões problemáticas interseccionais que aferem as mulheres asiáticas ou mulheres amarelas:

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Eu acho que tem bastante diferença entre não ser mulher e ser amarela, principalmente dentro da família, mas também socialmente fora de casa.

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Algumas pessoas diziam “nossa, como pode um japonesinhas tão meiga e fofinha fazer poli!?”. Tá bom, obrigado. Até agradeço por me achar meiga e fofinha, mas, né!?

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Desde pequena eu me sentia incomodada com o meu corpo, muito por causa da mídia. Eu gostava muito do estereótipo de beleza da mídia japonesa, mas mesmo descendente eu nunca senti que atendia aqueles padrões.

Inclusive o entrevistado Michael Douglas, informa experiencias percebidas sofridas pela mãe descendente de imigrante japonese no Rio Grande do sul:

Michael Douglas Shingaki: Porque hoje é uma coisa, a gente tem informação, mas só imagina o preconceito na época deles, entendeu, ainda mais na época da minha mãe, por exemplo. Sabe, eu não me afeto com isso, porque eu vi muito o exemplo da minha mãe, a minha mãe sofria muito preconceito por ser, por ter olho puxado, lá. Entendeu!?

Perguntei para Maiko Kikuchi, então, se ela achava que existiam implicações por ser amarela, descendentes de asiáticos, vivendo no Rio Grande do Sul:

Maiko Kikuchi: Olha! Eu já sofri assédio em função disso. Por ser mulher e asiática, eu já escutei um instrutor meu, inclusive, que estava me dando aula. Ele chegou e me disse assim “Tu sabes que todo o homem tem fetiches por asiáticas?”

Maiko Kikuchi: Eu fiquei assim, ai sabe... (cara de desgosto)

Maiko Kikuchi: Às vezes as pessoas tem vem como fetiche, mesmo. Não como uma pessoa. Mas isso também faz parte de toda a objetificação da mulher, não é!? A sociedade machista em que nos encontramos hoje...

Nikolas Konishi: Além da fetichização da mulher oriental ou asiática, tu achas que os brasileiros ou os gaúchos esperam que asiáticas sejam: submissas, infantilizadas ou afeminadas?

Maiko Kikuchi: Tu sabes que eu, pessoalmente, não sei se é por eu ser asiática. Nunca pensei, assim, por eu ser asiática. Mas talvez por eu ser mulher. Sempre esperam que a mulher seja submissa, que faça as coisas. Talvez, por eu ser asiática. Não sei, nunca havia pensado por este ponto. Agora fiquei pensando. Mas é difícil, é meio que corriqueiro o quanto a mulher dá mil voltas e o homem dá meia.

Maiko Kikuchi: Sobre a questão de infantilização, comigo não. Mas acredito que seja uma coisa bem corriqueira, aquilo da mulher asiática com roupinha de colegial, o jeito de falar. Tem fetiche.

Nikolas Konishi: Como se as pessoas fossem personagens de anime?

Maiko Kikuchi: Total, outro tipo de objetificação!

Nikolas Konishi: Tu achas que tanto a cultura japonesa, quanto a cultura brasileira, são patriarcais e machistas?

Maiko Kikuchi: Tu sabes que é, sim! (veemência)

Maiko Kikuchi: Sim, eu acho que nos dois lugares tem bem essa coisa da cultura do machismo. Mas eu sempre me senti, agora eu acredito que não seja mais tanto. Deu uma atualizada, em função de notícias e tal. Mas eu sempre achei o Japão mais patriarcal que o Brasil, né!?

Maiko Kikuchi: Inclusive, o meu pai me trouxe um celular do Japão e eu nunca consegui tirar uma foto no silencioso. Sem que saia o barulho “tique”. Porque no Japão é proibido. Porquê!? Porque os homens quando estão no ônibus ou no metro, eles tiram fotos das meninas, de baixo da saia. Então o Japão botou essa lei, que todos os celulares de lá não podem tirar foto no silencioso.

Maiko Kikuchi: Olha só, né!? Tomou uma proporção tão grande, virou uma coisa tão corriqueira que tiveram que fazer isso, sabe!?

Ainda sobre a categoria de análise mulher asiática, para entrevistada Katsumi Ishikawa Carvalho a experiência é o oposto, ao viver no Japão quando criança ela chamava a atenção por ser diferente das crianças japonesas:

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu me lembro disso, porque eu chamava muito a atenção quando era pequena, lá. Eu era adolescente, né!? “Pequena”, adolescente ali, diferente, com olhos gigantes, loira, de olhos claros. Chamava a atenção. Às vezes eu e meu irmão. Meu irmão loirinho, pequenininho, de caixinhos, olhos claros. Às vezes a gente se descuidava e tinha uns japoneses, com o celular na nossa cara, perguntando se podia tirar foto, sabe!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: É! “Posso tirar foto, posso tirar foto!?”

Katsumi Ishikawa Carvalho: Com o cachinho loiro, perguntavam se podia tocar. Foge muito do estereótipo. Eu acho que a minha vivencia, em cima disso, é bem diferente do que por exemplo, se eu pegar as minhas primas, mais novas. Porque as pessoas só me olhando não sabem... é sempre no momento que perguntam meu nome. Perguntou meu nome e deu.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu não sei, talvez eu não tenha sofrido algumas situações que minhas primas devem sofrer. Do tipo “Olha a japinha!”, “Ai que bonitinha!”. Porque eu, só de estar no lado delas, já presenciei as pessoas apontando. Eu tive essa experiência ao contrário, lá no Japão. Lá eu era o objeto que apontavam. “Olha uma menina descendente de japonesa, bem loirinha, branca, de olho claro!” ... parece que tu é um bichinho. Só faltavam falar “senta, fala, te meche...”

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu acho que a minha vivencia, em cima disso, é bem diferente do que por exemplo, se eu pegar as minhas primas, mais novas. Porque as pessoas só me olhando não sabem... é sempre no momento que perguntam meu nome. Perguntou meu nome e deu.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu não sei, talvez eu não tenha sofrido algumas situações que minhas primas devem sofrer. Do tipo “Olha a japinha!”, “Ai que bonitinha!”. Porque eu, só de estar no lado delas, já presenciei as pessoas apontando.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu tive essa experiência ao contrário, lá no Japão. Lá eu era o objeto que apontavam. “Olha uma menina descendente de japonesa, bem loirinha, branca, de olho claro!” ... parece que tu é um bichinho. Só faltavam falar “senta, fala, te meche...”

Buscando explorar um pouco mais essas categorias, com curiosidades que surgiram ao escutar as narrativas colaboradas pelos interlocutores, levantei algumas questões sobre as tradições do Japão, para as entrevistadas que convivem com imigrantes japoneses e descendentes de outras gerações:

Kaoru Matsuda Fidalgo: Minha madrinha me contou que eles tinham jantares e coisas da comunidade japonesa de Rio Grande, dos japoneses aí. Mas a minha madrinha tem recordações muito ruins disso, porquê eram os homens bebendo e fumando na sala, as mulheres entocadas com as crianças na cozinha.

Kaoru Matsuda Fidalgo: Elas não aceitavam muito bem aquilo, sabe!? Tipo, a minha avó é uma pessoa muito forte, assim, muito tipo determinado, é muito do tem que fazer e acontecer. Ela não aceitava muito bem aquilo.

Nikolas Konishi: Questões de casamento arranjado, de um *miai*⁶⁹, nunca foram postas para vocês, então?

Kaoru Matsuda Fidalgo: Não! Zero chance. Na questão de casamento, mais uma coisa de época, a minha tia mais velha até tentava impor um “você transa, então tem que casar”. Mas elas perceberam que era uma péssima ideia. (risos)

A entrevistada seguiu me contando que, atualmente, todas as gerações da sua família encaram bem o fato de mulheres serem solteiras e dos casais se divorciarem. Ainda, a interlocutora Katsumi Ishikawa complementa:

Katsumi Ishikawa Carvalho: Na minha família, o que as vezes eu vejo, no meu ponto de vista... Por exemplo, quando é descendente, é muito engraçado, no meu ponto de vista, que eu vejo que as pessoas descendentes tem aquela tendencia de “vou achar outro descendente, mas não consegui”. (risos)

Nikolas Konishi: Fazer um *miai*?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Na minha família, só um tio meu é casado com uma descendente japonesa, que nem ele. Do contrário é todomundo casado com brasileiro, sem nenhuma descendência japonesa.

Ainda, lapidando a categoria de análise, perguntei para Maiko Kikuchi se a maior presença de mulheres no núcleo familiar se relacionava com questões tradicionais da cultura japonesa, se ela percebia rupturas no modo de vida entra as gerações. Então, perguntei se o pai dela alguma vez havia falado de *miai*:

Nikolas Konishi: Vocês, na tua casa, são 3 mulheres e 1 homem?

Maiko Kikuchi: São 3 mulheres e 1 homem! (risos)

Maiko Kikuchi: O sonho do meu pai é que eu me case com um japonês, né!? Ele fala que “brasileiro não presta!”

⁶⁹ *Miai*, casamento arranjado japonês.

Maiko Kikuchi: Bem coisa de japonês, ai! (gesticula em desaprovação)

Maiko Kikuchi: Que “Brasileiro não presta, brasileiro é tudo preguiçoso, brasileiro não quer trabalhar!” é sempre o argumento dele, que brasileiro não quer trabalhar. Detesta, né!?

Maiko Kikuchi: Já a minha mãe, não quer que eu case nunca com um japonês. “Não! Japonês, não! Tu não vais morar no Japão, nem a pau!” (risos)

Maiko Kikuchi: Assim, tem essas dualidades.

Maiko Kikuchi: De diferença entre gerações. É que assim, há muito tempo na minha casa - agora não é mais assim -, mas há muitos anos, assim, a mãe servia o pai. Ele não se levantava nem para se servir. Ela quem fazia tudo, assim. Eu percebia que era uma relação bem machista, sabe!? O meu pai trabalha, ele traz dinheiro para dentro de casa, a minha mãe dona de casa, cuida de tudo. Cuida de servir... e meu pai não fazia nada, não lavava uma louça. Assim, sabe!?

Maiko Kikuchi: E Eu!? Vim para cá com tudo isso! Meu pai fala “quando é que tu vais casar?”, “quando tu vais ter filhos?”, não sei o que... Eu falo “não vou casar! Não vou ter filhos!”, “Eu vou morar sozinha!”. Ai ele “Ah! mas como é que tu vais viver?”. Eu vou trabalhar, eu vou ter meu dinheiro, eu vou me sustentar e não preciso de homem para isso! (risos)

Maiko Kikuchi: Eles ficam chocados, assim, sabe!? “Nossa, como assim!?”.

Maiko Kikuchi: Eu não aceito, eu não sou... não nasci para servir homem nenhum!

Maiko Kikuchi: Minha mãe as vezes me olha, assim, “onde tu aprendeste isso?”. Bom, realmente não foi dentro de casa, foi em algum outro lugar que eu aprendi. (risos)

Para finalizar a análise da categoria *mulheres asiáticas*, reproduzo a fala de Maiko em sua reflexão sobre ser mulher e também racializada amarela:

Mayumi Kimura: Ser mulher já é difícil, né!?

6.6. Categoria de análise: Tradicionalismo

Igualmente ao que fiz entre as últimas categorias de análise, irei também começar interseccionalizando com a última categoria *Mulheres Asiáticas*. A seguir, irei explicar sobre a quarta e penúltima categoria de análise: o *Tradicionalismo*. Busquei questionar se os entrevistados percebiam mudanças culturais entre as gerações:

Nikolas Konishi: Quais diferenças entre a cultura japonesa e brasileira você percebe nas suas famílias?

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: os japoneses estão sempre mais preocupados em agradar aos outros, em vez de se preocupar consigo mesmo e com a sua própria felicidade.

Vanessa Satie Konishi: E você tá sempre tendo que se mostrar ocupado, sabe!? Mentalmente e fisicamente.

Nikolas Konishi: Entendi.

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: A cultura brasileira parece ser mais alegre, mais fazer o seu do que se preocupar com o outro!? Não sei se eu penso assim, porque na minha casa é de fato mais rigoroso. Assim, para quem é japonês a cultura é a japonesa. Então eu não sei se tenho esse ponto de vista por causa disso.

Ao ser perguntada sobre as diferenças entre as famílias brasileiras e japonesas, a entrevistada Laura Mariko Kobayashi Heinz primeiro me respondeu que as duas culturas são patriarcais e machistas. Mas que os colonos japoneses possuem o costume de ajudar uns aos outros - para ela - isso é um costume mais valioso, o pensamento comunitário. A interlocutora Kaoru Matsuda contribui com seus outros apontamentos:

Kaoru Matsuda Fidalgo: Tipo, “Você tem que tirar 10, é sua obrigação”. “Você tem que ser perfeito, se vira aí!”.

Nikolas Konishi: Mas você diz obrigação por ser descendente ou em família?

Kaoru Matsuda Fidalgo: Na família! Principalmente minha mãe tem essa ideia da excelência. Se você vai fazer alguma coisa e tem que ficar excelente.

Kaoru Matsuda Fidalgo: Para o meu avô, se você vai plantar alguma coisa, você não vai plantar um pepino ou um tomate qualquer, vai ser o melhor tomate! É Excelência. Minha mãe sempre designou isso como sendo da cultura japonesa, que meu avô passou para ela. Mas como eu disse, eu não sei se realmente é da cultura japonesa.

Assim como Michael Douglas, que também contribui com mais outros pontos de vista:

Michael Douglas Shingaki: Na minha infância, em minha casa não cultuávamos nada japonês. Minha mãe é 3ª geração (sansei)! Ela perdeu muitas coisas da cultura. Eu tive agora no reencontro com a minha avó, ela te muita vontade de passar e transmitir a parte da gastronomia, né!? Eu conheci pratos lá que eu não sabia que existiam. Inclusive pratos Okinawanos, porque a minha família mesmo é descendente de Okinawa.

Michael Douglas Shingaki: Eu vejo diferenças, por exemplo a parte mais antiga, eles são muito retos em tudo o que eles fazem, sabe!? Então é uma questão. Os meus bisavôs, era uma disciplina animal. A minha avó tem uma disciplina animal. Depois que passaram a ter mais contato com as pessoas, assim do “ocidente”, eles acabaram perdendo um pouco, por exemplo na parte da imigração para a minha mãe, né!?

A entrevistada Katsumi Ishikawa conta um pouco da intimidade de sua família e revela o que Bhabha (2005) chama de hibridismos culturais, aqui nipo-brasileiros:

Katsumi Ishikawa Carvalho: Mas hábitos! Na culinária a gente tem bastante. A gente come muita coisa, assim, bem japa. Sushi a gente faz bastante, em casa. Yakisoba... e próprio estilo de tempero. “O que vamos temperar a comida?”, “Ah! Bota um pouco de shoyo!” (risos).

Katsumi Ishikawa Carvalho: Mania de tirar sapatos, antes de entrar, e tem decoração. Como a gente morou, quando a gente voltou, regressou, veio a casa inteira na mudança. Então, vai fazer 15 anos, mas ainda tem muitas coisas de lá.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Pois é! E tem palavras que a gente usa até hoje. Tipo “pega o gohan ali”, “Precisa de gohan?”. (risos)

Katsumi Ishikawa Carvalho: Já o meu avô falando português é “Arô?” (atendendo o telefone). Com aquele jeitinho “É!?”, “Hum...”⁷⁰. “Kaka tá bem?”, “Bom vê Kaka, Bom vê”. “Vovô tá saudades”. “Arô, tá fazendo?” (risos).

Então, finalizando a penúltima categoria de análise, o *Tradicionalismo*, as narrativas de Maiko Kikuchi trazem hábitos e costumes de seu pai, que nascido e criado no Japão migrou já adulto para o Brasil:

Maiko Kikuchi: Nossa, tem muita coisa! Meu pai é aquela japonês bem tradicional. Assim, sabe!? Então, na minha casa tem muita coisa da cultura japonesa, porque quando meu pai ainda trabalhava, agora ele está aposentado, mas quando ele ainda trabalhava, ia todo o ano para o Japão passar as férias. Ai, ele trazia um monte de muamba para a minha mãe. Ela adora, né!? Muamba japonesa, ela adora! (risos)

Maiko Kikuchi: E ai, tem tudo, né!? Desde os chawans⁷¹, todos, “200” hachis⁷² e máquina de arroz. Na minha casa tem arroz 24

⁷⁰ É comum perceber os japoneses conversando sem manter o contato visual. Parece que, como estratégia de fazer perceber que o interlocutor está prestando a devida atenção em quem discursa, mesmo sem olhar, muitas vezes as pausas de uma narrativa são reagidas com acenos de cabeça e sons fonéticos.

⁷¹ No idioma japonês: 天目. Tenmoku Chawan, literalmente “tigela de chá”.

⁷² No idioma japonês: 箸. Os Hashis são os populares talheres asiático.

horas, feitinho. A hora que você quiser, de madrugada, de manhã, vai ter arroz quentinho na panela. Sempre, a todo o momento.

Maiko Kikuchi: É cheio de coisinhas japonesas, louças... um monte de coisas... decoração, esses negocinhos japoneses. (explicando com gestos)

Maiko Kikuchi: Eu tomo muito chá! Meu pai agora deu uma parada. Mas assim, faz um pouco tempo, mas durante todos os anos que eu morei eles, ele sempre tomava chá verdade depois de todas as refeições. O ocha!

Maiko Kikuchi: Naquele bulzinho, pequenininho japonês. (explicando com gestos)

Maiko Kikuchi: O ochá é sagrado! O chá verde dele! Também tem máquina de água quente. (risos)

A interlocutora - após uma pausa - continuou o raciocínio adentrando com mais intimidade em seu relato, trazendo aspectos sentimentais e emocionais para descrever a identidade cultural japonesa na performance de seu pai:

Maiko Kikuchi: Muito mesmo, assim. Meu pai tem essa coisa – não são todos os japoneses, né!? – mas o meu pai tem essa coisa, ele não é uma pessoa tipo brasileiro, que chega e te abraça! (gesticula e fala com a intenção de hipérbole)

Maiko Kikuchi: conversa contigo sobre qualquer coisa. Quer te dar um beijo! (fala com a intenção de hipérbole)

Maiko Kikuchi: Meu pai não, ele é mais na dele, ele é mais quieto na dele, mais reservado, mais seriozão. Também, é aquela coisa de tipo, como me pai é bem velho, assim, ele tem 70 anos. Meu pai tem 70 anos, daí ele tem aquela coisa bem patriarcal, né!?

Maiko Kikuchi: “Ah! Não pode atrasar, tem sempre que trabalhar!” Tem sempre essa coisa do trabalhar. Muita coisa característica de japonês isso, né!? Que “Preciso trabalhar! Preciso trabalhar!” e não sei o que. Meu pai é bem assim.

Maiko Kikuchi: Sei que não são todos os japoneses que são assim, né!? Porque eu tenho alguns familiares, que são japoneses, que são bem, bem, simpatia assim. “Bem na manha”⁷³. Mas sei que é uma coisa bem cultural deles.

6.7. Categoria de análise: Novas Gerações

Por fim, encerrando a explanação da categoria *Tradicionalismo* irei tratar a quinta e última categoria de análise, a categoria: *Novas Gerações*. Evidentemente,

⁷³ Expressão comum em Rio Grande.

todos entrevistados possuem acesso à internet, o que coloca em xeque as diferenciações relatadas na penúltima categoria, perante a análise da narrativa de como os interlocutores dão conta das diferenças na construção das suas próprias identidades:

Maiko Kikuchi: Eu já sinto que sou, puxei um pouquinho mais a minha mãe neste quesito, eu já sou uma pessoa super social. “Oi como tá!? Beijo! Como está sua vida?” (risos)

Maiko Kikuchi: Sou assim... sociável. O meu pai é mais na dele e minha irmã é IGUAL! Que nasceu no Japão, ela é igual, mais quieta, na dela, reservada.

Maiko Kikuchi: Mas não sei se tem um conceito. As pessoas tendem a achar que japonês é tudo inteligente! Que japonês é não sei o que superior. “Gente!?”

Maiko Kikuchi: Na minha escola eu sempre tirava notas boas, na média as vezes, um pouco para cima. Mas não chegava a tirar 10 em tudo, super inteligente. Então as pessoas ficavam “mas você não é japonesa, deveria tirar 10 em tudo!?”, eu digo “Não minha filha, eu nasci no Brasil!”, entendeu!? (risos)

Encerrando o bate-papo com Maiko Kikuchi perguntei para a entrevistada quais eram as diferenças entre a sua geração e de seu pai, assim como quais eram as suas vantagens como descendente de imigrante japonês:

Maiko Kikuchi: Diferença!? Não sei, eu tenho alguns privilégios. Eu, acho. Por exemplo, eu que tenho o passaporte japonês, eu tenho um privilégio muito grande. É a coisa que eu mais gosto dessa descendência é isso! De não precisar de vistos para is viajar. Esse é o maior privilégio que eu vejo de ser japonesa. Fora que eu acho os traços orientais muito bonitos nas pessoas, eu acho que as vezes acaba se destacando. Muitas vezes as pessoas chegam para mim e dizem “Nossa! São muito bonitos os teus traços!”, quando as pessoas não falam de forma do preconceito, mas de achar mesmo bonito!

Em uma perspectiva diferente, no olhar do nacional brasileiro de kassegui no Japão, a entrevistada Katsumi Ishikawa explica a situação dos descendentes brasileiros sem passaporte japonês:

Katsumi Ishikawa Carvalho: O que o meu avô se naturalizou brasileiro, né!? Antes da minha mãe nascer. Então, eu seria já 4ª geração. Se ele se naturalizou brasileiro, então minha mãe é a 3ª. Então, por isso eu tenho esse sobrenome, por causa do meu avô de parte materna.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Todos os filhos do vô moraram lá, mas ninguém seguiu a cultura. Ninguém sabe falar fluente

japonês. No meu ponto de vista parece que todo mundo morou lá, mas não viveu. Não sei explicar.

Em seguida, a narrativa dialoga com o que foi apresentado por Osawa (2006) sobre os dekasseguis, em um capítulo anterior, assim como dialoga com os conceitos de entre-lugar (BHABHA, 2005), uma vez que o descendente de imigrantes com passaporte japonês possui livre acesso ao território do Japão:

Nikolas Konishi: Acabam vivendo somente na colônia nikkei que se forma lá?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Isso. Acho que acaba fugindo um pouco, acho que é mais fácil. Sabe!? Só trabalhar mesmo. Tem uma galera que vai mais tramar, né!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Ninguém, no meu ponto de vista vive como um japonês. Mas em termos de educação, pela educação do meu avô que é japonês-japonês, é tudo bem... me lembra de quando eu morei lá, da postura das pessoas... assim, sabe!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Sei lá! Acho que cada vez... cada um escolhe se vai querer viver ou não, e como vai ser essa parte da descendência. Querer correr atrás, pesquisar e viver isso na vida.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Hoje em dia tá tudo mais acessível para a gente, né!? Então, o que para eles era "ah! vamos para o Japão, ter uma vida", eles iam para trabalhar, juntar dinheiro, mudar de vida, para juntar dinheiro mesmo, né!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: "Vai fazer uma faculdade ou vai para o Japão!?", sabe? Primeiro vai para o Japão juntar dinheiro, depois o que vai dar e quando retornar vê o que vale a pena.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu voltei, obvio, eu tinha muita vontade de morar lá, de novo. Mas eu não sei se eu conseguiria viver que nem eles, 19 anos, lá "Vou lá procurar trabalho em uma fábrica". Sei lá, é diferente! Outros objetivos e outras oportunidades, né!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Não sei se eu tenho vontade de voltar para lá, mudar para lá. Seria para passear, viajar. Entra a questão de eu já ter conhecido, mas mais por saber que não é essa fantasia, toda linda, que todomundo fica achando que é!

Para a entrevistada Kaoru Matsuda a perspectiva é diferente, mesmo possuindo alguns vários tios, tias, primos e primas descendentes de imigrante japonês em Rio Grande - assim como interlocutora Katsumi Ishikawa -, seus familiares nunca emigraram para o Japão:

Kaoru Matsuda Fidalgo: Então, eu acho que meio que na nossa criação, houve um embate de culturas. Minha avó com uma cultura brasileira e meu avô queria impor aquela cultura japonesa. Só que as vezes umas coisas muito machistas e coisas que não se encaixavam no contexto dele. Sabe!? Como que você vai manter uma alimentação japonesa se você vive no..., se você é agricultor e vive com dificuldades!? Não tem recurso para comprar o arroz japonês e algas, coisas caras que não se encaixavam no padrão de vida deles.

Kaoru Matsuda Fidalgo: Minha avó por exemplo, na época de educar meus tios e minha mãe mais nova, eles plantavam e ela era professora. Então de manhã ela tinha que fazer comida para os funcionários, que trabalhavam na horta, de tarde ela dava aula para várias turmas. Então, não tinha como você encaixar aquilo ali na cultura, sabe!?

Kaoru Matsuda Fidalgo: Tipo, eu não vejo a cultura japonesa sendo implementada na educação dos meus tios, nem consequentemente na nossa geração. Hoje, depois que meu avô se aposentou, ele começou a cozinhar mais comida japonesa. Porque antes era coisa de uma vez por ano, era no aniversário dele que ele cozinhava comida japonesa. Depois ele começou a cozinhar na rotina. Já aposentado, com mais tempo. Então, agora está mais presente.

Kaoru Matsuda Fidalgo: Nenhum dos meus tios, primos ou primas falam japonês.

A interlocutora Kaoru Matsuda concluiu nosso bate-papo refletindo se existem situações que vale a pena busca mais uma descendência japonesa, enquanto que em outras vale mais buscar uma brasilidade. A entrevistada acredita que as pessoas sempre olham o cenário para pensar nas suas melhores estratégias para seus fins, mesmo que inconscientemente. Nessa mesma linha de pensamento, também concluiu a entrevistada Katsumi Ishikawa:

Katsumi Ishikawa Carvalho: Não que isso seja consciente, constante. Vai muito também do meio, o meio permeia tudo. Depende do meio em que você está...

Katsumi Ishikawa Carvalho: A minha família, to dando a minha família porque é quem eu tenho mais contato, assim. As mesmas pessoas que a gente morava lá no Japão, tios e família que moravam lá no Japão, o nosso “modo de agir entre nós como brasileiros” era diferente do “modo de agir como brasileiro” aqui no Brasil.

Katsumi Ishikawa Carvalho: Isso é muito louco! Lá no Japão, nós éramos brasileiros imigrantes e descendente de japonês. Só que lá, todomundo agia como aquele “brasileiro japonês”, “aquele brasileiro” que até o modo de falar: “hum”, “Eh!?”, todas as características dos imigrantes do meio.

Em seguida, Katsumi partiu para suas considerações finais em nossa videoconferência:

Katsumi Ishikawa Carvalho: É porque o meio permeia, né!? Ele trabalha em cima de ti. Qualquer situação... Até por amigos, falando no caso de não descendentes de imigrantes, tu vai começar a agir com “x” formas. Se tu tá no Japão, tu tem tudo aquilo te permeando culturalmente, visualmente, tudo sabe!? Tu tá te moldando, porque tu tens que te adaptar e fazer parte daquilo, para entre aspas tu sobreviver, né!?

Katsumi Ishikawa Carvalho: Às vezes é inconsciente, tu nem percebes tuas mudanças. Por isso que eu te dei o exemplo direto da minha família, onde ninguém estava se importando em se parecer mais imigrante ou descendente entre si. Independente do lugar que eu esteja, acho que o lugar vai fazer toda a diferença na situação.

Katsumi Ishikawa Carvalho: O jeito que nós víamos lá, entre nós, conversando, falando, agindo, tudo. É como se fosse duas famílias diferentes. Lá uma família de brasileiros muito mais japoneses, aqui uma família de japoneses muito mais brasileiros. (risos)

Katsumi Ishikawa Carvalho: Eu demorei um pouco para entender essa questão do meio. É repetitivo, mas é uma loucura porque tu acaba dizendo “Ah, não! Eu sou X”, é num tiro, quando a gente terminou de falar, essa frase aqui, já mudou para ti completamente “n” coisas. (risos)

Falando ainda sobre a categoria de análise Novos Atores, para Vanusa Sakura o “lugar faz toda a diferença”, mas diferente do que narrava Katsumi, Vanusa não encontrava em casa a liberdade vivida no mundo virtual:

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Em casa implicavam muito com as roupas que eu usava, principalmente por eu ser uma geração da internet. Eu já sabia meus gostos pela internet, tentava mostrar aqui em casa e me perguntavam: “como que uma menina vai se vestir assim ou agir dessa forma!?”, “o que as outras pessoas iriam pensar dela e da família dela!?”.

Perguntei quais eram as diferenças entre os imigrantes e as gerações descendentes. Vanusa afirma que sua mãe segue a cultura japonesa de forma rígida, provavelmente porque a sua avó cresceu em um Japão de outra época, mas as coisas mudaram muito com o acesso à Internet.

Vanusa Sakura Kobayashi Heinz: Pela internet, através de outros relatos eu comecei a perceber coisas que eu também vivia e sentia, então comecei a me dar conta que aquilo acontecia e que eu não precisava tolerar.

A também concluindo a videoconferência, a entrevistada Laura Mariko Kobayashi Heins, irmã de Vanusa Sakura, relatou que ano passado -2020- pela primeira vez uma descendente japonesa lhe chamou de mestiça. Que ela nunca havia se pensado como mestiça antes, me relatou como sentiu uma sensação de não pertencimento, como se não fizesse parte da comunidade japonesa.

Por fim, encerrando meu bate-papo com o entrevistado Michael Douglas, este acrescenta uma outra perspectiva. Para o interlocutor, quem está começando a ter contato com sua família japonesa, existe muita vontade de conectar-se aos seus desconhecidos:

Michael Douglas Shingaki: Foi ótimo! Por causa que a gente pode não ter aquela “o prestígio de família” para ser alguém na vida. Mas é bom a gente ver as raízes. Então quanto mais a gente tem contato com os parentes, mais sabemos de onde viemos. A gente consegue olhar melhor nossa história!

Michael Douglas Shingaki: Não. A base da minha família era xintoísta, mas depois que minha avó entrou para a igreja eles pararam de culturas práticas japonesas antigas. Quando minha mãe veio para cá, boa parte desta bagagem já havia se perdido. Ela já está muito ocidentalizada, já não tinha mais um vínculo que chamasse elas para coisas orientais.

Portanto, encerrando as categorias de análise *Novas Gerações* e consequentemente, também encerrando nossas análises categóricas, percebemos que todos os entrevistados possuem acesso à internet, assim como o domínio das principais ferramentas comuns às atuais atividades sociais. O acesso em tempo real, às informações e traduções, passa longe das dificuldades enfrentadas por outras gerações.

Muitas das categorias centrais, de conflitos, nas experiências de migração está na comunicação e nas distâncias. A globalização interconecta o mundo, em um clique, para aqueles que possuem acesso à rede e o domínio das ferramentas. Enquanto os imigrantes experimentaram vidas de exílio, fechados em suas comunidades, as novas gerações podem ter acesso à grupos de discussão e bate-papo, literalmente na palma das suas mãos.

Logo, a categoria analítica internet trata sobre a presente ruptura, ao passo que, mais do que uma ruptura de novas gerações descendentes de imigrantes

japoneses com tradições culturais, a internet traz uma ruptura global/local entre os espaços que possuem acesso às redes. Portanto, algumas transformações percebidas nas narrativas das entrevistas não são únicas do processo de geração definido, mas uma constante geracional nas sociedades que interagem com plataformas virtuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de dissertação se propôs a analisar as narrativas presentes nas novas gerações descendentes de imigrantes japoneses, nascidas após os anos 90, em Rio Grande, município localizado no sudeste rio-grandense. Infelizmente, em consequência dos desdobramentos do coronavírus, as pesquisas não puderam ser realizadas fisicamente na comunidade de Pelotas. A pesquisa de campo adaptada foi realizada a partir de um base metodológica qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas. Assim como, também, foram utilizados dados estatísticos governamentais e não governamentais, revisão bibliográfica e dados obtidos através das comunidades em rede que operam pelas plataformas digitais.

Neste sentido, os entrevistados trouxeram diferentes visões e justificativas, diferenciaram bullying de interações falhas, mas o consenso da utilização deste termo é saber se a pessoa destino está confortável. Essa conclusão concorda com as teorias propostas por esta pesquisa nas perspectivas que repudiam caracterizações deterministas e fixas de padrões colonialistas que incentivam denúncias às opressões ao *“formular estratégias para enfrentar todas elas na base de um entendimento de como se interconectam e articulam”* (BRAH, 2006, p. 376). Portanto, através dessas quatro categorias analíticas explanadas, o diálogo entre as teorias propostas nesta pesquisa e as entrevistas realizadas salienta os entendimentos que interconectam as *novas gerações descendentes de imigrantes japoneses* em Rio Grande.

De acordo com os próprios entrevistados, é possível ativar ou desativar algumas características étnicas ou raciais, em determinadas situações, configurando assim uma espécie de “jogo”. O indivíduo amarelo e/ou asiático pode representar o personagem do “Japa” incutido no imaginário brasileiro, mas também pode se despir de determinados atributos para evidenciar sua identidade, que pode ser multicultural, pode ser híbrida. Inclusive, a relação dialógica entre cultura brasileira ou japonesa

pode ser deixada de lado, em caráter de importância, para as necessidades das mulheres descendentes.

Acredito que uma das considerações importantes desta pesquisa seja a necessidade de uma estratégia fundamental para se pensar a questão da identidade/diferença em currículos pedagógicos que pensem a identidade/diferença como questões políticas. Assim sendo, no centro estaria a discussão da linguagem como representação de poder e, como contexto histórico a diversidade social, familiar e cultural dos alunos. A finalidade destas atividades estaria no entendimento de que a *“diversidade cultural não é nunca um ponto de origem, ela é, em vez disso, o ponto final de um processo conduzido por operações de diferenciação”* (Tomas Tadeu da Silva, 2000, p. 100).

Uma política pedagógica e curricular da identidade/diferença teria que ir além das “politicamente corretas” declarações de boa vontade para com a diversidade. Essas políticas devem se basear em teorias que permitam não simplesmente reconhecer e celebrar a identidade/diferença, mas também questioná-las. Essas práticas deveriam ser capazes de abrir o campo da identidade para estratégias que desestabilizem concepções deterministas e fixas, trazendo diferenças como hibridismo, nomadismo, travestismo, transfronteiriço, cosplay, otaku, e estimular, ao mesmo tempo, o impensado, o inexplorado, o ambíguo, o incomum, o não-binário e a performatividade. Paralelamente, seriam importantes políticas pedagógicas que não agenciassem os subalternos ou minorias somente pelas suas sensibilidades.

A presente pesquisa tinha como um dos objetivos específicos iniciais *discutir como as novas gerações transitam dentro de atividades sociais que promovem uma matriz cultural presente no quadro de formações nipo-brasileiras*. Todavia, como resultado do desdobramento da pandemia do coronavírus, COVID-19, pelas das normas fitossanitárias de distanciamentos social, a fim de garantir a seguridade de entrevistados e pesquisador, não houve possibilidade de realizar a pesquisa de campo nas localidades pelotenses. Em contrapartida, o resultado das entrevistas concedidas por videochamada, com entrevistados de Rio Grande, superou as minhas expectativas trazendo muitas informações para repensar as questões propostas inicialmente.

Concomitantemente, os outros objetivos específicos iniciais resultaram em sucesso. Foi *identificado como as novas gerações nipo-brasileiras gaúchas lidam com*

as redes de interconexão e quais são as composições de estruturas sociais que as conectam, através da adaptação metodológica que capacitou o olhar sobre as plataformas digitais e sua contribuição para o campo netnográfico. Reitero aqui, que o método netnográfico pode ser complemento ao método etnográfico, uma vez que o espaço virtual é uma extensão, uma continuação do espaço real.

Assim, também foram *conhecidas as transformações e ressignificações culturais das novas gerações nipo-brasileiras produzidas na mesorregião do sudeste rio-grandense*, através das entrevistas semiestruturadas realizadas por vídeo conferências e pela análise das categorias a partir das teorias percorridas nos capítulos desta dissertação. Em resumo, este objetivo específico visava dar conta de perceber as narrativas qualificadamente, dentro das metodologias propostas com o intuito de permitir aos interlocutores utilizarem a forma como se expressam para viabilizar sua narrativa, visto que esta pesquisa não ousa roubar a voz de ninguém.

Finalmente, também foi *discutido, com as entrevistadas e os entrevistados, se a autodeclaração étnico-raciais amarelo (IBGE) consegue representar as dimensões identitárias produzidas*. Não imaginei que este objetivo específico iria gerar tantas discussões. Inicialmente tive receio de que estaria me comprometendo com um objetivo determinista, contudo o resultado das categorias de análise foi mais do que satisfatório, foi enriquecedor no debate.

Por fim, no desenvolvimento desta dissertação tive a oportunidade de repensar muitas vezes as minhas concepções e percepções sobre a definição de gerações e sobre ser descendente de imigrantes japoneses no Brasil. Certamente, as maiores retribuições estão nas novas perspectivas provocadas pelos campos. Nesta pesquisa fui provocado a refletir sobre o papel transformador da Cultura na constituição de identidades, independentemente de territórios, fronteiras, famílias ou genéticas.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR**, Hugo. **Planetas sem Boca**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- AKOTIRENE**, Carla. **O que é Interseccionalidade?**. Entrevista concedida a Carla Batista. Folha de Pernambuco, setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/NOTICIAS/2190-O-QUE-INTERSECCIONALIDADE/80564/>> Acesso em: 10 de novembro de 2020.
- ALMEIDA**, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ANGROSINO**, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- APPADURAI**, Arjun. **Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004. 304p.
- APPADURAI**, Arjun. **O medo ao pequeno número - ensaios sobre a geografia da raiva**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- APPADURAI**, Arjun. **Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós nacional**. Novos Estudos CEBRAP, n.49, 1997.
- ASSIS**, Gláucia; **SASAKI**, Elisa Massae. **Novos Migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica**. In: **CASTRO**, Mary Garcia (Org.). **Migrações Internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001, p.615-669.
- AUGÉ**, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BHABHA**, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BOURDIEU**, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- BRAGA**, Adriana. **Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica**. UNIrevista, v. 1, n. 3, p. 1-11, jul. 2006.
- BRAH**, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 1, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014>
- BUTLER**, J. **Excitable Speech: a Politics of the Performatives**. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER**, J. **Judith Butler e a teoria queer**. Conferência mediada por Vladimir Safatle. I Seminário Queer: Sesc São Paulo, setembro de 2015. Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc>> Acesso em: 06 de fevereiro de 2021.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J; SPIVAK, Gayatri C. Quem canta o Estado-nação? Trad. Vanderlei J. Zacchi e Sandra Goulart Almeida. Brasília: EDUNB, 2018.

C. **SAKURAI** e M. P. **COELHO** (orgs.), **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil.** Rio de Janeiro, IBGE, 2008. 210p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv38935.pdf>> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

CALLE 13. La Vuelta al Mundo. Composição: Eduardo Cabra & René Pérez. Sony Music, Sony Music Latin, 2010. (3:54)

CARTA CAPITAL. A solidariedade antirracista é o maior medo da supremacia branca. Carta Capital, 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201ca-solidariedade-antirracista-e-o-maior-medo-da-supremacia-branca201d>>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Medeiros, Carlos Alberto. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. 2013. Rio de Janeiro: Zahar, 271p.

CASTRO, Marco L. Entre o Japão e o Brasil: A trajetória do imigrante. Estudos Japoneses, São Paulo, n. 14, p. 73-82, 1994. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v0i14p73-82>

CRAVO, A.C. JUNIOR, H. G. A. Imigração japonesa no Rio Grande do Sul: Resgate da memória Nikkei no centro do estado. Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição, 2010.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

DELEUZE, Guilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Guilles. Diferença e repetição. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed, 2006

FRAGA, Jefferson Souza, & STRACHMAN, Eduardo. (2013). **Crise financeira: o caso japonês.** Nova Economia, 23(3), 521-554. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512013000300002>

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura).

GILROY, Paul. Entre Campos: nações, cultura e o fascínio da raça. Tradução de Celia Maria Marinho de Azevedo et al.- São Paulo: Annablume, 2007.

GONDIM, Linda M.P.; **LIMA**, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. São Carlos, SP: Editora UFSCar, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.

HALL, Stuart. **A Questão Multicultural**. In: **HALL**, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, p. 51-100, 2003.

HANDA, T. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz; Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, 1987.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications Ltd; 2000. DOI: <https://dx.doi.org/10.4135/9780857020277>

IBGE, Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **“Brasil: 500 anos de povoamento”**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/japoneses.html>> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

JUNGBLUT, Cristiane. **Japão promete melhorar a vida dos dekasseguis**. Caderno de economia em periódico. Jornal O Globo, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/390476/complemento_1.htm> Acesso em: 06 de maio de 2021.

KIKUCHI, Wataru. **Relações hierárquicas do Japão contemporâneo**: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2012.tde-28082012-123242>

KONIGAME, Maria Juliana. **O local e o global na comunidade nipo-brasileira: um exercício sociológico sob o prisma dos jovens na cidade de São Paulo**, 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p.24. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2011.tde-02052012-160421>

MARRE, Jacques L. **História de vida e método biográfico**. Cadernos de Sociologia, v. 3, n. 3, p.89-141, 1991.

MELLO, Clélia. **“Tozai, tozai: os dekasseguis nos movimentos diaspóricos japonês e brasileiro”**. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 23-26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298611_ARQUIVO_clelia_mello_fazendogenero1.pdf> Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

MOREIRA, Maria Eunice. **Portugueses e castelhanos na literatura sul-riograndense**. Boletim – Revistada Associação Internacional de Leitura – Conselho Brasil Sul, nº 1-4, 1989.

MOTTA, G. S.; SOARES, A. L. R. “Identidades de kassegui/decasségui: um olhar antropológico”. Revista Eletrônica Métis. História e Cultura. UCS, v. 11, p. 281-299, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1545/1255>> Acesso em: 03 de abril de 2021.

NOVELI, M. **Do off-line para o online:** a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? Organizações em Contexto, v. 6, n. 12, p. 107-133, 2010.

NUCCI, Priscila. **Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil:** textos e silêncios. Campinas, SP, 2000.

OGASAWARA, Kôei, Kieta Ijûti wo motomete (A procura das colônias japonesas desaparecidas). In: Livro comemorativo cem anos da imigração japonesa. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros. V. 3, pp. 230-243.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

OSAWA, Cibele Cristina. **Trabalho "porco, perigoso e pesado" dos de kasseguis e incidência de doenças psíquicas.** Physis, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 129-137, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312006000100010>

PISCITELLI, Adriana G. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Sociedade e Cultura, v. 11, n. 2, p. 263-74, jul./dez. 2008.

RITA, Maria. **Encontros e Despedidas.** Composição: Milton Nascimento & Fernando Brant. Rio de Janeiro: Toca do Bandido: 2003. (4:02)

ROCHA, Everardo Pereira Quimarães; BARROS, Carla; PEREIRA, Claudia. **Perspectivas do método etnográfico em marketing: consumo, comunicação e netnografia.** In: EnANPAD Encontro da ANPAD, 29; 2005, Brasília: Anais, 2005.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia: incursões metodológicas na Cibercultura.** E-Compós (Brasília), Brasil, v. 4, pp. 1-22, 2005.

ROTH, Joshua H. **Brokered Homeland: Japanese Brazilian Migrants in Japan.** New York: Cornell Univ. Press, 2002. IN: **SUZUKI, S.; ITO, C. A.; MAEYAMA, J.** **A study on the basis of the field research on the education for brazilian students.** Tokoha Gakuen University research review, Shizuoka, v. 1, n.22, p. 1-45, 2001.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. **SAID, Edward W.** **Fora do lugar:** memórias de Edward W. Said. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANGUINÉ, Leon. **Pelotas de Muitas Faces.** Jornal Diário Popular, Aniversário dos 205 anos de Pelotas, ed. 07 de julho de 2017. Pelotas, 2017.

SASAKI, Elisa. A imigração para o Japão. Estud. av. [online]. 2006, v. 20, n. 57, pp.99-117. ISSN 0103-4014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200009>

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998. 299p.

SAYAD, A. **O Retorno**: Elemento Constitutivo da Condição do Imigrante. Revista Travessia: Revista do Migrante. São Paulo. Edição especial. Ano XIII, janeiro, 2000. Disponível: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/900/835/>> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Uma terra só**. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

SHIMABUKO, G. **A origem do Perigo Amarelo**: Orientalismo, colonialismo e a hegemonia euro-americana. UNESP, Araraquara. 2016.

SHIMABUKO, G. **Para além da fábula das três raças**: uma introdução à percepção racial do amarelo e do japonês no Brasil. UNESP, Araraquara. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVEIRA, S. **Democracia e os códigos invisíveis**. Como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Sesc Publicações, 2019.

SIMMEL, G. Simmel: **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SOARES, A., **SOUZA**, C., & **LIMA**, A. Memória e acervo: da trajetória de um projeto de extensão à constituição de um memorial. Revista CPC, 2009, v. 8, p. 68-85.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha**. In: **ABDALA JÚNIOR**, Benjamin (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Editora Boitempo, 2004, p.113-134.

SUZUKI JR, Matinas. **Rompendo silêncio**. Folha de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2004200804.htm>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

TAKEUCHI, M. Y. **O perigo amarelo em tempos de guerra (1939–1945)**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

TAKEUCHI, M. Y. **O perigo amarelo**: imagens do mito, realidades do preconceito (1920–1945). São Paulo: Humanitas, 2008.

TANIGUTI, G.T. **Cotia: imigração, política e cultura**. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo: São Paulo. 2015.

WAWZYNIAK, Sidnalva Maria. **A “Colônia” como representação**: imigração japonesa no Brasil. In: **HASHIMOTO**, Francisco et al. (org.). **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. São Paulo: Unesp, 2008, p.167-188.

ANEXOS

Anexo A - Roteiro para entrevistas

BLOCO 01: FAMÍLIA

- Dados pessoais?
- Porque você é descendente de imigrantes japoneses?
- Composição Familiar?
- Quais hábitos em casa?
- Participou de grupos ou cultura tradições?
- Como se aproximam e como se distanciam as gerações no núcleo familiar?

BLOCO 02: ESCOLA

- Já te chamaram de “Japa”?
- As pessoas te faziam perguntas da sua descendência?
- As pessoas fazem estas perguntas por curiosidade, para iniciar conversa ou seria bullying?
- Você já sofreu bullying?

BLOCO 03: TRABALHO

- O trabalho está relacionado à cultura japonesa?
- Qual a relação descendência japonesa nas relações de trabalho?

BLOCO 04: RELAÇÕES PESSOAIS

- Como se dá a construção da identidade dos descendentes?
- Qual a relação da descendência japonesa nas relações afetivas?
- Se autodeclara amarelo ou amarela?
- Como suas performatividades de gênero se relacionam com a descendência?
- Qual a diferença entre as gerações, de forma ampla?

Anexo B – Mieko Konishi



Descrição: Mieko Konishi, sua filha e netas. Rio Grande/RS, 2014.

Publicação: Leandro Carvalho, 31 de janeiro de 2014⁷⁴.

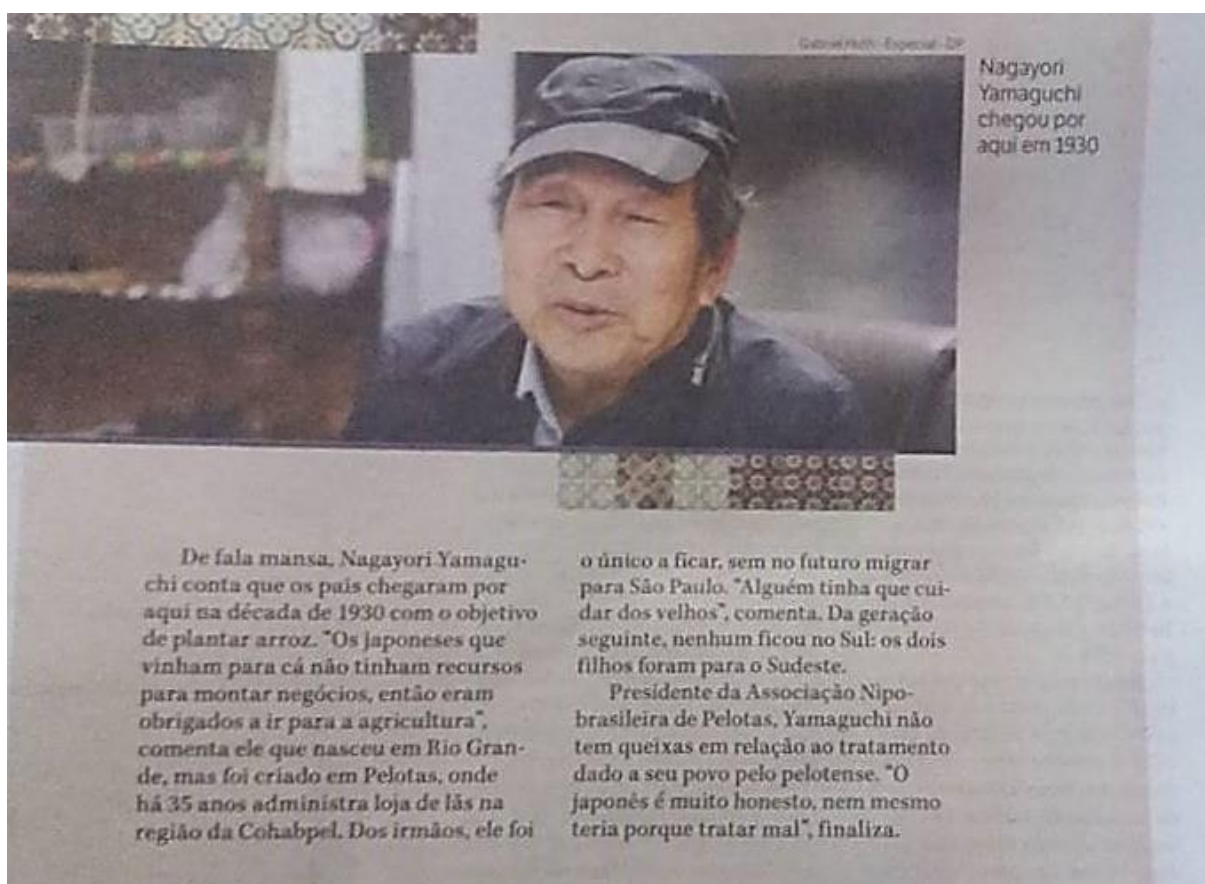
Comentário: A fotografia de Leandro Carvalho registra, em 31 de janeiro de 2014, uma entrevista realizada para o Jornal Agora, de Rio Grande, sobre culinárias tradicionais passadas de geração para geração. Na foto, em sequência da direita para a esquerda estão Mieko Konishi, sua filha Alice Yoshie Konishi Britz e suas netas Vanessa Satie e Larissa Midori Konishi Britz. Pratos da culinária japonesa foram apresentados, como o *tempura*⁷⁵, o *futomaki sushi*⁷⁶, entre outros.

⁷⁴ CARVALHO, Leandro. “Mieko Konishi, Filha e netas”. Rio Grande, 31 de janeiro de 2014. Acervo pessoal.

⁷⁵ No idioma japonês 天麩羅 ou 天ぷら. O clássico “Peixinhos da horta” na culinária portuguesa, foi exportado pelos missionários para o Japão, no século XVI.

⁷⁶ No idioma japonês 太巻き, ou ふとまき, são sushis de formatos cilíndricos e enrolados em folhas de algas nori, conhecidos pela maior quantidade de ingredientes e tamanhos.

Anexo C – Nagayori Yamaguchi



Descrição: Presidente da Associação Nipo-brasileira de Pelotas, Pelotas/RS, 2017.

Publicação: Jornal Diário Popular, 07 de julho de 2017⁷⁷.

Comentário: Em matéria comemorativa aos 205 anos da cidade de Pelotas, publicado no jornal impresso Diário Popular, o caderno especial "Pelotas de Muitas Faces" entrevistou Nagayori Yamaguchi, descendente de imigrantes japoneses que chegaram em Rio Grande na década de 1930. O então presidente da Associação Cultural Nipo-Brasileira de Pelotas contou que sua família veio com o objetivo de plantar arroz, que nasceu em Rio Grande, mas foi criado em Pelotas, não tendo queixas em relação ao tratamento dado a seu povo pelo pelotense.

⁷⁷ SANGUINÉ, Leon. Caderno especial: "Pelotas de Muitas Faces", Jornal impresso Diário Popular, ed. 07 de julho de 2017. Pelotas, 2017.

Anexo D - Fotografia Fruteira Nippon



Descrição: Fruteira Nippon, Pelotas/RS, 2019.

Publicação: Google Maps⁷⁸.

Comentário: Próximo ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas. Endereço Rua Dom Pedro II, 602 - Centro, Pelotas - RS, 96010-300.

⁷⁸ Fotografia: "Fruteira Nippon". Disponível em: <<https://goo.gl/maps/ZfyPLgVnSAqEtq3G8>> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

Anexo E - Fotografia Mercado Nippon



Descrição: Mercado Nippon, Pelotas/RS, 2020.

Publicação: Google Maps⁷⁹.

Comentário: Mercado no bairro de Pelotas, em 2020. Endereço: Rua Carlos Gotuzzo Jacoboni, 1153 - Fragata, Pelotas - RS, 96040-240.

⁷⁹ Fotografia: "Mercado Nippon". Disponível em: <<https://goo.gl/maps/57TQvMWaPcMKsoPB9>> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

Anexo F - Fotografia Lavanderia Japonesa (Pelotas)



Descrição: Lavanderia Japonesa, Pelotas/RS, 2019.

Publicação: Google Maps⁸⁰.

Comentário: Lavanderia no centro de Pelotas, em 2019. Endereço: Rua Quinze de novembro, 861 - Centro, Pelotas - RS, 96015-000.

⁸⁰ Fotografia: "Lavanderia Japonesa" (Pelotas). Disponível em: <
<https://goo.gl/maps/uNgPpYXNjdfWijAi9>> Acesso em: 06 de junho de 2021.

Anexo G - Fotografia Lavanderia Japonesa (Rio grande)

Descrição: Lavanderia Japonesa, Rio Grande/RS, 2021.

Publicação: Google Maps⁸¹.

Comentário: Lavanderia no centro de Rio Grande, em 2021. Endereço: Rua Andradas, 299 - Centro, Rio Grande - RS, 96200-030.

⁸¹ Fotografia: "Lavanderia Japonesa" (Rio Grande). Disponível em: < <https://g.page/lavanderia-japonesa> > Acesso em: 10 de julho de 2021.

Anexo H - Fotografia Pastelaria Japonesa



Descrição: Pastelaria Japonesa, Rio Grande/RS, 2019.

Publicação: Google Maps⁸².

Comentário: Pastelaria no centro de Rio Grande, no andar térreo do Edifício Tizuru, 2019. Endereço: Avenida Silva Paes, 372 - Centro, Rio Grande - RS, 96200-340.

⁸² Fotografia: "Pastelaria Japonesa". Disponível em: < <https://goo.gl/maps/6rYSedqMYynSBVFqZ> >
Acesso em: 10 de julho de 2021.

Anexo I - Fotografia Pastelaria do Japonês



Descrição: Pastelaria do Japonês, Rio Grande/RS, 2019.

Publicação: Google Maps⁸³.

Comentário: Pastelaria no bairro Cidade Nova, Rio Grande, 2019. Endereço: Rua Cristóvão Colombo, 521 - Cidade Nova, Rio Grande - RS, 96211-510.

⁸³ Fotografia: "Pastelaria do Japonês". Disponível em: < <https://goo.gl/maps/AWnXRUwgUgUCM7tx7> > Acesso em: 10 de julho de 2021.

Anexo J - Fotografia Restaurante Kotobuki



Descrição: Restaurante Kotobuki, Rio Grande/RS, 2019.

Publicação: Google Maps⁸⁴.

Comentário: Restaurante no centro de Rio Grande, 2019. Endereço: Rua Luiz Lorea, 315 - Centro, Rio Grande - RS, 96200-350.

⁸⁴ Fotografia: "Restaurante Kotobuki". Disponível em: < <https://goo.gl/maps/SP1LLDPXy4T4wEEd8> >
Acesso em: 10 de julho de 2021.